



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA-LICENCIATURA

NATHÁLIA DA SILVA MONTEIRO

**MULHERES, GÊNERO E SURF: NARRATIVAS SOBRE INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA NA PRÁTICA**

FORTALEZA

2017

NATHÁLIA DA SILVA MONTEIRO

MULHERES, GÊNERO E SURF: NARRATIVAS SOBRE INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA NA PRÁTICA

Projeto de Monografia submetido à avaliação como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão do Curso II do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M778m Monteiro, Nathália da Silva.
Mulheres, gênero e surf: narrativas sobre inserção e permanência na prática / Nathália da Silva Monteiro. – 2017.
98 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.
1. Gênero. 2. Mulheres . 3. Surf. 4. Educação Física. I. Título.

CDD 790

NATHÁLIA DA SILVA MONTEIRO

MULHERES, GÊNERO E SURF: NARRATIVAS SOBRE INSERÇÃO E
PERMANÊNCIA NA PRÁTICA

Projeto de monografia submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão do Curso II.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^a. Dra. Tatiana Passos Zylberberg

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Leandro Cortonesi Masuda

Universidade Federal do Ceará – UFC

DEDICATÓRIA

A Deus e aos meus pais que sempre me apoiaram de todas as maneiras a buscar os meus objetivos, garantindo que nunca me faltasse nada, principalmente amor.

A minha irmã e minha sobrinha que sempre valorizaram meus conhecimentos

A Michelly, que sempre me fez acreditar que eu seria capaz

A memória do meu sobrinho João Pedro.

Aos amigos que conquistei dentro da universidade. Que muito me ajudaram ao longo da vida acadêmica.

A todas as Luanas Reis e Dandaras dos Santos e tantas mulheres que em algum momento foram privadas do direito de ir e vir, pelo simples fato de serem mulheres, seja ela cis, trans, hétero ou homossexual. Privadas de condições igualitárias de acesso aos meios sociais

AGRADECIMENTOS

As entrevistadas que se dispuseram a compartilhar comigo suas histórias.

Ao meu orientador, pelo incentivo na elaboração do trabalho.

A todos os professores do IEFES que contribuíram para a minha formação enquanto profissional de educação física.

A todos que direta ou indiretamente tornaram possível a realização deste trabalho.

“Imagine como poderíamos ir mais além se o gênero não ditasse quem deveríamos ser?”

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Essa pesquisa foi motivada por inquietações pessoais, no meu lugar como mulher na sociedade, sujeita as imposições socialmente instituídas à condição feminina. O presente estudo visou discutir as questões de gênero no campo esportivo, tendo como objeto o surf feminino. Tendo como objetivo geral, analisar as narrativas de mulheres praticantes da modalidade do surf, afim de discutir os fatores que permeiam a pratica esportiva das mesmas. Fez-se necessário a debater acerca das concepções de gênero numa perspectiva da divisão sexual das funções sociais e modos de incorporação das feminilidades e masculinidades, bem como o conceito de violência simbólica. Este estudo constitui-se enquanto uma pesquisa qualitativa, tendo como método para a coleta de dados, a entrevista narrativa. A partir das falas das entrevistadas foi possível perceber fatores que permeiam a inserção da mulher na modalidade do surf e modos característicos de violência simbólica. Por fim contribuições que a educação física pode reunir às disposições sociais de inserção a prática esportiva.

Palavras-chave: gênero, mulheres, surf.

ABSTRAT

This research was motivated by personal concerns, in my place as a woman in society, subject socially imposed impositions to the feminine condition. The present study aimed to discuss gender issues in the sports field, with the objective of female surfing. With the general objective of analyzing the narratives of women practicing surfing, in order to discuss the factors that permeate their sports practice. It was necessary to debate about gender conceptions in the perspective of the sexual division of social functions and modes of incorporation of femininities and masculinities, as well as the concept of symbolic violence. This study constitutes a qualitative research, having as a method for data collection, the narrative interview. From the interviewees' speeches, it was possible to perceive the factors that permeate the insertion of women in the surfing modality and characteristic modes of symbolic violence. Finally, contributions that physical education can bring to the social provisions of insertion into sports practice.

Keywords: gender, women, surfing.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	8
2- OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3- REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4- METODOLOGIA	23
4.1 Tipo de estudo.....	23
4.2 Amostra	23
4.3 Instrumento de coleta de dados.....	24
4.4 Aspectos éticos	25
4.5 Análise dos dados.....	25
5- ANÁLISE DOS DADOS.....	26
5.1 Fatores que permeiam a inserção da mulher no surf.....	26
5.2 Modos característicos de violência simbólica.....	33
5.3 O lugar da mulher no surf.....	41
5.4 Gênero, educação física e esporte.....	43
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
APÊNDICES.....	51
APÊNDICE A.....	52
APÊNCIDE B.....	53
ANEXOS	95
ANEXO A.....	96

1. INTRODUÇÃO

Este estudo baseia-se em uma pesquisa situada dentro do campo de estudos socioculturais da educação Física e Esportes. Neste me debrucei sobre aspectos socioculturais da prática esportiva na modalidade surf feminino. O estudo está voltado para a análise dos discursos das praticantes do sexo feminino sobre as implicações da sua inserção e permanência na modalidade. Contextualizando aos aspectos sociais que influenciam social e culturalmente a adesão das mulheres à prática esportiva.

Segundo Dias, Forte e Melo (2012) a propagação do surf brasileiro teve seu início na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1950 por uma camada jovem da população que frequentava as praias, principalmente Copacabana. Estes baseavam-se em ideais de juventude, hedonismo e transgressão. Para a fabricação das pranchas, contavam com o trabalho de praticantes de pesca submarina, sendo os clubes de pesca as instituições a oferecer apoio para as competições. Hoje, segundo dados divulgados no curso: “Surf: Administração, Marketing e Gestão de Negócios” promovido pelo Instituto Brasileiro de Surf (Ibrasurf) em 2010, o surf é praticado por cerca de 3 milhões de brasileiros, movimenta 6 bilhões de reais por ano no Brasil, tendo crescimento estimado em 10% ao ano desde 2000.

Kampion & Brown (2003) apud Cabeleria (2011) diz que a inserção das mulheres no surf se deu por volta dos anos 20 nos Estados Unidos, sendo ainda um esporte predominantemente masculino. A partir dos anos de 1950 o número de mulheres passou a aumentar tendo hoje atletas notáveis. Sobre o surf feminino brasileiro, Bitencourt, et al. (2006, p. 116) destacam que: “No atual estágio, (...) pode ser considerado bem sucedido”. Com o patrocínio da Petrobras em 2002 para o primeiro circuito feminino de surf no Brasil a vertente ganhou visibilidade no mercado e na mídia, iniciativa da empresária Laila Werneck, ex-surfista e idealizadora do projeto Circuito BR de Surf Feminino (idem, p. 116). A participação feminina em campeonatos da modalidade apesar de crescente ainda é muito inferior à masculina. Como um exemplo das desigualdades de oportunidade no esporte, nas competições de surf profissional encontramos menos vagas para as mulheres. No ranking brasileiro do open de 2017 registrado pela Confederação Brasileira de Surf (CBS), o quadro masculino apresenta 34 atletas. Enquanto que o quadro geral feminino, conta com o nome de 4 atletas. Na WSL (World Surf League) na classificação do campeonato masculino, conta com o nome de 41 atletas. O ranking feminino apenas 20. Dentre elas duas brasileiras, Silvana Lima e Tainá Hinckel.

Essa pesquisa foi motivada por inquietações pessoais, no meu lugar como mulher na sociedade, sujeita aos recorrentes casos, noticiados ou não de desvalorização e abusos à imagem e/ou ao corpo da mulher e inserida no meio esportivo através da minha área de graduação. Percebo que o esporte ainda é um espaço de dominância masculina reflexo da nossa sociedade, historicamente patriarcal. O presente estudo discute questões de gênero no campo esportivo, tendo como objeto o surf feminino. Levando em conta o ainda inferior número de praticantes do sexo feminino e os motivos que as levam ou levaram a sua inserção no esporte e as implicações de ser mulher na prática do surf, na ótica das mulheres.

No interior das redes de poder, as diferenças biológicas são tomadas como parâmetros para explicar desigualdades sociais. Podendo ser fator determinante na inclusão ou exclusão de indivíduos nos diferentes âmbitos. “As marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias.” (GOELLNER, 2007, p. 3) O esporte reproduz essas marcas da sociedade agregando significados a sua prática. Propõe acreditar que as características determinadas do sexo biológico, determinam o comportamento as funções sociais e até as possibilidades de movimentação. (idem, p. 3) Nesse contexto Goellner (2010) diz que:

Reconhecer a diversidade significa aceitar a ideia de que ser diferente não significa ser desigual. Pois em nome desses marcadores indenitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer. (p. 71)

A mulher ao longo da história ficou num plano secundário da sociedade, a serviço do homem e da família (CRUZ e PALMEIRA, 2009). Esse afunilamento em direção às funções sociais é expressado também através da compreensão que mulheres e homens tem sobre o lazer. Um estudo de Goellner et al (2010) diz que os homens entendem lazer como diversão, e que é desenvolvido em espaços públicos. Enquanto as mulheres, definem lazer em poder estar com a família em sua maioria associado a ambientes domésticos. Atividades esportivas e o contato com o mundo para além das paredes de casa fica incumbido na sociedade como um espaço prioritariamente masculino. Goellner (2010, p. 19) completa dizendo que “lazer é um espaço generificado e generificador”. Onde se produzem e reproduzem representações ditas masculinas e femininas. Um conjunto de normas sociais e de atribuição de funções a serem exercidas na sociedade é enraizado desde criança nos indivíduos, fazendo-os desenvolver a noção do que cabe socialmente a homens e o que cabe as mulheres. O que cabe aos meninos e o que diz respeito apenas as meninas.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem (...) Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes (...) em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar. (DAOLIO 1995 p.102).

As crianças são como aprendizes de uma vida adulta. Seu comportamento, suas ações e até mesmo suas brincadeiras, próprias da infância, são subjugadas pelo que os adultos admitem como coerente a cada gênero, limitando-se a dicotomia homem-mulher, como únicas maneiras de expressão de gênero. A escola aparece como uma reprodutora da sociedade nesse sentido:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico. (LOURO, 2003, p.45)

Esses conceitos do que é masculino ou feminino não partem do indivíduo naturalmente. O ser humano é reflexo dos estímulos que lhe são ofertados. Uma menina que ganhou uma bola na infância e que foi conduzida a jogar futebol só questionará se futebol é um esporte para meninas, quando se deparar com as demais que não foram estimuladas a mesma prática. E assim podendo sentir-se diferente, fora do padrão e ainda inferior perante essas condições. Cria-se um ciclo. Considera-se o fator biológico como determinante de que as meninas são frágeis e desse pressuposto molda-se as imposições sociais que tendem a limitar a mulher, acreditando que ela não é capaz. Sendo que é a privação de vivências das quais elas podem adquirir capacidades físicas e motoras que a limitam, pois nega-se essa aquisição de aprendizagens. O social interfere diretamente no biológico. Depois do ambiente familiar (se nele houve) o segundo contato que a criança tem com o esporte é vivenciado na escola através das aulas de educação física e nelas é notório a diferenciação que se faz entre meninos e meninas.

(...)a Educação Física muitas vezes auxilia na consolidação destes conhecimentos deturpados, pois há inculcado na sua cultura, a pseudo-superioridade masculina, devido aos meninos apresentar maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades físicas. Entretanto, sabe-se que tais diferenças provem de um maior repertório motor dos meninos, em consequência do maior número de vivências realizadas por eles. (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 117)

Alguns professores visando essa possível disparidade, usam como estratégia para melhor aproveitamento das atividades, separar as atividades por gênero. Há os jogos para meninas e para meninos. Para se ter um equilíbrio ou um padrão na realização das atividades.

De acordo com Altmann (1998, p.100) a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física durante anos, foi um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e também não preparou os (as) educadores(as) para atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas: “separar meninas e meninos nas aulas (...)” é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos e separados.”

Essa ação de separação impede que os alunos desenvolvam a ideia de que diferença não é sinônimo de inferioridade. Os parâmetros curriculares nacionais PCN's (1997) considera importante a realização de aulas mistas para que meninos e meninas aprendam a lidar com as diferenças e a serem mais tolerantes. A escola pode auxiliar na desconstrução dessa imagem corporal determinada e homogênea do que é ser mulher ou ser homem e o que é adequado dentro dessas classificações. A Educação Física pode contribuir por intermédio das práticas corporais igualando as condições de acesso e aprendizagem das mesmas. Podendo refletir na adesão de práticas fora do ambiente escolar, como a inserção em uma modalidade esportiva, tendo como pressuposto que não é o fato de ser mulher ou homem que determina a sua adequação a uma modalidade esportiva. Porém o campo esportivo ainda é um espaço que carregar marcas sociais de gênero nas suas práticas.

Nesse contexto trago nesta pesquisa as concepções formuladas sobre ser mulher dentro da modalidade do surf, onde os atores sociais dessa interação, se fazem a partir de como é dada a ordem social das coisas. Partindo da análise de como a as entrevistadas enxergam seu lugar no (mundo social generificado do) surf? Como analisam o lugar ocupado pela mulher no contexto esportivo do surf? Como é o processo de inserção e permanência das mulheres no surf? Quais desafios são enfrentados para ampliar a participação da mulher nesse contexto?

2. OBJETIVOS

Objetivo geral:

- Analisar percepções sobre o lugar da mulher no surf, a partir das narrativas de atletas e/ou praticantes da modalidade, sobre ser mulher nesse esporte.

Objetivos específicos:

- Analisar os fatores que permeiam a inserção e permanência da mulher no meio esportivo do surf, a partir do relato de experiência de mulheres praticantes.
- Identificar existência e modos característicos da violência simbólica de gênero no surf, nas experiências analisadas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para desenvolvimento do estudo fez-se necessário examinar conceitos como: gênero, dominação masculina e violência simbólica, bem como analisar a relação da mulher com o esporte e com o surf, correlacionando as caracterizações sociais de gênero com a prática esportiva.

Ao pensarmos as questões de gênero tem-se primeiramente discutir o que esse termo significa do ponto de vista social e biológico dos indivíduos. Para Gonçalves Junior e Ramos (2005):

O conceito de gênero explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico- social, tendo em vista o que é estabelecido em termos de papéis sociais para estes indivíduos, diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicações das diferenças entre feminino e masculino como fruto da “natureza”. (p.5)

Nesse sentido não só os fatores biológicos são o determinante para se estabelecer os papéis dos indivíduos na sociedade. As variáveis que partem dessa diferença entre os seres implicam no que é atribuído a cada um deles. Estes se fazem diferentes não pelo sexo, mas pelo que é atribuído a cada um pela sua determinação biológica. Louro (2003) reforça essa ideia quando diz que:

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que sócia lmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual *gênero* será um conceito fundamental. (p. 21)

Louro (2003) não despreza a relevância do sexo, mas coloca como foco para as discussões de gênero o que é social e historicamente produzido e imposto através das características dos indivíduos. Colocando gênero como uma construção social, estabelecido através das relações sociais. E esses modelos e concepções de gênero diferem entre as sociedades e em momentos históricos. Louro acrescenta à ideia de gênero que este não se limita ao estabelecimento de papeis sociais, mas refere-se à identidade do sujeito. “A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e femininos.” (idem p. 23) “A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos.” (idem p. 24)

Goellner (2010, p. 75) difere gênero de sexo quando diz que: “Por gênero entende-se a condição por meio da qual nos identificamos como masculino e feminino. É diferente de

sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa”. E reforça que gênero é um conceito de construção social: “o gênero, portanto não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos a partir daquilo que se define como masculino e/ou feminino”.

Trata-se de uma educação dos corpos estabelecendo padrões de normalidade e velando as diferenças e pluralidade dos seres nessa dicotomia estabelecida do que é ser homem ou ser mulher. Nesse sentido a sexualidade dos indivíduos perde a compreensão de que assim como estes, ela é plural e pode ser vivida de diversas maneiras. A relação entre sexo, identidade de gênero e sexualidade pode assumir as mais diferentes formas. Independente de como socialmente um indivíduo venha a ser rotulado, ele pode identificar-se de maneira distinta e assumir comportamentos que cultural, social e historicamente podem não ser aceitos como dentro da normalidade. Goellner (2010, p. 76) diz que: “A sexualidade também é plural, o que implica afirmar a inexistência de um único modo correto, estável, desejável e sadio de vivenciá-la. ”

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. (LOURO 2003, p. 27)

Essas singularidades são constantemente negligenciadas quando segundo Goellner (2010, p. 74) “o corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja a ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. ” Nesse modelo nega-se a construção individual dos corpos. Os indivíduos são direcionados a agir segundo os ditos padrões de normalidade, que cria diferenças claras entre mulheres e homens e uma barreira que não pode ser ultrapassada entre eles, determinando o que é adequado para cada um. Ao homem coube a função de ser o provedor do sustento do lar, enquanto que a mulher os cuidados desse lar. Desde a infância as crianças são direcionadas as práticas que exercerão no futuro. Enquanto a menina brinca de boneca e de casinha os meninos brincam com carros e imitam profissões. As meninas criadas para serem mulheres cuidadosas e delicadas, enquanto que os meninos são estimulados a se reafirmarem como machos desde cedo. Tencionados a atividades e práticas que reproduzam as representações de masculinidade. Gerando na subjetividade dos indivíduos a condição de gênero dominador e dominado. Criou-se ao longo dos tempos nas

mais diversas sociedades a ideia de que existe um sexo forte (os homens) e o sexo frágil (as mulheres), fundamentados em aspectos biológicos e principalmente socioculturais. Palmeira; Cruz (2009, p. 116) diz que: “As instituições, escola e família, são consideradas as principais responsáveis pela construção e/ou reprodução de conceitos equivocados, ou melhor, valores estereotipados acerca das questões de gênero.” Baseados no gênero firmou-se uma diferenciação entre os indivíduos, na qual a uma parcela desses -as mulheres- coube o segundo plano perante a sociedade. O gênero é um aspecto de disparidade entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Louro (2003, p. 21) diz que: “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — *e justificar* — a desigualdade social.”

Esses conceitos estão presentes no discurso dos indivíduos de uma maneira que na nossa subjetividade assume-os como naturais e inerentes ao ser humano. Incorporado ao desenvolvimento das relações sociais assim como diz Bourdieu (2002, p. 8):

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Bourdieu (2002) fala que muitas sociedades se alicerçam em uma visão androcêntrica. Na qual como sugere o termo, os homens estariam no centro da sociedade, ocupando uma posição de maior relevância. E por esta visão se fazer presente nas estruturas cognitivas dos indivíduos e serem reafirmadas na construção das relações e nos meios sociais, concretizam-se como normal e por muito tempo foi pouco sujeito a questionamentos. Dispensando justificações. Ela se explica pela própria existência. Bourdieu (2002, p. 9) completa dizendo que “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina(...). ” Criando assim na sociedade um esquema de hierarquização amparada pela distinção de gênero e de suas atribuições na sociedade.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente da divisão do trabalho. (BOURDIEU 2002, p. 1)

Essa afirmação de Bourdieu faz perceber a relação de causa e justificativa entre as teorias de diferenciação entre os gêneros e sua implicância nos papéis e nas relações sociais. O discurso biologicista fundamenta o discurso social de dominação, enquanto que esse se ampara nas diferenças entre os sexos para se justificar. Criando desse modo uma correlação entre os aspectos biológicos e sociais. As divisões sociais nos diferentes âmbitos se fazem de maneira que os indivíduos acabam apenas por reproduzi-las ao invés de discuti-las para recriá-las. Os pensamentos e percepções do meio social são guiados por aquilo que já se faz presente na subjetividade dos indivíduos e como dito anteriormente, tido como “natural”.

Dado o fato de que o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizado segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (BOURDIEU 2002, p.10)

Ainda a luz das contribuições de Bourdieu, ressalta-se essa imposição do homem superior a mulher seja na divisão do trabalho dentro ou fora do lar, e ainda retomando aspectos naturais, a anatomia dos sexos dos indivíduos coloca a mulher como o indivíduo a ser dominado. As próprias relações sexuais são reflexo da dominação do homem. Na qual essa interação é buscada como comprovação de virilidade masculina e de posse da mulher. Que carregada pelos esquemas de pensamento de uma cultura androcêntrica, objetiva-se nesse ideal de que necessita “pertencer” a um homem. Podendo assim cumprir suas funções sociais primitivas de reprodução e cuidados do lar e satisfação dos seus desejos através da satisfação masculina. Como se suas necessidades na verdade fossem determinadas pela vontade do homem e assim a mulher se põe serviço deste para atender as suas demandas.

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU 2002, p. 15)

Essa compreensão subjetiva que se transmite através das divisões de ordem social do que cabe a cada sexo, conduz ao conformismo por parte das mulheres, por acreditarem, segundo

o que lhes é orientado desde a infância, de que esse comportamento de submissão é natural e deve ser mantido. Em conformidade a posição que socialmente lhe é designada. Cai-se em um esquema de pensamento de desvalorização da mulher, onde ela é vista e ela própria se vê como um ser a servir (ser dominado). Nessa visão, ser mulher soa como algo negativo pois está associado ao determinismo social de dominação e que cabe aos trabalhos ditos inferiores que não agregam status social.

A visão androcêntrica é assim continuamente legitimada pelas próprias práticas que ela determina: pelo fato de suas disposições que resultarem da incorporação do preconceito desfavorável contra o feminino, instituído na ordem das coisas, as mulheres não podem senão confirmar seguidamente tal preconceito. (BOURDIEU 2002 p. 22)

As estratégias simbólicas usadas para manutenção dessa condição, reafirmam todos os dias no curso da vida em sociedade, as relações de poder entre os gêneros. Os comerciais de TV, os programas, a mídia de um modo geral, o mercado de trabalho, as condições de acesso à educação, reforçam constantemente subjetiva e objetivamente o controle masculino aos meios sociais, impedindo que as mulheres vislumbrem os mesmos direitos concedidos aos homens, perpetuando a visão androcêntrica pelas relações de dominação e conformando as mulheres ao determinismo social de inferioridade pela inibição de alternativas que as permita transpor essa condição.

Esse comportamento social reflete negativamente no esporte feminino, muitas vezes usado como estratégia de um mercado, que usa o corpo da mulher atleta como recurso de propaganda para a divulgação de uma marca ou do próprio esporte. A erotização do corpo da mulher para atrair a atenção de mais homens. Fortalecendo as raízes de dominação masculina na sociedade pois a mulher é avaliada como um produto, e esse associa-se a condição de poder ser adquirido. Subjetivamente o desejo de posse e dominação socialmente instituídos são propagados pelo esporte.

A eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados uma suposta “essência feminina”. (GOELLNER, 2007, p. 184)

Oliveira et al (2008) fala da associação e inserção da mulher no esporte a partir da criação dos jogos de primavera no Rio de Janeiro em 1949, salientando as características que socialmente são atribuídas aos indivíduos do sexo feminino.

Este evento associou a feminilidade ao esporte evidenciando a beleza, leveza e graciosidade feminina, conquistando as jovens desde o final dos anos 40 até os anos 70, e representando abertura para uma maior participação feminina através de suas expressões corporais no movimento esportivo em diferentes modalidades, provocando modificações no rumo dos movimentos da condição esportiva feminina, junto ao forte apoio da opinião pública. (OLIVEIRA et al, 2008, p. 123)

O corpo da mulher carrega inscrições que norteiam padrões de comportamento e estética. Por isso a imagem de uma mulher no esporte não é bem aceita se associada a aquisição de características vista como masculinizadas (GOELLNER, 2010). No surf com mais ênfase do que em alguns esportes, destaca-se a imagem do praticante corajoso, forte e ágil, por se tratar de um esporte radical. Sendo essas, qualidades tidas como símbolos da virilidade masculina. Então as praticantes do sexo feminino caso almejassem um bom desempenho teriam que surfar como homem, o que soaria como um elogio, já que tais atributos não seriam próprios do comportamento de uma mulher. E os adjetivos impostos às mulheres como moldes para o seu modo de ser no mundo e para o mundo não contemplariam os objetivos do esporte. Por isso, ainda tem destaque aquelas que para além da prática tem a imagem como forma de alcançar olhares, que as veem antes como mulher, objeto de desejo e posse, e posteriormente como atleta ou praticante da modalidade (VIERA, 2007).

Essas imagens fazem parte de um contexto sócio-cultural para o qual foram designados diferentes papéis e funções para homens e mulheres. E também diferentes representações do que é ser feminino e masculino para as quais foram e são recomendadas distintas possibilidades de praticar as atividades corporais e esportivas. Goellner (2001, p.9)

Por diferentes estratégias usa-se o corpo feminino como elemento de uma estrutura social que buscar incorporar a subordinação da mulher ao mundo que é masculino. Como se não existisse um mundo dos homens e um das mulheres, ou um mundo comum a todos. Mas, um mundo que pertence aos homens no qual as mulheres fazem parte passivamente. Mulheres e homens ocupam lugares e funções diferentes mesmo que em um mesmo contexto. Essa relação pode ser exemplificada quando Knijnik e Cruz (2010) fala que o surf, sempre foi dominado pelos homens e raros eram os momentos onde eles dividiam o mar com as mulheres, que iam à praia como companheiras dos namorados. Alguém que os admirasse

sentadas na areia enquanto eles estavam no mar, exercendo uma prática onde se ressaltam características que enaltecem a figura masculina. Segundo Knijnik e Cruz (2010, p. 57) com esse comportamento exerciam “uma tradicional atuação passiva, restrita à admiradoras e torcedoras.”

A prática desse esporte era considerada pelas famílias como inadequada para uma mulher, devido ao risco de vida a que são expostos e ao desenvolvimento acentuado da musculatura, resultante da intensa prática que esse esporte exige. Ou seja, ao corpo da mulher, suas formas, gestos, performance no mar, foram associados juízos de valor de uma sociedade que simbolicamente compreende o feminino como fragilidade, emotividade, passividade, sensibilidade, medo, covardia. Aqui é possível perceber as composições de gênero determinando os valores e modelos do corpo sexuado, suas possibilidades e aptidões, e criando paradigmas que tendem a homogeneizar o comportamento feminino. (VIEIRA, 2007. p. 3)

Junto aos padrões de comportamentos o esporte tende a problematizar também, os padrões de estética. O corpo das atletas está sempre em muita evidência. Seja por pouca vestimenta ou por ressaltar o formato do corpo. Os atributos físicos das atletas (que tendem a ser julgados por padrões socialmente instituídos), disputam a atenção com as suas habilidades no esporte.

O surfe é praticado em um ambiente externo, onde os corpos estão à mostra o tempo todo, e é nesse local que a idéia de “corpo perfeito” se faz mais presente. Na praia, a exposição dos corpos deixa entrever uma grande preocupação com o corpo das atletas, que talvez ganhe formas “não- condizentes” com valores e expectativas ainda arraigados em relação ao corpo feminino. E a postura corporal ativa, desafiadora que a surfista precisa assumir, questiona a tradicional passividade da mulher. (KNIJNIK; HORTON; CRUZ, 2010. p. 3)

As curvas femininas tão valorizadas vão se modificando ao passo em que certos grupamentos musculares são exigidos para a prática do esporte. Esses novos padrões motores por vezes retiram a mulher do molde de “corpo perfeito”, que visualmente atenderia as características atribuídas como pertencentes a uma mulher atraente na visão do homem e por esse motivo de maneira subjetiva faz com que as mulheres considerem este o modelo estético ideal, ou no mínimo, atributos físicos ideais, já que seus esquemas de pensamentos são construídos de maneira a acreditar que ela necessita da aprovação masculina. “O controle social do comportamento é exercido através de micropoderes sobre o corpo das mulheres, onde ter um corpo com massa muscular desenvolvida como um homem algo que sofre restrições sociais” Viera (2007, p. 4). Desprezando a aparência que fuja a essa padronização por não serem os corpos desejados. Exemplifica-se pelo senso comum de que mulher com “braço grosso” parece um homem.

No campo do esporte [...] Os gestos, as musculaturas, as roupas, os acessórios, os suplementos alimentares carregam consigo significados que, na nossa sociedade e no nosso tempo, estão também associados ao feminino e ao masculino. Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas. (GOELLNER, 2007, p. 184)

A violência simbólica descrita por Bourdieu (2002), baseia-se nessa concepção das relações de dominação e incorporação dessas práticas, se solidifica através da adesão de que o dominado sempre deve estar a serviço do dominante, e mesmo ao se criar esquemas de pensamento que avaliem essa interação, essas estruturas sociais acabam sendo naturalizadas por seus receptores encarando seu ser social como produto da dominação. O uso do termo simbólico por Bourdieu faz esclarecer que o tipo de violência aqui estudado não se concretiza através de atos de violência física concreta, mas “a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (Bourdieu 2002, p. 39). O mesmo autor diz que o processamento da violência simbólica se dá “através de um ato de conhecimento e de desconhecimento pratico, ato esse que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu “poder hipnótico” a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, ameaças, censuras, ordens ou chamada à ordem (p. 27). ”

Em contraponto a desvalorização da mulher, há a supervalorização do homem, o culto a suas características físicas expressas pela força e virilidade por exemplo, e atributos socialmente construídos como honras. Nesse contexto surge o conceito de machismo no qual os homens fomentam o sistema hierárquico entre os gêneros negando as mulheres uma posição igualitária perante a ordem social. Goellner (2007) diz que essa imposição das posturas que socialmente se impõe de maneira diferenciada a mulheres e homens, funcionam como argumentação que tentam justificar os mecanismos que em diferentes modalidades esportivas, excluem ou incluem as mulheres, “demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens. ” (GOELLNER, 2007, p. 185) O comportamento machista dentro do surf por muito tempo só cedeu para as mulheres o espaço da areia, longe do mar, apenas como meras expectadoras.

STEVES (1973, p. 90 apud GUTMANN, 2013, p. 73) designa machismo como “o culto à virilidade,” e adiciona que “as características principais desse culto são agressividade exagerada e intransigência nos relacionamentos interpessoais entre homens e arrogância e agressividade sexual nos relacionamentos entre homens e mulheres.”

Essa definição expressa que o comportamento machista vai além de algo que está apenas presente no senso comum e que se insere na subjetividade. Atitudes machistas tendem a constantemente reafirmar e impor o controle masculino nas práticas sociais, fomentando a visão dóxica da dominação através muitas vezes de atos de violência seja ela, psicológica, física ou simbólica. Esse comportamento que nega a igualdade dos gêneros, onde mulheres e homens são educados de maneiras distintas para se enquadrarem no que as normas sociais ditam como sendo o normal, o correto, articula na sociedade a exclusão social das mulheres e consequentemente das práticas esportivas e atividades físicas. Tornado esse âmbito um espaço prioritariamente masculino. Usado como uma maneira de representação da virilidade que colabora para a manutenção da visão androcêntrica. Goellner (2010, p. 82) diz que: “As meninas são menos estimuladas que os meninos por parte da sua família e amigos (as) a participarem de atividades esportivas. O incentivo menor se dá por questões culturais e não naturais”. Os ambientes que favorecem as práticas esportivas são geralmente públicos e historicamente as mulheres são orientadas a permanecerem em casa e se dedicarem a atividades domésticas. As brincadeiras da infância projetam nas crianças a conduta a ser seguida. Definindo o que é coisa de menino e o que é coisa de menina. “Papéis e estereótipos revelam-se como estruturas fixas baseadas em padrões ou regras estabelecidas por cada sociedade. [...] os sujeitos aprendem a ser homens e mulheres adaptando-se ou aprendendo a comportar-se de acordo com esses papéis. ” (GOELLNER, 2007, p. 179) Os meninos são geralmente considerados mais habilidosos, pois a eles é ofertado a vivência de diferentes aprendizagens motoras. Ao passo em que a propagação constante da imagem da mulher como um ser frágil, inibe essa igual oferta de experiências. Sobre a relação entre o gênero e a adesão esportiva por parte das mulheres, Goellner (2007, p. 189) diz que: “[...] não é o corpo “em si” que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher [...] É a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações. ”

Em contraposição a visão deturpada da mulher surge o feminismo, que tem por finalidade a luta pela igualdade de gênero e a desconstrução das estruturas cognitivas que induzem aos esquemas de dominação. Como descrito por Bourdieu, não basta a tomada de consciência por parte apenas das mulheres, e sim de uma mudança nas condições sociais de reprodução da submissão feminina.

A revolução simbólica a que o movimento feminista convoca não pode se reduzir a uma simples conversão das consciências e das vontades. Pelo fato de o fundamento da violência simbólica residir não nas consciências mistificadas que bastaria esclarecer, e sim nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que as produzem, só se poder chegar a uma ruptura da relação de cumplicidade que as vítimas da dominação simbólica têm com os dominantes com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. (BOURDIEU, 2002 p. 27)

Esse movimento é responsável pelas mudanças acerca das organizações sociais, reposicionando a mulher em direção a conquista de direitos e visibilidade social. Duarte (2003, p. 152) diz que: “"feminismo" poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. O feminismo vem, portanto, contribuir com a desconstrução dos discursos presentes nos diálogos androcêntricos das sociedades patriarcais. Trata-se do empoderamento das mulheres, frente as posições que esta pretende assumir perante a sociedade, a partir da sua própria compreensão sobre a dinâmica das relações sociais. Pinto (2010) transcreve um trecho da carta política que foi lançada pelo Círculo da mulher em Paris em 1976, retratando como as mulheres se veem dentro dessa busca pela igualdade de direitos e deveres entre os gêneros:

Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista. (PINTO, 2003, p. 54)

Entende-se então que o conceito de gênero não é um conceito natural, mas sim social e culturalmente construídos. Criando estruturas de pensamento que direcionam as práticas sociais, moldando formas de comportamento na construção de identidade de mulheres e homens e criando justificativas que incluam ou excluam os indivíduos das práticas esportivas, baseado na diferenciação dos gêneros. Através dos discursos das entrevistadas pode-se observar como essas concepções de gênero permeiam o campo esportivo.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo:

Para desdobramentos desse estudo, decidi adotar o método de pesquisa qualitativa, onde a partir da coleta de dados será feita a análise de diferentes discursos de mulheres, praticantes de surf, acerca do tema, afim de atender os objetivos da pesquisa.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21)

A pesquisa qualitativa, foca nas interpretações dos sujeitos envolvidos para compreender o contexto de um dado fato ou situação em estudo. “Tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental.” (GODOY, 1995, p. 62) O pesquisador deve atentar para todos os episódios descritos. Pois demonstram a perspectiva e significados atribuídos por cada participante. (CAMPOS, 2000) “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (SILVEIRA e CÓRDOVA 2009, p. 32) Godoy (1995), diz que a pesquisa qualitativa se divide em três tipos: pesquisa documental, estudo de caso e etnográfica. No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista.

4.2 Amostra:

Foram entrevistas mulheres praticantes de surf, com tempo de prática igual ou superior a um ano, competidoras ou não, naturais de Fortaleza- Ce e regiões metropolitanas. Com idade entre 17 e 40 anos, com disponibilidade e interesse em participar da pesquisa. Os sujeitos dessa pesquisa foram contatados por meio de buscas em redes sociais, a partir de indicações entre as próprias praticantes e por intermédio de uma escolinha de surf situada na Praia do Futuro - Fortaleza.

A amostra totalizou 14 entrevistas. A quantidade de participantes foi determinada pela utilização da ferramenta de amostragem por saturação. Fontanella, Ricas e Turato (2008,

p. 17) descrevem o fechamento amostral por saturação teórica como operacional, “(...) definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados.”

A avaliação da saturação teórica a partir de uma amostra é feita por um processo contínuo de análise dos dados, começado já no início do processo de coleta. Tendo em vista as questões colocadas aos entrevistados, que refletem os objetivos da pesquisa, essa análise preliminar busca o momento em que pouco de substancialmente novo aparece, considerando cada um dos tópicos abordados (ou identificados durante a análise) e o conjunto dos entrevistados. (idem, p. 20)

4.3 Instrumento de coleta de dados

Para a realização do presente estudo, foi utilizado como instrumento para coleta de dados, a realização de entrevistas. Nesse caso, fazendo uso do método de entrevista narrativa, que consiste no registro de histórias de uma trajetória ou fato específico, relatadas pelos entrevistados na forma de narrativas. Permitindo ao entrevistador uma análise abrangente do mundo empírico estruturado pelo entrevistado (FLICK, 2004).

A entrevista se constitui em três etapas, de acordo com Flick (2004, p. 165): “iniciada com a utilização da ‘pergunta gerativa’”, que tem como objetivo estimular a narrativa do entrevistado com foco no objeto de estudo. Nesse momento o entrevistador faz uso da escuta ativa, sem interrupções ao entrevistado, porém se faz necessário que este demonstre interesse na história narrada, para que o entrevistado sintam-se instigado a manter a narrativa e essa se constitua com mais detalhes. A próxima etapa constitui a fase de questionamento, onde outras perguntas são geradas a partir dos elementos que não foram citados pelo entrevistado ou não ficaram claros o suficiente, são conduzidos ou reintroduzidos. E por último a fase de equilíbrio onde faz-se a aplicação de um maior número de perguntas abstratas, nessa fase permite-se fazer perguntas do tipo “como” e posteriormente “por que” (FLICK, 2004).

Foi inicialmente solicitado as entrevistadas, através de uma pergunta geradora, “que apresente, na forma de uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual a entrevistada tenha participado” (FLICK, 2004, p. 165). Nesse estudo descrevendo inicialmente como se deu a sua inserção na modalidade do surf. Posteriormente, indagações são introduzidas acerca das facilidades e dificuldades de ser mulher nesse esporte, seguido de temas como a desigualdade entre os gêneros dentro da modalidade bem como a imagem da praticante do surf

e por fim, como as entrevistadas vêm o espaço ocupado pela mulher no surf e como enxergam a sua trajetória dentro dessa prática.

As entrevistas foram realizadas no período de 30 de abril de 2017 a 23 de junho de 2017. Não houve limitações quanto a duração das entrevistas, portanto, cada entrevistada dispôs do tempo necessário para relatar suas histórias. Apresentando variação entre 5 a 18 minutos de duração. As entrevistas aconteceram presencialmente, nos locais e horários de que melhor atendesse as entrevistadas. Nesses casos as falas foram gravadas utilizando gravador de voz. Devido as ocupações de algumas participantes, foi inviável estabelecer uma data e local para entrevista, por isso, estas foram realizadas através de aplicativo de troca de mensagens (WhatsApp), seguindo o mesmo modelo da entrevista narrativa. As respostas foram enviadas por áudio e salvas em arquivo para serem transcrita assim como nas demais.

4.4 Aspectos éticos

As entrevistadas selecionadas para participar do estudo serão convidados pelo pesquisador a assinar um termo de consentimento livre esclarecido (ANEXO A). Neste documento foi exposta a natureza e os objetivos do trabalho, sua metodologia e sua relevância acadêmica e social. A transcrição das entrevistas foi feita respeitando integralmente o conteúdo das narrativas e os nomes das entrevistas foi mantido em sigilo como descrito no termo de consentimento assinado pelas participantes. Para preservar a identidade das entrevistadas, foram utilizados letras e números para identificação, assim como os possíveis nomes de terceiros citados nas entrevistas e estabelecimentos comerciais.

4.5 Análises dos dados

O conteúdo das gravações das entrevistas foi transcrito respeitando a forma de registro e analisadas com base na fundamentação teórica que constitui a pesquisa. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) a transcrição constitui o primeiro passo na análise das narrativas, sendo importante que o próprio pesquisador faça a conversão dos dados, pois favorece uma boa apreensão do material, bem como um fluxo de ideias para interpretar o texto. Após transcritos, os dados foram analisados segundo uma análise temática onde o texto é reduzido de forma a agrupar em séries de paráfrases. Criando categorias para cada entrevista, posteriormente ordenando em um sistema de categorização geral. O processo é encerrado com a interpretação das entrevistas unindo as estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador. (idem)

5. ANÁLISE DOS DADOS

“Considerando que os corpos não se traduzem em matéria universalmente edificada pelos desígnios da natureza, enfatizo a importância da utilização do “gênero” como uma categoria analítica visto que esse conceito é importante para perceber os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos.” (GOELLNER, 2007. P. 183)

Mantendo a ideia de gênero como socialmente construída, analiso os conteúdos das entrevistas com base nos esquemas sociais que fazem parte da vivência das mulheres entrevistadas, com a prática esportiva do surf. A apresentação dos resultados foi organizada a partir dos tópicos: 5.1 fatores que permeiam a inserção da mulher no esporte; 5.2 modos característicos de violência simbólica; 5.3 o lugar da mulher no surf; 5.4 gêneros, educação física e esporte. Essa divisão, feita a partir da análise das transcrições de entrevistas, corresponde a síntese dos achados da pesquisa. A imagem abaixo ilustra a identificação das entrevistadas e as respectivas idades indicando seu tempo de prática. Todas as entrevistadas ainda permanecem na prática do surf.

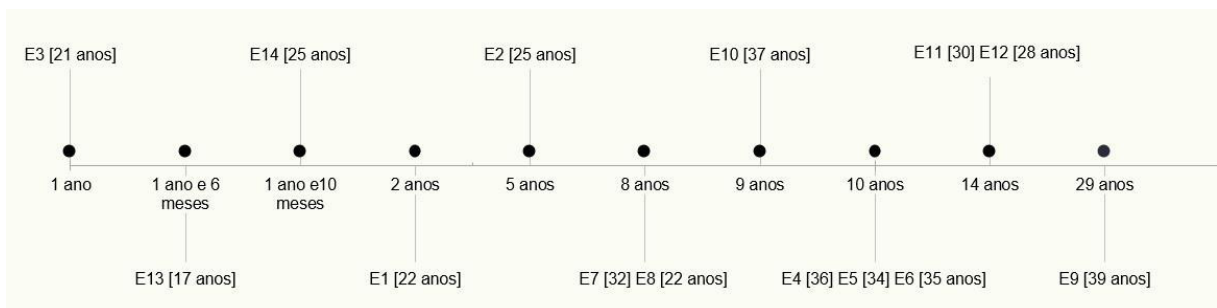


Imagem 1: linha do tempo de prática

5.1 Fatores que permeiam a inserção da mulher no esporte

Na fala das entrevistadas, o surf, muitas vezes se faz atrativo pela beleza considerada própria do esporte.

“(...)eu acho o surf muito bonito, ele me remete também um pouco da dança né assim... que é algo que eu fiz quando era criança por muito tempo, que eu acho muito bacana, (...) é... e disso, do equilíbrio, da conexão consigo e com o todo.” E4, surfa a 10 anos

Nas narrativas quando são relatadas o interesse pela modalidade, também é mencionada a afeição já existente por esportes de qualquer segmento e principalmente radicais e/ou aquáticos.

“Eu sempre gostei de esporte aquático, eu fiz natação a minha vida inteira até os... minha vida inteira não, eu fiz natação até os meus 14 anos de idade, então eu sempre gostei dessa coisa do esporte na água e eu sempre curti, sempre achei bonito e tal...” E3, surfa a 1 ano

A proximidade com o ambiente da praia, na companhia de amigos ou familiares, também contribuiu segundo as entrevistadas com essa inserção no esporte. A partir das narrativas, foi possível perceber que as experiências em sua maioria, tiveram como influência uma figura masculina. Que incentivou ou orientou a imersão na prática da modalidade, seja um parente, amigo ou professor.

“É... incentivada pelos meus amigos com quem eu morava na época né, que são homens. Eles que me levavam nos picos para surfar, que me davam ‘o gás’ que me orientavam, davam algumas dicas, a gente assistia filmes de surf(...)” E5, surfa a 10 anos

“Meu início no surf foi muito bom, eu comecei com meu esposo que dá aula de surf, então... eu aprendi logo nas primeiras aulas a ficar em pé, muito legal.” E2, surfa a 5 anos

“Quando eu era criança com 8 a 10 anos por aí... minha tia tinha um namorado e ele surfava, e aí isso me atinou né...” E9, surfa a 29 anos

“Assim, eu comecei porque eu sempre gostei muito de esporte, eu sempre quis, sempre tive essa vontade de surfar, só que eu não conhecia ninguém que surfava para me levar para surfar e tal... aí eu conheci um amigo que ele surfava, aí ele perguntou se eu queria ir... e eu fui com ele. Ai pronto eu comecei a ir.” E1, surfa a 2 anos.

“Eu namorava um surfista então eu peguei uma prancha e fui para dentro d’água, com a cara e a coragem, mas com muitas dicas de fazer, como fazer para não se machucar, com orientação dos amigos e do namorado, mas com muita determinação.” E6, surfa a 10 anos.

“O meu início, vou pegar aqui as origens né do primeiro contato, vai ser através do contato com os meus irmãos, tenho dois irmãos que surfam e aí os primeiros ensaios, não só os irmãos, mas os amigos, todo mundo ‘ah vamos surfar’, mas de realmente de dedicar de dizer assim ‘eu vou aprender mesmo’ foi... é interessante isso, foi muito mediado pelo namorado ... que é surfista e que eu na época, a uns 10 anos atrás eu disse ‘vou aprender’.” E4, surfa a 10 anos

O número superior de homens que praticam a modalidade do surf, pode colaborar para que mais comumente o primeiro contato com a modalidade seja através de um praticante do sexo masculino. Não sendo necessariamente a única via de apresentação à modalidade, dado

que em outros discursos o início da prática esportiva do surf, foi amparado pela companhia de outras mulheres, que no círculo de amizades manifestavam entusiasmo no que diz respeito a prática do surf.

“É... meu início no surf, eu comecei a surfar eu tinha 14 anos quando um grupo de amigas, duas amigas na verdade me chamaram pra ir na praia, e aí o mar tava muito agitado, tinha umas ondas muito boas tinha muitas umas pessoas surfando, e uma dessas minhas amigas surfava muito e ela disse: “vamos começar a surfar E12, você vai gostar, você gosta de esporte, você sabe nadar né... tem casa na praia, vamos surfar ? (...)” E12, surfa a 14 anos

“O meu início no surf foi até meio cômico, porque a gente não tinha prancha né... então é... uma amiga da gente, que éramos três, a A1 eu e a A2 que é minha cunhada. A A1 conseguiu uma prancha, então era uma prancha para três pessoas (...)” E11, surfa a 14 anos

Fato comum às narrativas, foi o relato de que a presença de outras mulheres no mar surfando, lhes despertam maior estímulo e interesse na prática do surf. Gerando uma sensação de identificação e pertencimento ao ver outras mulheres compartilhando a mesma experiência.

A própria identificação de um indivíduo com as atividades que ele pratica, pode gerar a construção de sua imagem perante o ambiente em que ele está alocado e diante dos indivíduos com os quais ele costuma se relacionar. Desta feita, as identidades tornam-se ligadas, intimamente, aos ajustes que se acoplam e se transformam em comportamentos de lazer. (OLIVEIRA, 2009, p. 25)

“(...)o surf já é bem... é um esporte muito presente aqui, mas não nas mulheres né... e agora eu tô percebendo que tá crescendo bastante a entrada da mulher no surf, eu acho bem legal porque você vê mais pessoas que nem você no esporte, acaba lhe incentivando, é diferente de você ver homens surfando né...[...] quando tem mulher a gente sempre se apoia, eu sempre fico prestando atenção pra ver... eu gosto de olhar mulher surfando então... eu vejo como é que tá e as vezes, eu já vi aqui umas meninas que surfam bastante, que surfam bem, eu fico super feliz e mais motivada ainda.” E3, surfa a 1 ano

“(...)de uma forma geral que as mulheres acabam sendo mais solidárias umas com as outras(...) é como se a gente até se fortalecesse mais, por entender que a gente é minoria e por curtir, ‘opa! Tem outra mulher aqui dentro!’ ‘Opa! Massa!’ , a gente se identifica né... e se encontra aí nessa identificação.” E4, surfa a 10 anos.

“A companhia de outras mulheres, sem dúvida, estimula muito, os homens não estimulam nada porque eles, a maioria né... assim... tem um ou outro que dá uma força, mas em sua maioria os homens são muito machistas e quando veem a gente dentro d’agua parece que eles não gostam ou sei lá... concorrência..., mas a mulher ter uma amiga do lado para surfar, não tem nada melhor. ” E6, surfa a 10 anos

Nesse sentido de sentir-se parte do contexto do esporte, as escolas de surf ganham notoriedade, a medida em que fornecem um ambiente favorável ao aprendizado e prática tornando-se a porta de entrada para muitas mulheres no surf.

“Assim... aqui na escolinha é super tranquilo, eu sinto que o pessoal respeita bastante [...] eu comecei na escolinha né então é mais fácil, você tem professores que lhe ajudam então... mais difícil você desmotivar né... porque sozinha você sofre mais para aprender e o pessoal aqui também, sempre foi muito acolhedor muito amigo e tal...” E3, surfa a 1 ano

“[...]eu acho assim que foi bem tranquilo, até porque eu comecei na escolinha, então não tive muitos problemas como a maioria que começa sozinha diz ter né... apesar de eu não ter começado tão cedo quanto eu queria mas foi bem tranquilo, até hoje...” E7, surfa a 8 anos

Outro ponto ressaltado nas narrativas, foi o medo inicial de entrar no mar. O que segundo as entrevistadas foi um obstáculo para a inserção bem como a evolução dentro do esporte.

“E ai aquela coisa de enfrentar esse primeiro medo de entrar no mar, de se ver lá dentro né assim... realmente lá dentro da aquele friozinho na barriga e ao mesmo tempo é um outro mundo, um outro contexto né... os desafios de atravessar a arrebentação né... que implica de certa forma uma coragem né...” E4, surfa a 10 anos

“Uma coisa que eu vejo em comum é que ainda existe um certo receio, medo, mas não são suficientes para empacar o surf. [...] no começo eu tive problemas com meu medo [...]” E13, surfa a 1 ano e 6 meses

Fez parte dos discursos das entrevistadas a impressão de que os homens têm menos medo do que as mulheres. Como na fala onde a entrevistada expõe seu próprio medo:

“A questão... que eu sinto o pouco de medo ainda, quando a onda... quando o mar tá maior né... tem ondas maiores e tal... eu sinto um pouco de medo mas é normal, eu acho que falta de costume né... “(...)Eu não sei porque mas eu sinto que as mulheres têm mais medo que os homens, então isso atrapalha na evolução, então, conseqüentemente os homens acabam evoluindo mais rápido” E3, surfa a 1 ano

Mesmo admitindo o medo como uma reação humana natural e necessária, acredito que esta possa ter maior atuação sobre as mulheres devido à como essas (em muitos casos) são tencionadas a se comportar, desde a infância a partir das ideias de Scraton (1992 apud Louro,1997, p. 76): “tradicionalmente as meninas aprendem não apenas a proteger seus corpos como a ocupar um "espaço corporal pessoal muito limitado", desenvolvendo, assim, ao longo da vida uma espécie de "timidez corporal"”. Enquanto que “para os meninos são propostas

brincadeiras mais dinâmicas, que careça de força, velocidade, e ao mesmo tempo envolvam situações de perigo [...].” (CRUZ E PALMEIRA, 2009, p. 120)

“Os homens eles são desde pequenos muito mais impulsionados ou valorizados em função disso né... dessa coragem, de enfrentar os desafios, por outro lado a mulher, ela é a doce, ela é a recatada, ela é a que não deve ousar... mas a gente não concorda com isso, porque a gente vive ousando e desbravando um monte de coisa né...” E4, surfa a 10 anos

O surf exige do praticante, habilidades que socialmente se atribui como sendo características masculinas. Como citados pelos autores, incentivadas ao seu desenvolvimento, desde a infância dos meninos. O surf necessita desenvolver valências físicas como resistência, força, flexibilidade, agilidade e equilíbrio para possibilitar uma melhor performance. (NETO e WENDHAUSEN, 2007). Em algumas narrativas, fez parte da experiência com no surf, ser confrontada com a suposição de o surf ser um esporte de homem.

Os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura e essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação. Melhor dizendo: as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias. (GOELLNER, 2007. P. 183)

“Eu não tive facilidade, porque era um esporte (...) marginalizado, só quem surfava, as pessoas diziam a minha família dizia e era vagabundo, maconheiro e era esporte de homem (...) Mas assim era complicado porque além da sociedade achar que era um esporte machista, ter a família né que é de fundamental importância pra incentivar a criança a iniciar no esporte, é... os meus próprios amigos do surf é... me enxotavam, porque era um esporte só de homem, ‘sai daqui o que é que tu tá fazendo aqui?’ ‘Aqui só tem homem’ ‘vai brincar de boneca em casa.’” E9, surfa a 29 anos

“Uma amiga próxima, ela surfava de bodyboard, veio me reprimir dizendo que era esporte masculino... fiquei chocada, e acho que inconsciente me impulsionou mais ainda.” E10, surfa a 9 anos

“(...)com o tempo você começa a aprender, você começa a ficar em pé em cima de uma prancha você começa a dropar, você vai tendo mais experiência aí vem aquela questão do machismo né... de achar que é um esporte masculino que só os homens têm que pegar as melhores ondas(...).” E12, surfa a 14 anos

“Mas, a mulher como eu te falei, a mulher tem que pela sociedade que ser a recatada, de que não pode praticar, fazer essas coisas, porque isso é coisa de homem e tal, pois é, é isso.” E11, surfa a 14 anos

Partindo para o ambiente físico do surf, as entrevistadas falam do contexto da praia, que está sempre associado a corpos a mostra, o uso de biquínis e roupas curtas, compondo o cenário do surf. Com isso, outro o obstáculo à inserção na modalidade surge, a vergonha de expor o corpo e sentir-se intimidada por não ter ainda o domínio das habilidades do esporte. Bourdieu (2002) fala que na gênese do *habitus* feminino, bem como nas condições sociais onde ela se realiza, existe uma contribuição em “fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros.” (p. 92)

“Eu tinha vergonha hoje eu não tenho mais (risos) ... eu tinha vergonha do meu corpo, eu tinha vergonha do “mico” de não saber surfar, eu acho que basicamente essas duas coisas eram mais fortes: a vergonha do corpo e a vergonha de ir e “pagar mico” porque eu não sabia praticar aquele esporte ainda.” E6, surfa a 10 anos

A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do “corpo alienado”), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. (BOURDIEU, 2002, p. 95)

Ligado à construção social do feminino na cultura patriarcal, a função de cuidar dos filhos recai sobre a mulher. Marcello (2009) fala sobre o dispositivo da maternidade caracterizando que “tanto a maternidade como o sujeito-mãe são efeitos de discursos e de contingências sociais, culturais e econômicas específicas (e não aspectos da natureza de um sujeito essencial)” (p. 227). Na nossa cultura é comum que as mulheres transponham suas prioridades ao cuidado dos filhos. Sendo a praticante de surf mãe, terá que haver uma conciliação entre a maternidade e a prática do esporte.

“Dificuldade... é... e obstáculo de.... Pelo fato de ser mulher, só mesmo os filhos né (risos) ... porque quando a gente tem filho, a gente não pode surfar toda hora, tem as obrigações, só isso mesmo que me dificulta as vezes de ir surfar” E2, surfa a 5 anos

“(...)até hoje eu com 28 anos, vivo essa cultura do surf, tô um pouco fora da água agora, por conta que tive neném, mas todo momento que eu tenho oportunidade eu tô surfando.” E12, surfa a 14 anos

“(...) eu não tenho filho, provavelmente quando eu tivesse filho, vai entrar uma outra imposição aí de que na hora de competir quem vai surfar, você ou o marido? A gente tem que conversar muito pra que os dois tenham o direito de ir surfar.” E4, surfa a 10 anos

“(...)porque quando você vê que a mulher tem filho, por exemplo, a tendência é que a mulher fique sempre com o filho e o marido vai surfar. É... quando a namorada tem um namorado que

tem filho como era o meu caso, a namorada fica com os filhos enquanto o namorado vai surfar...” E6, surfa a 10 anos

A definição do tipo de atividade que as mulheres poderão realizar, segundo Lessa (2005), perpassa a maternidade, pois seria essa condição “o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, cria o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anatômica decorrentes da sua capacidade de procriar.” (p. 163)

No que diz respeito a sexualidade é relatado um questionamento às praticantes. Com base em uma visão deturpada do que de fato representa a homossexualidade, confundindo a concepção de orientação sexual com identidade de gênero. Identificando as mulheres que estão envolvidas na prática do surf de maneira equivocada como homossexuais, com a justificativa de que esta “quer ser um homem” pois partilha dos mesmos espaços de vivência.

“Assim, várias meninas surfando então com isso tem acabado mais esse preconceito de até... antes falavam que a mulher que surfava era “sapatão” alguma coisa assim do tipo, mas hoje em dia eu acho que não existe mais isso não. É... tá super de boa.” E2, surfa a 5 anos

“O temor que a mulher rompa algumas barreiras que delimitam as diferenças culturalmente construídas para cada sexo torna imperiosa a sua feminização, caso contrário, diz o discurso dominante, ela estará se masculinizando” (GOELLNER, 2001, p. 10) Tendo em vista que o meio esportivo/do surf é um espaço de dominância masculina e uma mulher que estivesse envolvida nessa prática estaria negando sua feminilidade. Generificando o espaço do esporte, excluindo a possibilidade de viver o esporte como mulher, em suas nuances e particularidades, independente da orientação sexual. “(...) concepções normatizadas sobre a feminilidade continuaram exercendo influência muito grande, contribuindo para a limitação da prática esportiva das mulheres” (ADELMAN, 2003, p. 447)

Segundo a historiadora norte-americana Mary Jo Festle, as mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social de dois tipos: primeiro, que suas ‘diferenças físicas’ as faziam muito menos competentes para o esporte do que os homens, e, segundo, que a prática esportiva as masculinizava, tornando-as mulheres ‘anormais’ e/ou lésbicas. Portanto, ela argumenta, mulheres atletas profissionais são quase obrigadas a adotar uma postura apologética, tomando o cuidado necessário de mostrar para o público que sua prática no esporte não compromete sua feminilidade. (idem. p. 448)

Através das narrativas das surfistas entrevistadas é possível perceber que a relação que as mulheres estabelecem com o esporte é vinculada ao prazer por ele provocado, transformando a prática numa necessidade para o seu bem estar.

“O esporte surf, é um esporte que vicia. É um vício maravilhoso, é uma coisa que trabalha de dentro para fora, então eu tô a 29 anos surfando.” E9, surfa a 29 anos

“O surf pra mim tem sido um espaço muito importante de cuidado mesmo comigo, é onde eu consigo me desconectar tanto no surf como no kite, entrar em outro mundo e sempre me divertir, de brincar, parece que eu sou criança de novo, é muito bom... e de voltar muito contente, muito tagarela, muito feliz, com as pequenas conquistas que tem, pra mim é muito disso.” E4, surfa a 10 anos

5.2 Modos característicos de violência simbólica

A generificação do esporte coloca a figura do homem como central à prática esportiva e acaba esculpindo um modelo de desenvolvimento das habilidades, segundo um parâmetro masculino. Com a prerrogativa que naturalmente os homens são mais habilidosos do que as mulheres, sendo esse conceito elaborado a partir da ideia do desempenho físico como marcador da virilidade masculina. Esse comportamento é vivenciado desde a idade escolar quando segundo Altmann (1998, p.98) “meninos e meninas praticam juntos algum esporte, parece haver expectativa de que as práticas e os espaços esportivos sejam dominados por meninos.” [...] não é dado mérito aos meninos uma vitória contra as meninas, já que é esperado que o desempenho delas seja inferior. Por conta disso, perder para elas seria considerado um vexame. Enquanto que para as meninas ganhar dos meninos significaria uma honra (idem). No surf, as entrevistadas relatam haver uma busca por atingir ou se aproximar do que seria o padrão ideal do surf, nesse caso, “surfando como um homem”.

“O que é avaliado de repente os padrões do que é exigido e instituído como um bom surf, ele é muito ancorado num padrão masculino mesmo, do que é um bom desempenho né... é a potência, a força, é a agilidade... [...] então queira ou não o padrão instituído é o padrão masculino e a mulher fica sempre tentando chegar até ele, chegar até o padrão masculino.” E4, surfa a 10 anos

“Acho que sim porque, um surf mais agressivo como a gente chama, era uma característica muito forte do surf masculino, então eu acho que sim, é uma aproximação do surf masculino, mas não no sentido de “ah, as meninas querem surfar igual os meninos...” não. É que as meninas passaram a se arriscar mais mesmo.” E8, surfa a 8 anos

“É característico dos dominantes estarem prontos a fazer reconhecer sua maneira de ser particular como universal. A definição de excelência está, em todos os aspectos, carregada

de implicações masculinas, que tem a particularidade de não se mostrarem como tais.” (BOURDIEU, 2002, p. 91)

Souza (2003) nos ajuda a pensar sobre esse domínio do espaço esportivo na figura masculina quando diz que “o desporto em geral foi por muito tempo considerado, na história ocidental, uma área reservada masculina.” (p. 122) Sendo assim, o número de mulheres praticando alguma modalidade esportiva, como por exemplo o surf, ainda é inferior ao dos homens. Algumas entrevistadas falam da intimidação causada pelo maior número de homens dentro do mar:

“(...)você fica meio assim... as vezes eu já fiquei meio intimidada quando o mar tá muito cheio de gente e a maioria... sempre... as vezes eu sou a única mulher ou então tem mais uma ou duas e o resto são todos homens. De 20 pessoas na água, no máximo, quando é bastante tem 5 mulheres” E3, surfa a 1 ano

“(...)você observa ainda hoje um contingente muito maior de homens praticando do que de mulheres né... aí ao mesmo tempo... só esse fato em si, por exemplo, tá dentro do mar e tá só você de mulher e um monte de homem. Só isso em si, já causa um certo estranhamento, que pode ser intimidador ou não, dependendo do... se os homens são conhecidos ou não, também tem isso né...” E4, surfa a 10 anos

“Assim, quando eu comecei a ganhar uma certa independência dentro do mar, percebi que o número de meninas nem se comparavam ao número de meninos. No começo eu ficava meio desconfortável por causa do meu corpo etc ... Às vezes eu ficava meio assustada em tá sozinha com um monte de homem, ainda fico, mas acabo que tô me acostumando, já que nunca fizeram nada comigo. ”E13, surfa a 1 ano e 6 meses

As estruturas de poder simbólico descritas por Bourdieu (2002), são abaladas quando as mulheres (dominados), na visão dos homens (dominantes) “invadem” um espaço de pertencimento masculino.

“Já aconteceu de eu entre em picos e não conseguir surfar ou surfar só aquela onda pequena, ruim que ninguém quer, porque os homens não me contavam como... como uma pessoa que estive esperando também para surfar uma onda. E hoje em dia eu evito ir para esse mesmo pico, porque como tem muitos homens, eu sei que eu vou ter dificuldade de surfar lá. ” E5, surfa a 10 anos

[...]A história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculinas [...] tem que assimilar e levar em conta [...] as disposições hierárquicas que elas favorecem e que levam as mulheres a contribuir para a sua exclusão dos lugares de que elas são sistematicamente excluídas. (BOURDIEU, 2002, p 117)

A necessidade de afirmação da virilidade, causa segundo Bourdieu (2002), de forma contraditória uma vulnerabilidade. Que leva aos jogos de violência masculinos (simbólicos ou não), “[...]tais como em nossas sociedades os esportes, e mais especialmente os que não mais adequados a produzir signos visíveis de masculinidade.” (idem, p. 77) Altmann (1998) fala que a desvalorização da prática esportiva protagonizada por mulheres, configura-se como uma maneira de resistir ao abalo que a presença das mesmas inflige ao domínio masculino daquele espaço.

“Eles respeitam, mas, tipo... a mulher é... “a manobra é fraca” entendeu?... canso de ouvir que a manobra é fraca, quando a gente chega no pico, que tem algum desconhecido eles ficam olhando pra gente assim né... [...] “infelizmente . Já ouvi dizer: “ ah já chegaram...” “entraram só pra atrapalhar” essas coisas, entendeu? ”” E11, surfa a 14 anos

“[...]antes daí era muito “ah porque mulher não sabe surfar” “mulher só sabe ficar na areia, pegando bronze, batendo foto”, mas a gente já entrou no mar e mostrou que a gente quer, que a gente sabe sim e a gente consegue surfar até melhor do que eles em alguns casos, vamos assim dizer. ” E7, surfa a 8 anos

“[...] gente tá dentro do mar, superando nossos medos né... voltando de repente de uma situação que você teve que parar de surfar por causa de doença ou por se machucou, e aí você tá voltando, devagarzinho, tentando imprimir aquele ritmo que você tinha anteriormente e você escuta um cara dizer assim pra você dentro do mar: “cuidado, não vai tacar a cara na pedra” (risos)... é muito frustrante.[...] Tem também aquele cara, que quando vê mulher dentro d’água, fica com aquele sorrisinho sarcástico no canto da boca como quem diz “que essa louca tá fazendo aqui?!?”” E6, surfa a 10 anos

“[...] eu pego uma onda e o cara me enrabeira pelo fato de eu ser mulher, então eu tô no pico esperando a mais tempo, vem a boa, e tá eu e um cara e ele simplesmente rema na minha onda, me dá um balão, como já aconteceu várias vezes, de eles darem balão na gente, ou fica abaixo mesmo pra atrapalhar né... e... quando a gente não consegue pegar a onda também que é da gente, eles meio que esnobam “ah porra! Que é isso?!? Não pegou a onda” “a onda era tua” “a onda era massa” “se fosse eu não tinha perdido” entendeu? ” E11, surfa a 14 anos

Esse comportamento por parte de alguns homens, acaba atingindo negativamente as praticantes de surf, que necessitam criar estratégias para transpor essas barreiras que são colocadas para que elas tenham o mesmo direito de apropriação do espaço da prática do surf. “Esta espécie de negação à existência as obriga, muitas vezes, a recorrer, para se impor, às armas dos fracos que só reforçam seus estereótipos [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 87)

“[...]as vezes a gente tem que realmente se impor... as vezes gritar mesmo, “agir como um homem mesmo”, reclamando... e se fazer sentir... se confirmar no pico, a gente tem que além de mostrar o surf, tem que mostrar que a gente também tá ali para pegar onda e concorrer com os homens” E5, surfa a 10 anos

“Não teve nenhum tipo de obstáculo pra mim não, só realmente essa parte de a gente se sentir um pouco acuada dentro do mar e se sentir desvalorizada porque a gente acaba é... o público masculino surfistas na grande maioria, acaba saindo do pressuposto que você não vai conseguir e que você não vai ter remada pra pegar a onda você não vai conseguir, e realmente a gente tem que ficar disputando as vezes até no grito, né... porque acaba que gera uma confusão dentro do mar, mas fora isso... não tem nada não” E7, surfa a 8 anos

“[...]a mulher que quer surfar mesmo, que quer manter um ritmo de pegar boas ondas e viajar, ela acaba tendo que se impor para garantir esse lugar dela, para garantir que ela vai ter esse espaço dentro do mar.” E6, surfa a 10 anos

“A gente tem que botar uma moralzinha, botar cara feia, gritar mesmo como já aconteceu vários estresses. Que a gente vai para se desestressar né... mas, o cara tipo vem e quer levar a onda da gente, quer descer a todo custo[...]” E11, surfa a 14 anos

Adelmam (2003) afirma que as habilidades femininas, vão contra a ideia do patriarcado da mulher numa posição passiva a atividade esportiva. Não compatibilizando com os esquemas sociais de subordinação feminina, assim o esporte auxilia em minimizar as diferenças entre os sexos, constituindo uma ameaça ao mito da fragilidade feminina. Nota-se nas narrativas das entrevistas que em muitos momentos ao longo da sua experiência, suas habilidades no esporte são subjugadas pelo fato de ser mulher.

As personagens que são esculpidas na incorporação da prática esportiva modelam-se em meio a algumas problemáticas relacionadas a questões de gênero, no que se refere também ao reconhecimento e valorização de suas performances, havendo ali um jogo de empoderamento das mulheres (...) (SOUZA 2003, p. 52)

“[...]como a gente tá trabalhando a 10 anos dentro de um hotel a gente já recebeu várias assim... homens grandes, fortes, e tal... e dizem assim: ‘eu quero ter aula de surf, me explica como é a metodologia de vocês’... agente explica, ele aceita, desperta o interesse e vem a vontade de fazer, contrata o serviço e agora pronto... ‘quem é o professor?’ E a gente: ‘sou eu.’ Ai ele: ‘como assim?’ ” E9, surfa a 29 anos

“[...]me incomoda muito, que eu acho que muitas mulheres compartilham isso... é o fato de que você é uma surfista, você é mulher, todo homem que chega dentro do mar e lhe vê, ele se sente autorizado a lhe dizer o que você deve fazer, como você deve fazer, como você deve surfar, ele já pressupõe que você não sabe e que ele pode lhe ensinar, é impressionante isso (risos). ” E4, surfa a 10 anos

“Eu percebo que muitos homens, remam nas ondas que são nossas, porque existe uma preferência né, existe umas regras de preferência e eles remam porque assim eles muitas vezes “ah! É mulher, não vai conseguir pegar a onda não, eu remo mais que ela, eu surfo mais que ela...” ai as vezes eles embarreiram um pouco, eles dificultam de certa forma, não tem esse

respeito sabe, mas também acontece de eles ajudarem isso é bem relativo, mas eu ainda vejo muito muito esse digamos preconceito com a qualidade do surf feminino. ” E8, surfa a 8 anos

“[...]você está aqui numa onda aí o cara tá na outra, aí o outro comenta “ah tu não foi, tu acha que a menina ia conseguir? ”E1, surfa a 2 anos

As entrevistadas relatam exceções a esse tipo de reprodução da dominação masculina, onde muitos homens, ajudam e estimulam a prática dentro do mar.

“A gente tem umas certas regalias... “ah deixa ela ir...” eu posso pegar uma onda e enrabeirar fulano que eu tenho certeza que ele não vai reclamar, porque eu sou mulher, se eu fosse um homem provavelmente ele ia encerrar comigo. Então tem também os ganhos aí nesse lugar né... que você pode... eu enrabeiro “tudim” tô nem aí, tem problema nenhum... mas obvio com cuidado, obvio observando... eu enrabeiro, mas eu pego ela lá em baixo, eu não pego a onda lá no começo, eu aproveito a onda muito menos” E4, surfa a 10 anos

Ao passo que outras relatam que a medida em que foram evoluindo dentro da modalidade e saíram da condição de aprendiz para disputar de igual para igual com os homens, essa disponibilidade em ajudar esgota-se e dá lugar em muitos casos, a passar por cima de regras, estabelecidas dentro da pratica do surf, como a preferência pela vez de remar na onda. Impondo um controle masculino à ordem das coisas.

“Quando você tá aprendendo é tudo muito legal, porque o pessoal, todo mundo ali no mar sabe que você tá aprendendo, da os toques, você acha que tá tudo numa vibe massa né... deixam as ondas pra você e tal... mas depois que você aprende, que você tá lá dentro, tá no pico tá disputando uma onda né... com homem, com mulher com criança com tudo no mundo... dificulta bastante porque eles, na maioria homens né obvio no esporte, partem do pressuposto que você não sabe, então eles não deixam você pegar onda porque você é menina, porque você não sabe, porque você tá aprendendo entendeu?!?... É tudo muito lindo quando você tá aprendendo e você tá lá em baixo pegando a marola que ele não quer pegar lá atrás, mas na hora que você consegue chegar lá dentro aí o negócio pega né... que aí você começa a disputar mesmo, braço a braço com ele, aí o negócio pega, porque aí ele não quer né...” E7, surfa a 8 anos

No começo quando estava aprendendo não. Com o passar dos anos eu aprendi a surfar e hoje a disputa pela onda em parte dos homens acontece. Tem que disputar a onda. Só isso. Quando você tá começando a surfar todo mundo quer lhe ajudar entendeu? Até os homens dentro do mar lhe incentivam, deixam você pegar todas as ondas aí depois quando você sabe surfar que você consegue entrar no mar sozinha, remar para as ondas, dropar as ondas grandes, que você aguenta levar um caldo... quando você tá bem no surf aí eles já começam a botar dificuldade entendeu?!?... Eles “não, não a onda é minha” aí aquela gentileza que tinha no começo quando tu tava aprendendo, ela não existe mais por isso que eu digo que é por parte dos homens né...

os homens mais machistas, porque tem uns que diz: “não, vai, pode descer... boa!”, mas parte deles não querem deixar você descer a onda ele diz: “a onda é minha, sai do meio, sai do meio”. E12, surfa a 14 anos

“O fato de ser mulher muitas vezes facilita a gente pegar a onda no sentido de que é... os homens que estão lá até recebem a gente muito bem no pico né, mas é... se a gente descer a onda de um homem, ele nem vai fazer tanta questão, quanto faria se fosse um outro homem descendo a onda dele, que as vezes da ate briga. Mas ao mesmo tempo eu sinto uma dificuldade quando eu tô competindo lá... contra um homem mesmo pra descer uma onda boa, por exemplo, vem uma onda muito boa e as vezes é a minha vez, e vem um outro homem, vem um homem né... e desce a minha onda, achando que porque eu sou mulher, não vou ser... não vou conseguir ou ser apta o suficiente para descer aquela onda.” E5, surfa a 10 anos

Esse paradigma que o bom surf é aquele desenvolvidos pelos praticantes do sexo masculino, reflete no incentivo que é dado as atletas. Théberge (1995 apud Souza 2003, p. 131) afirma que “a criação da categoria feminino nos campeonatos esportivos dialoga com um jogo de poder que estabelece um modelo de diferenciação”. Viria a sanar uma lacuna no esporte quanto a representação feminina nas competições, porém reforçaria a ideia de diferenciação entre homens e mulheres. “A categoria feminino, com menos incentivo e patrocínio seria um modelo adaptado para a caracterização do “outro” (idem). “O binarismo indica que a identidade feminina depende sempre de seu oposto, criando uma representação baseada na dependência (LESSA, 2005, p. 160) ”

“Sempre tem mais categoria masculina do que feminina até porque tem mais homem praticando o esporte do que mulher. Mas nas categorias masculinas os homens que ganhavam em primeiro lugar, ganhavam uma prancha e na categoria feminina não teve isso. Tinha duas categorias femininas e as meninas que ganharam em primeiro lugar, ganhavam só um kit e os homens que ganhavam em primeiro lugar nas suas categorias ganhavam uma prancha e fora os kits né então ai você já vê a desigualdade do gênero né... é... meio que... no próprio campeonato mundial, nos dias em que as ondas estão piores, eles põe as baterias femininas, quando o mar tá melhor eles põe as baterias masculinas né... tipo... se bem que a gente sabe que o surf feminino ainda tá começando, ainda tá entrando mais nessa questão, mas... mesmo assim né estão tirando a oportunidade das mulheres de surfar em ondas melhores, que eles consideram melhores.” E3, surfa a 1 ano

“[...] o campeonato WSL, ele é conjunto com o feminino, masculino e feminino, normalmente eles deixam o pior mar, o mar menor, as condições piores para correr o feminino, e deixam as melhores condições de surf de mar para o masculino. ” E5, surfa a 10 anos

“[...]em relação a atleta, infelizmente as competições de surf, as premiações dos homens são mais altas do que das mulheres e as competições... tem mais competição para homem do que para mulher. ” E9, surfa a 29 anos

“Em quesito de campeonato, o campeonato masculino tem uma procura maior que o feminino e as premiações são infinitamente superiores. Eu já participei de um campeonato na categoria

feminino onde a premiação foi uma blusa e uma bermuda masculino tamanho 46 ou era 48, tipo gigante... uma coisa assim só para dizer que deu. ” E8, surfa a 8 anos

Uma outra face da participação feminina no surf é relatada na fala das entrevistadas, a exigência do cumprimento de um padrão estético. Que assume uma função fundamental na divulgação da imagem da atleta, dentro das mídias vinculadas ao surf. Adelman (2003, p.451) fala nesse sentido da valorização da aparência física da surfista em detrimento a sua performance no esporte. “Existe, por outro lado, a possibilidade de a atividade esportiva feminina se adaptar à feminilidade normativa e à atual cultura do corpo, que subordina a capacidade à aparência e a autodeterminação à reprodução de padrões socialmente prezados”

“Segue a mesma lógica, a gente vê exemplos clássicos no surf, de grandes surfistas que não se encaixam no padrão da surfistinha bonitinha, loirinha, bem feitinha de corpo né... no padrão do que é dito que é isso... e que acabam sendo... não tendo tanto destaque, não tendo tanto espaço, pela aparência física né... que é outra coisa que é muito forte em nós mulheres, essa exigência por esse padrão estético e de que esse padrão estético é que dita quem serão as escolhidas né...” E4, surfa a 10 anos

“A mídia é muito boa de propagar a imagem daquelas atletas bem femininas, bonitas, gostosas, mas aquelas que são mais... masculinas ou que são homossexuais elas são realmente deixadas de lado...” E5, surfa a 10 anos

“ Eu acho que tem a questão de “ah mostrar que tem o surf feminino, beleza! Existe o surf feminino” mas existe o surf feminino na mídia, da menina magrinha, loirinha, lindinha, toda sarada, entendeu? Tipo... não tem... ainda tem o estereótipo muito forte, tem que ter aquela menina surfista bonitinha para conseguir tá na mídia lá “truando”. ” E8, surfa a 8 anos

Então, a gente vive numa sociedade, que o corpo é o objeto né... você vai ver uma propaganda, sempre tem uma menina de biquíni né... você vê um programa de calouros, sempre tem bailarinas seminuas atrás do apresentador, e assim... no mundo do surf, ele vende uma imagem né... saudável e sempre tem menina de biquíni, coisa diferente que os homens estão sempre vestidos de short, não tem ninguém de sunga, então não é diferente” E9, surfa a 29 anos

“A gente tira até pelos programas de surf que hoje existe na tv né... quando é programa com homem aparece o cara surfando, fazendo as manobras, quando é com uma mulher, o foco é a bunda é o peito né... são as pernas...” E7, surfa a 8 anos

Objetivando a mulher, reduzindo-a a sua aparência física, muitas marcas associam sua imagem apenas àquelas surfistas que estão dentro dos padrões de beleza socialmente instruídos. Criando um cenário no surf onde a imagem dos atletas passa a ser valorizada pelo desempenho que eles apresentam, à medida que as mulheres muitas vezes só conseguem mostrar o que podem realizar dentro da modalidade, quando a sua imagem enquanto mulher ser valorizada para posteriormente atribuí-la à surfista.

“Eu acho que tem muito essa questão do... o surf masculino se você for prestar atenção os atletas que são bem patrocinados, que tem bons patrocínios são os melhores surfistas, são os que surfam melhor né... os líderes do ranking, que tem patrocínio, Jhon Jhon, Gabriel Medina, são caras que surfam bem. Agora as mulheres já têm uma questão da aparência, por exemplo a Silvana Lima, surfista lá do Paracuru, brasileira, ela tem muita dificuldade nessa questão do patrocínio, porque ela não é aquela mulher loira, bonita, ela tem um... o corpo dela assim mais... não masculinizado, mas ela é mais forte, mais musculosa, não tem aquele corpo tão feminino” E3, surfa a 1 ano

“Muitas vezes o que aparece no filme do surf é os caras surfando e a bunda da mulher na praia, é revoltante... uma sequência de bunda... e os caras surfando... a mulher de fio dental e os caras surfando né... não que você não possa curtir seu corpo, não que você não possa valorizar seu corpo, mas você ser reduzida a uma bunda e uns peitos, é muito pouco para gente né mulher” E4, surfa a 10 anos

Sousa e Altmann (1999. P. 58) diz que: “[...] não se pode considerar que, pelo fato de homens e mulheres praticarem os mesmos esportes, estes tenham deixado de ser genereficados.” As autoras completam dizendo que a beleza das atletas e suas qualidades femininas, ganham destaque nos noticiários, “[...] sempre frisando que são atletas, mas continuam mulheres” (idem). Como se fosse esperado que uma condição anulasse a outra. Cabe refletir de que formas, as mulheres estão vivenciando o esporte. Se de maneira plena, ou restrita a perpetuação das reproduções sociais de controle masculino sobre o corpo feminino. (ALTMAN, 2003) Acerca da intensidade física que requer a modalidade do surf, a ideia de superioridade física do homem, é expressa, por exemplo, na narrativa:

“A remada no surf... é a coisa mais difícil para mim... e o preparo físico. ” E1, surfa a 1 ano

“É... porque, principalmente porque nós somos minoria, estamos surfando a menos tempo que os homens e porque fisicamente também nos somos mais fracas né e menos resistentes menos musculosas, menos fortes. Mas por conta disso nós não devemos ser desrespeitadas, o respeito deve ser né... independente de sermos fracas, sexo frágil e tal... ” E5, surfa a 10 anos

“Em relação a capacidade física, eu acho que os homens têm realmente mais facilidade do que as mulheres, tipo... biológico mesmo. ” E8, surfa a 8 anos

“Uma dificuldade que eu sinto que eu posso atrelar ao fato de eu ser mulher é a minha remada, que é uma dificuldade que eu tenho sempre, que é falta de força no braço, que pode influir eu ser mulher e geralmente mulher tem menos força no braço.” E14, 25 anos

Goellner (2007, p. 188) ajuda a pensar sobre essa construção de diferenciação entre os gêneros, quando diz que “O discurso biológico que legitima a diferenciação entre homens e

mulheres no esporte não passa, portanto, de uma construção discursiva”. A autora explica esse pensamento afirmando que:

“Os argumentos biológicos que historicamente têm servido para naturalizar as diferenças sociais entre sujeitos perdem força e legitimidade diante da percepção de que se traduzem em construções discursivas atreladas a redes de significação e de poder. O poder, por exemplo, de indicar as modalidades que homens e mulheres podem/devem praticar, de classificar níveis de performance possíveis de serem desenvolvidos, de inferir as habilidades e capacidades físicas de cada um, de nomear aquelas/aqueles que correspondem a essas expectativas ou, ao contrário, quem delas escapa.” (idem)

5.3 O lugar da mulher no surf

Quando questionadas sobre o lugar da mulher no surf, as participantes da pesquisa concluem assim como Dias (2010, p. 79) que “A prática do surfe entre as mulheres tem crescido consideravelmente nos últimos anos.”

“E aí eu acho que tá crescendo, eu acho que a gente tá desconstruindo muita coisa né... assim de entender que o esporte pode ser feito por qualquer pessoa, homem, mulher, assim como a dança pode ser uma prática de qualquer pessoa, não tem isso do carimbo do papel social, homem, mulher, não faz isso, não faz aquilo... eu acho que a gente tá desconstruindo e que o espaço é nosso mesmo, é de todo mundo. E que eu acho que... ah quando a gente pensa assim, o espaço da mulher no surf, diz também do espaço da mulher na sociedade de uma forma mais ampla né...” E4, surfa a 10 anos

“Eu vejo varias... hoje em dia eu já vejo várias meninas surfando, não só aqui, mas em outras escolinhas da cidade também e se apoiando e se juntando e fazendo grupos para surfarem juntas e tal... e eu acho isso bem legal, porque mostra que o esporte tá crescendo né...” E3, surfa a 1 ano

“(...)tem muito mais mulher no mar e tem muito mais respeito. Eu acho que o surf feminino tá conquistando seu espaço no esporte, tá conseguindo mais respeito, as meninas estão surfando melhor porque você não via muito as meninas no mar, manobrando essas coisas assim(...)” E8, surfa a 8 anos

Sobre a própria trajetória no surf, as narrativas das entrevistadas são cercadas de satisfação pessoal, e uma valorização as experiências proporcionadas pela prática da modalidade. “[...] a pratica intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo: deixando de existir apenas para o outro [...] ela se converte de corpo-para-o-outro em corpo-para-si-mesma [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 97)

“Minha trajetória no surf é... fantástica! Porque fiz novas amizades, quando eu vou surfar eu me desprendo de tudo. Desprendo do trabalho, dos problemas que o trabalho dá, problemas familiares, e... a gente medita bastante e é isso, o surf pra mim foi e é uma realização de um sonho porque, é muito bom quando as vezes você tá descendo numa onda e tem pessoas que admira né...” E11, surfa a 14 anos

“[...]o surf tem sido uma cadeia de realizações, eu vejo a minha história, como algo que eu nunca imaginei.” E14, surfa a 1 ano e 10 meses

“A minha trajetória eu acho que ela passa por um pouco de tudo isso que eu falei, por exemplo, isso de dizer que não se dedica tanto a uma atividade que assim... de entender que é importante o cuidado comigo... são reflexões todas que eu tive estudando e lendo, mas eu tive também sobre a minha vida e a minha prática né assim... do surf inclusive, a minha dedicação ao surf, o meu me lançar ou não em determinados contextos, determinados mares, determinadas situações de eu me perguntar “porque não?(...)” E4, surfa a 10 anos

“O surf muda a vida de muitas pessoas. Minha trajetória fez com que eu conhecesse pessoas agradáveis, aprendi a ter mais tolerância, refletir melhor sobre minha vida, ter uma boa qualidade de vida, respeitar pessoas e o mar.” E12, surfa a 14 anos

“O surf no início para mim, ele surgiu assim como um desafio e como uma nova possibilidade de eu tentar realizar um sonho esquecido na adolescência que eu acabei deixando de lado por causa dos estudos, mas eu nunca pensei assim que eu ia evoluir e conseguir realmente fazer do surf hoje em dia um modo de viver, um modo de ver o mundo, um modo de interagir com a natureza. Porque para mim, hoje em dia o surf é uma forma de eu meditar reconectar comigo mesmo e com a natureza[...]” E5, surfa a 10 anos

“Muito muito gratificante na verdade (risos). Eu costumo dizer que eu... é antes do surf e depois do surf, eu tinha planos pra antes de eu começar a surfar e depois que eu comecei a surfar na verdade eu mudei completamente minha vida né... meus objetivos, meus planos e viagens e tudo é focado muito nessa parte do surf mesmo.” E7, surfa a 8 anos

Ao pensar o lugar da mulher no surf, de um modo geral as entrevistadas têm em comum a ideia de que ainda é um espaço a ser conquistado. As mulheres se inseriram no universo do surf, muito posteriormente aos homens. Porém, as entrevistadas concordam que essa atuação feminina já apresenta maior representatividade dentro do meio esportivo do surf. Assim como compactuam que se faz necessário apropriar-se desse espaço, que é comum e de direito. “Reclamar às mulheres o direito de reivindicar o esporte como um espaço de exercício de liberdades que também é seu, mais do que um desafio acadêmico é, sim, uma necessidade política.” (GOELLNER, 2007 p. 191)

“O lugar da mulher no surf, é ao lado dos homens, respeito mútuo, iguais possibilidades, para que os gêneros possam se desenvolver igualmente no surf. Independentemente de ser homem ou mulher, trans, homo o que for, mas para as mulheres, isso ainda é um caminho muito novo

que a gente tá começando como todos esses caminhos nós temos que batalhar e “ralar” muito, para conseguir ser considerada e respeitadas pelo sexo oposto.” E5, surfa a 10 anos

“Bem amplo... as mulheres estão mais interessadas em aprender a surfar. Nosso litoral é bem favorável a prática, a busca aumentou a cada dia, o contato com o mar é super agradável, o círculo de amizade que se adquire através do esporte e eu acho também pelo fato de ser um esporte radical. ” E12, surfa a 14 anos

“A mulher hoje no surf, ela tem muito mais espaço do que tinha antes, mas assim é uma coisa que tá sendo conquistada não é uma coisa que foi conquistada, está sendo conquistada. E eu acho que a tendência é que ela se torne tão importante quanto o homem, como o papel do homem no surf. ” E8, surfa a 8 anos

“[...]as mulheres surfistas que eu conheço são mulheres muito determinadas, mulheres de muita garra que trabalham muito que surfam... eu acho que dentro da sociedade assim pensando numa coisa grande se a gente tivesse mais mulheres surfando, talvez a gente tivesse mais mulheres determinadas com menos preconceito na cabeça com relação ao seu próprio corpo. É... eu até acho que a mulher até força uma barra pra proporcionar o lugar dela no surf assim...” E6, surfa a 10 anos

Segundo Adelman (2003, p. 448): “Na atualidade, o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e/ou para criar novos”. Esses espaços são culturalmente construídos portanto passíveis a transformações. “Poderemos, então, aceitar que o esporte é um local de produção de corpos generificados, não porque são generificados em sua essência, mas porque são assim construídos no interior das práticas, saberes e discursos que o integram e que estão no seu entorno.” (GOELLNER, 2007 p. 189)

5.4 Gênero, educação física e esporte

A Educação Física, por longo tempo, buscou seus fundamentos nas teses da “naturalização” da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e atividade física para mulheres, utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigiam moderação. (LESSA, 2005, p. 162-163)

Goellner (2007) fala que as representações no campo da educação física e do esporte estão implicadas em deixar de observar o corpo como algo natural e que nele são inscritos valores, atitudes, comportamentos, gestualidades e performances. Designando diferenciações sociais. “Nesse sentido, as justificações biológicas que fundamentam as recomendações diferenciadas para mulheres e homens no campo do esporte merecem, no mínimo, serem observadas com desconfiança.” (p. 187)

Nesse caso, trazer essas diferenças para dentro da educação física implica consequências negativas quanto a performance motora das mulheres, bem como a formulação de esquemas de percepção da capacidade feminina como inferior à dos homens, agregando aos mesmos uma superioridade física que reflete em atitudes, estimuladas através das atividades destinadas de maneira seletiva segundo o gênero. Mesmo na escola onde há um facilitador/professor ainda existe o obstáculo para se ter uma homogeneidade na aplicação de atividades sem levar em conta o gênero.

A questão mostra-se complexa uma vez que conjuga a forma como os próprios professores compreendem o mundo quanto ao gênero, sendo esta visão construída historicamente nos mecanismos institucionais do estado e da família como uma questão hierárquica de poder ligada continuamente à um comportamento biológico naturalizante. (SOUZA, 2003 p. 126)

O esporte, como produto da cultura corporal de uma sociedade, perpassa ao desenvolvimento da sua prática, as construções e normas sociais, incorporado aos gestos e modos de vivenciar a corporeidade.

[...] o esporte não é um campo “naturalmente” masculino, nem mesmo aquelas modalidades que exigem maior força física e vigor: como qualquer outra instância social, o esporte é um espaço de generificação, não porque reflete as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral, mas, fundamentalmente, porque as produz e reproduz. (GOELLNER, 2007, p. 190)

Romper com essas marcas deixadas na prática dos esportes significa dentro da educação física e do esporte que homens e mulheres possam experimentar das mesmas práticas corporais, sem que os possíveis transtornos para concretizá-las de fato sejam justificados por imposições de gênero. “A escola tem importante função no processo de conscientização, orientação e instrumentalização dos corpos das crianças e adolescentes” (SANTOS, et al, 2008, p. 2) “De todos os fatores de mudança, os mais importantes são os que estão relacionados com a transformação decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros” (BOURDIEU, 2002, p. 125)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparado pelo referencial teórico e baseado no conteúdo das entrevistas, conclui-se que existe uma diversidade de motivações que instigou cada entrevistada a se inserir na modalidade esportiva do surf. As escolinhas de surf correspondem a um contexto diferenciado para a inserção no esporte, favorecendo a prática, pois criam um ambiente propício ao aprendizado, na companhia de professores e de outros alunos na mesma condição de aprendizes. Em comum a todas, está o prazer proporcionado pela vivência. Suas trajetórias são sempre circundadas de uma realização pessoal, onde o surf assume um papel de grande importância, emergindo de um olhar individual sobre como a prática do surf corresponde as suas atitudes e valores sob o contato com o universo da modalidade e com as pessoas que estão envolvidas nesse contexto.

No cenário do surf, a partir das falas das entrevistadas fez-se perceber que ainda existe um número superior de homens em relação a quantidade de mulheres praticantes da modalidade. Sendo estes, em muitos casos, os mediadores à inserção das mulheres na modalidade. Outros aspectos foram apontados pelas entrevistadas, como o medo, a vergonha do corpo, a sexualidade, sentimento de intimidação em um ambiente com maior número de homens e a maternidade. Essas questões permeiam as posições e disposições das mulheres dentro do âmbito do surf. Os dados das entrevistas conduziram a pensar sobre a condição de submissão feminina dentro da nossa sociedade, refletida no surf através de modos característicos de violência simbólica: a negação às habilidades femininas para um esporte considerado masculino, por possuir características que ressaltam a virilidade, removendo a mulher da condição passiva; a ideia de superioridade masculina, quanto ao desempenho dentro do esporte, desvalorizando a prática feminina, julgando ser inferior a condição masculina dentro da modalidade, que assume desse modo o status de ideal; a super valorização nos campeonatos das categorias masculinas em detrimento as femininas e a redução da imagem das atletas a sua aparência física.

Para as entrevistadas, o cenário que envolve a mulher no surf, vem melhorando, com o passar do tempo, atribuindo ao lugar da mulher no surf, um contexto de conquista, que ainda não se faz inteiramente de posse das mulheres, porem as mesmas cada vez mais, estão conquistando seu espaço. Acredito se fazer necessário a experiencia de ampliação da amostra pesquisada, podendo ser feita a análise de grupos focais e/ou de maior abrangência.

As narrativas contribuíram de forma significativa no alcance dos objetivos da pesquisa, pois ofereceram um acervo de informações relativas as percepções das praticantes de surf sobre ser mulher nesse esporte. Permitindo a análise de fatores sociais que permeiam a pratica do surf.

A educação física pode contribuir para minimizar os efeitos das construções sociais simbólicas que submetem imposições a adesão da prática esportiva segundo o gênero do indivíduo. Concebendo que independente das técnicas e características exigidas por determinada modalidade, esta tem plenas condições de ser realizada tanto por mulheres, como por homens. A educação física pode ser um instrumento de produção de novas concepções sobre a divisão sexual das funções sociais e opor-se à hierarquização dos gêneros, a partir da compreensão de que o esporte, assim como estas disposições, faz parte de um constructo social que são mutáveis e transitórias, assim como a ideia da existência de um sexo frágil.

Proponho ao fim desse trabalho, estudos que analisem os aspectos sociais que perpassam o cenário do surf masculino, os meios de inserção à modalidade e as disposições que atravessam a prática. Permitindo um comparativo com os elementos apresentados acerca do surf feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Mirian. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 445-465, julho-dezembro/2003
- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- BELEI, R. A, et al. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPe | Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008.
- BITENCOURT, V. et al. **Surfe / Esportes radicais**. Dacosta, lamartine (org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. Traduzido por: Maria Helena Kühner. – 2ª Edição. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos Parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
- CABELEIRA, Tânia Filipa Ramos. **Turismo de surf na capital da onda: ensaio sobre a sustentabilidade de uma rota de surf em Peniche**. Mestrado em turismo. Gestão estratégica de destinos turísticos. Escola superior de hotelaria e turismo do Estoril. Dezembro, 2011.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes – **Metodologia qualitativa e método clínico-qualitativo: Um panorama geral de seus conceitos e fundamentos** – Revista Portuguesa de Psicossomática, 2(1):93-108, 2000.
- CBS- Confederação Brasileira de Surf. Disponível em: <<http://www.cbsurf.com.br/portal/>> Acesso em: 25 de junho de 2017.
- CRUZ; Marlon Messias Santana.; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131, jan./mar. 2009.
- DAOLIO, Jocimar. **A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”**. In: ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DIAS, Cleber. **Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 75-88, dez. 2010
- DEVIDE, Fabiano Pries. **História das Mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais**. 2003. 347 f. Tese (Doutorado em Educação Física e Cultura) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

- DEVINE et al. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Set./Dez. 2003
- DIAS,C.; FORTES, R.; MELO, V.A. **Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960**. Est. Hist., Rio de Janeiro. vol. 25, nº 49, p. 112-128, janeiro-junho de 2012.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.
- FORTES, Rafael. **Notas sobre surfe, mídia e história**. Rev. Recorde: Revista de História do Esporte Artigo, v. 1, n. 2, dezembro de 2008
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995
- GODOY, Arilda Schimidt. **Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, março 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A Educação Física e a Construção do Corpo da Mulher: imagens de feminilidade**. **Motrivivência** – Educação Física, corpo e sociedade (II), ano XII, n.16, p. 35- 52, mar. 2001.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica**. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007b. v. 1. p. 110
- GOELLNER, S. et al. **Gênero e raça: inclusão no esporte e laser**. Disponível em: <<<http://portal.esporte.gov.br>>>. Acesso em: junho de 2016.
- GONÇALVES JUNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco N. S. **A Educação Física escolar e a questão do gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005

GUTMANN, Matthew. **O machismo**. Traduzido por: Michele Markowitz. Antropolítica Niterói, n. 34, p. 95-120, 1. sem. 2013

IBRASURF. Relatório - **Curso Surf: Administração, Marketing e Gestão de Negócios**. 26 de abril a 28 de junho de 2010.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. **Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes**. Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra, BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: Martin W. Bauer, George Gaskell (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KNIJNIK, J. D; CRUZ,L. O. **Amazonas dos sete mares: a imagem corporal de surfistas brasileiras**. Revista do Nufen - Ano 02, v. 01, n.02, julho-dezembro, 2010.

LESSA, Patrícia. **Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista**. Motrivivência. Ano XVII, n° 24, Junho/2005

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Guacira Lopes Louro; 9ª ed. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros**. Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Disponível em: << <http://wp.ufpel.edu.br/>>>. Acesso em: 15 de junho de 2016

MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão**. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.226-241, Jul/Dez 2009

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Programa de pós-graduação stricto sensu em gestão do conhecimento e tecnologia da informação. Brasília – DF. Março, 2003.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, V.1, N° 3, 2° SEM./1996.

NETO, A. M. de S., Wendhausen, M. **A prática do surf e sua influência no desenvolvimento infantil-juvenil**. Monografia apresentada aperfeiçoamento/Especialização em gestão e treinamento no surf) - instituto catarinense de pós-graduação, 2007.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e Discurso do Gênero na psicologia Social**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho- Portugal. 13(1), 107-128. 2001.

OLIVEIRA, G.; CHEREM E.H.L; TUBINO M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. R. bras. Ci e Mov. 2008; 16(2): 117-125.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

VIEIRA, R.M.B. **Cultura surf em Florianópolis: a voz das surfistas.** In: encontro regional sul de história oral, 4. 2007. Caderno de Resumos... Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Roberto%20Milton%20Brasil%20Vieira.pdf>>.

VOTRE, S. J (Org.). **Gênero e atividade física.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

SILVA, F. F.; MELLO, E. M. B. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na Educação.** – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

SILVEIRA, D. T., CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. (Org) **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, E.S., ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99

SOUZA , A. M. A. **“Evoluindo”:** *mulheres surfistas na praia mole e barra da lagoa.* 2003. 164 f. dissertação (mestrado em Antropologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

WSL - World Surf League. Disponível em: << <http://www.worldsurfleague.com/>>> Acesso em: 25 de junho de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A:

Roteiro de entrevista

(Pergunta gerativa) Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

- ✓ Como começou seu interesse por surfar?
- ✓ Com quem você ia surfar?
- Em sua experiência no surf o que facilitou ou estimulou sua inserção, enquanto mulher nesse esporte?
- E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção no esporte pelo fato de ser mulher?
- Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?
 - ✓ Em que aspecto?
 - ✓ Pode relatar uma situação onde isso ocorre? (Seja ela que tenha sido vivenciada por você ou não)
 - ✓ Isso aconteceu na sua trajetória? Se não tem algum caso onde tenha vivido alguma experiência difícil no meio do surf, por ser mulher?
- Como você vê o lugar da mulher no surf?
- Como você enxerga a sua trajetória no surf?

APÊNDICE B:

Transcrições

E1, 21 ANOS. SURFA A 2 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E1: Assim, eu comecei porque eu sempre gostei muito de esporte, eu sempre quis, sempre tive essa vontade de surfar, só que eu não conhecia ninguém que surfava para me levar para surfar e tal... aí eu conheci um amigo que ele surfava, aí ele perguntou se eu queria ir... e eu fui com ele. Ai pronto eu comecei a ir.

P: O seu interesse então foi porque você sempre praticou esportes?

E1: Eu já pratiquei quase todos os esportes, eu já ando de skate, eu jogava vôlei... eu só não gosto de futebol, todos os esportes eu já pratiquei

P: Então você começou a surfar com esse amigo?

E1: É

P: Na tua experiência no surf o que facilitou por ser mulher?

E1: Eu via muito vídeo na internet era o que me ajudava mais, porque a maioria das pessoas tem muita dificuldade para furar a onda que é muito difícil você ver como fura a onda você vendo a pessoa dentro mar, entendeu? Aí eu comecei a ver os vídeos e tal... aí eu vi um canal que é o “surf dicas” aí começou a me ajudar bastante.

P: E no mar quem que te ajudou?

E1: Só esse meu amigo. Daí eu comecei a surfar sozinha.

P: E o que dificultou pelo fato de ser mulher?

E1: A remada no surf... é a coisa mais difícil para mim... e o preparo físico. Meu pai só reclamava porque eu saia de madrugada, a gente saia muito cedo. Aí ele achava perigoso.

P: Você acha que existe alguma desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E1: Eu acho que sim... eu acho eles têm muito preconceito sim ainda. Tem uns comentários “meio besta” entendeu assim...

P: Que tipo de comentário?

E1: Eu sou uma pessoa muito tranquila com isso, mas muitas mulheres deveriam se incomodar, tipo... você está aqui numa onda aí o cara tá na outra ai o outro comenta “ah tu não foi, tu acha que a menina ia conseguir? ”

P: Mas já aconteceu com você?

E1: Já ...eu não me esquento com essas coisas entendeu?!... Então não dá para gente se esquentar.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E1: Eu acho que as mulheres têm bem menos visão do que os homens, principalmente no profissional... pouca gente assiste o profissional das mulheres conhece quem surfa no profissional das mulheres e os homens são bem mais conhecidos.

P: Como você vê o incentivo ao surf feminino?

E1: Tipo assim... pelos menos o cearense eu acho que tem bastante... bastante entre aspas... mulheres que são incentivadas aqui. As meninas que surfam, que são as melhores assim, que vem lá do titanzinho elas têm... elas tinham, pelo menos... elas perdem o patrocínio por vacilo delas mesmo, mas elas eram bem incentivadas. Elas não são muito comprometidas, entendeu?... Ganha o patrocínio aí relaxa.

P: Como você vê a sua trajetória no surf?

E1: Tipo... para mim foi bem difícil no começo, porque o meu amigo, ele foi comigo tipo duas semanas, aí depois eu comecei a ir sozinha... aí foi muito difícil para começar a pegar a minha primeira onda sozinha, mas depois é supertranquilo. Hoje eu vou menos porque tem faculdade, estudo bastante, mas todo fim de semana eu vou, não deixo de ir um fim de semana.

E2, 25 ANOS. SURFA A 5 ANOS**P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf**

E2: Meu início no surf foi muito bom, eu comecei com meu esposo que dá aula de surf, então... eu aprendi logo nas primeiras aulas a ficar em pé, muito legal. E com isso eu continuei, quis continuar a aprender mais coisas... aprender mais e mais.

P: Como começou seu interesse por surfar?

E2: Eu sempre tive vontade de aprender, é ... mas nunca dava certo, então quando eu comecei a namorar com ele, é ... deu certo.

P: Entendi... mas quando você fala que não dava certo, tinha algum motivo específico? Você pode relatar?

E2: Não dava certo porque ninguém me emprestava a prancha (risos) eu até tentei só, peguei a do meu irmão e fui só... mas ele não gostava que eu pegasse a dele porque bate a prancha, as vezes quebra o bico, então depois disso, ele nunca me emprestou mais, ele nunca teve interesse

de me ensinar. E depois que eu comecei a namorar com meu esposo, ele me ensinou, ele tinha prancha, me emprestava e... e eu comecei a aprender né...

P: E o que você acha que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção pelo fato de ser mulher?

E2: Dificuldade... é... e obstáculo de... pelo fato de ser mulher, só mesmo os filhos né (risos)... porque quando a gente tem filho, a gente não pode surfar toda hora, tem as obrigações, só isso mesmo que me dificulta as vezes de ir surfar, mas fora isso, nenhum obstáculo assim não. Nenhuma dificuldade não.

P: Entendo... dando continuidade, na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E2: Hoje em dia não mais, de primeiro né... tinha as desigualdades né... mas eu acho que hoje em dia as mulheres vêm se destacando igual os homens no surf. Assim, várias meninas surfando então com isso tem acabado mais esse preconceito de até... antes falavam que a mulher que surfava era “sapatão” alguma coisa assim do tipo, mas hoje em dia eu acho que não existe mais isso não. É... tá super de boa.

P: Você presenciou algum caso que retrate esse preconceito?

E2: Nunca presenciei, só de ouvir falar mesmo, que as pessoas perguntam, assim se eram (homossexuais).

P: Na sua opinião por que as pessoas levantam esse tipo de questionamento?

E2: Eu acho que é porque, antes tinha muito homem surfando, era mais homem surfando e com isso também muitas lésbicas também começaram a surfar mas é... hoje em dia tem lésbicas surfando, mas também tem muita menina também que surfa e não é... que não são.

P: Você acha que existe diferença de como a mídia propaga a imagem de homens e mulheres praticantes de surf?

E2: Vejo diferença não, na mídia assim mostra... não mostra nenhuma diferença, até porque tem um campeonato... sempre tem de homens e mulheres... e eu acho que eu não vejo nenhuma diferença não. Sempre eles.... até parabenizam por... pelo campeonato quando tem feminino.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E2: Que os números das meninas surfistas estão aumentando cada vez mais e os homens, assim... estão de parabéns por não tá desigualando a gente né....assim tá crescendo bastante o número de meninas surfistas e.... muito legal isso, ver esse crescimento de meninas querendo surfar.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E2: Iniciante nas competições, mas desde já assim.... amando demais, muito bom, quero ficar velhinha surfando (risos) é bom demais.

E3, 20 ANOS. SURFA A POUCO MAIS DE 1 ANO

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E3: Eu sempre tive vontade de começar a surfar, mas sempre faltava uma iniciativa minha, não tinha iniciativa de ir atrás, só ficava na vontade aí meu irmão no final de 2015 ele começou a surfar e aí em abril foi aniversário dele aí o pessoal aqui foi fazer uma festinha surpresa para ele aí eu vim, aí a D1 que é a esposa do B1 me convidou para fazer uma aula, experimentar marcou comigo e tal aí eu vim. E aí eu já gostei desde a primeira aula, gostei fiquei com vontade, aí comecei a vim e pronto até hoje tô aqui.

P: O que despertou o teu interesse pelo surf?

E3: Eu sempre gostei de esporte aquático, eu fiz natação a minha vida inteira até os... minha vida inteira não, eu fiz natação até os meus 14 anos de idade, então eu sempre gostei dessa coisa do esporte na água e eu sempre curti, sempre achei bonito e tal...

P: E você começou na escolinha?

E3: Foi, na escolinha.

P: O que facilitou para você ou estimulou a sua inserção enquanto mulher nesse esporte?

E3: Mudou meu estilo de vida, antes eu vivia mais a noite assim... eu ia muito para festa, sai muito a noite e tal... mas depois que eu entrei no surf as minhas prioridades mudaram, passei a cuidar mais da saúde mesmo, porque é um esporte que requer bastante... do seu condicionamento físico, tem que tá em dia com seu corpo para poder dar o seu melhor. Primeiro que eu comecei na escolinha né então é mais fácil, você tem professores que lhe ajudam então... mais difícil você desmotivar né... porque sozinha você sofre mais para aprender e o pessoal aqui também, sempre foi muito acolhedor muito amigo e tal... isso ajuda bastante a eu me manter né porque é um esporte que você requer bastante prática, para você está em constante evolução então se você para se você passa uma ou duas semanas sem vir, quando você volta você já sente a diferença... né... então com a escolinha é mais fácil porque sempre tem pessoas do seu lado e você consegue evoluir mais rápido.

P: E o que dificultou, a sua inserção no surf ou ainda dificulta você se manter no esporte?

E3: A questão... que eu sinto o pouco de medo ainda, quando a onda... quando o mar tá maior né... tem ondas maiores e tal... eu sinto um pouco de medo mas é normal, eu acho que falta de costume né... só tenho um ano no esporte, mas eu já tô bem melhor que no começo, que no começo eu era bem mais medrosa e conforme você vai evoluindo você vai tendo mais confiança

e vai diminuindo essa questão do medo, basicamente assim, isso era o que mais me... não que me impedia mas era o que mais me atrasava.

P: Mas pelo fato de ser mulher você sentiu alguma dificuldade em estar dentro da água?

E3: Assim... aqui na escolinha é super tranquilo, eu sinto que o pessoal respeita bastante. Quando a gente tá no mar tem pessoas que dão a preferência para gente, tem caras que dão a preferência para gente por ser mulher, tem caras que tratam como igual assim... se ele tem a preferência eles vão na onda, mas tem caras que mesmo eles tendo a preferência deixam a gente passar e tal né... eu nunca, eu pelo menos, as vezes eu sou meio desligada para essas coisas nunca percebi nada não... mas eu sei que os caras dentro do mar olham para gente e tal... a gente fica só de biquíni e tal... mas eu procuro não... eu mesma procuro não dar muita atenção para isso né... e também tem a questão eu não gosto de entrar sozinha, não entro só no mar, eu posso entrar com... tipo... não faço mais aula hoje em dia eu já entro sozinha mas, eu sempre procuro surfar com outra pessoa conhecida né... questão de segurança também... se eu levar um caldo muito forte e tal... ai tem alguém me ajudar.

P: Você acha que existe desigualdade ente homens e mulheres no surf?

E3: Com certeza! Duas semanas atrás por exemplo teve um campeonato. Sempre tem mais categoria masculina do que feminina até porque tem mais homem praticando o esporte do que mulher. Mas nas categorias masculinas os homens que ganhavam em primeiro lugar, ganhavam uma prancha e na categoria feminina não teve isso. Tinha duas categorias femininas e as meninas que ganharam em primeiro lugar, ganhavam só um kit e os homens que ganhavam em primeiro lugar nas suas categorias ganhavam uma prancha e fora os kits né então ai você já vê a desigualdade do gênero né... é... meio que... no próprio campeonato mundial, nos dias em que as ondas estão piores, eles põe as baterias femininas, quando o mar tá melhor eles põe as baterias masculinas né... tipo... se bem que a gente sabe que o surf feminino ainda tá começando, ainda tá entrando mais nessa questão, mas... mesmo assim né estão tirando a oportunidade das mulheres de surfar em ondas melhores, que eles consideram melhores.

P: Você falou que não nota essa questão dos comentários dentro da água, mas alguém já te relatou de ter passado por alguma situação difícil por ser mulher no surf?

E3: Não, muito pelo contrário. Assim... essa questão do preconceito por ser mulher, não. Muito pelo contrário, eu acho que há um grande incentivo né... os caras acham legal quando veem mulher surfando, acham bonito. Isso é o que eu vejo, nunca vi o contrário. Eu vejo mais o pessoal daqui incentivando as mulheres a surfar, as próprias mulheres se incentivando e é isso que eu acho bem legal.

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E3: Eu acho que tem muito essa questão do... o surf masculino se você for prestar atenção os atletas que são bem patrocinados, que tem bons patrocínios são os melhores surfistas, são os que surfam melhor né... os líderes do ranking, que tem patrocínio, Jhon Jhon, Gabriel Medina, são caras que surfam bem. Agora as mulheres já têm uma questão da aparência, por exemplo a Silvana Lima, surfista lá do Paracuru, brasileira, ela tem muita dificuldade nessa questão do patrocínio, porque ela não é aquela mulher loira, bonita, ela tem um... o corpo dela assim mais... não masculinizado, mas ela é mais forte, mais musculosa, não tem aquele corpo tão feminino né... e ela tem... inclusive teve um ano que ela não pode participar do mundial porque ela não tinha patrocínio para ajudar ela a competir. E você vê mulheres que não surfam tão bem, porque a Silvana tem um surf muito bom, Silvana tem um surf mais agressivo, pessoas inclusive comparam o surf dela com o surf masculino e tem mulheres que são mais... outras surfistas que estão na elite do surf feminino mas que não surfam tão bem, sendo que por serem mais bonitas, por serem loiras, magras né... tem aquela aparência mais feminina, são mais valorizadas dentro do esporte, pela questão da aparência, e isso me incomoda bastante, inclusive já conversei sobre isso com outras pessoas e muitas pessoas concordam que a mulher ainda não é valorizada pelo surf em si mas pela aparência, enquanto o homem eles olham pelo surf mesmo né...

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E3: É... eu acho que as mulheres estão cada vez se impondo mais no esporte. Eu vejo varias... hoje em dia eu já vejo várias meninas surfando, não só aqui mas em outras escolinhas da cidade também e se apoiando e se juntando e fazendo grupos para surfarem juntas e tal... e eu acho isso bem legal, porque mostra que o esporte tá crescendo né... o surf já é bem... é um esporte muito presente aqui, mas não nas mulheres né... e agora eu tô percebendo que tá crescendo bastante a entrada da mulher no surf, eu acho bem legal porque você vê mais pessoas que nem você no esporte, acaba lhe incentivando, é diferente de você ver homens surfando né... você fica meio assim... as vezes eu já fiquei meio intimidada quando o mar tá muito cheio de gente e a maioria... sempre... as vezes eu sou a única mulher ou então tem mais uma ou duas e o resto são todos homens. De 20 pessoas na agua, no máximo, quando é bastante tem 5 mulheres. Sendo que quando tem mulher a gente sempre se apoia, eu sempre fico prestando atenção para ver... eu gosto de olhar mulher surfando então... eu vejo como é que tá e as vezes, eu já vi aqui umas meninas que surfam bastante, que surfam bem, eu fico super feliz e mais motivada ainda.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E3: É... assim, tá só começando, mas eu sinto que eu já evolui bastante, é... essa questão do medo, no começo, me atrapalhou mais, mas hoje em dia já tá bem melhor, e eu sinto que depois que consegui superar mais o medo... o meu medo mais é a questão do... quando você leva um caldo, você passa muito tempo em baixo d'água sem respirar, então eu tenho medo. Não gosto de ficar sem respirar em baixo d'água, então eu me desespero e isso que me atrapalha mais. Mas, fora isso eu já melhorei bastante, você vai evoluindo e vai caindo menos, vai levando menos caldo, então vai ficando com menos medo, é bem bom, mas eu ainda vejo muitas mulheres com medo. Eu não sei porque, mas eu sinto que as mulheres têm mais medo que os homens, então isso atrapalha na evolução, então, conseqüentemente os homens acabam evoluindo mais rápido. E sempre que eu vejo assim, tem muitas amigas aqui da escolinha que ficam com medo quando estão dentro do mar, então sempre que eu tô dentro do mar eu procuro acalmar elas né... dizendo: “não tem medo...” para ver elas evoluírem e para eu conseguir evoluir também né, mas é isso, eu ainda não consigo da nem uma manobra nem nada... mas já pego onda só e procuro continuar sempre evoluindo.

E4, 36 ANOS. SURFA A 10 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E4: O meu início, vou pegar aqui as origens né do primeiro contato, vai ser através do contato com os meus irmãos, tenho dois irmãos que surfam e aí os primeiros ensaios, não só os irmãos, mas os amigos, todo mundo “ah vamos surfar”, mas de realmente de dedicar de dizer assim “eu vou aprender mesmo” foi. É interessante isso, foi muito mediado pelo namorado ... que é surfista e que eu na época, a uns 10 anos atrás eu disse “vou aprender”. E ele é apaixonado também pelo esporte tinha começado no esporte, aí eu resolvi entrar em contato assim... então foi muito por aí. E aí aquela coisa de enfrentar esse primeiro medo de entrar no mar, de se ver lá dentro né assim... realmente lá dentro dá aquele friozinho na barriga e ao mesmo tempo é um outro mundo, um outro contexto né... os desafios de atravessar a arrebentação né... que implica de certa forma uma coragem né... acho que o mar, a relação que eu estabeleço com o mar, é assim muito... se eu não tiver bem, provavelmente o surf não vai ser muito bom, mas ele me permite isso: entrar em contato comigo. E muitas vezes da coragem mesmo de enfrentar, de ultrapassar, de superar medos, para poder ir. Mas eu também ao mesmo tempo, respeito muito o mar e o meu medo né... tipo assim... eu vou até onde eu acho que eu consigo, até onde eu acho que eu posso sem desrespeitar isso, mas ao mesmo tempo também, saindo do lugar comum, porque se

eu ficasse no lugar comum eu nem entraria, não teria nem começado, mas buscando enfrentar isso e sempre superando, porque aí a cada superação é uma alegria gigantesca né (risos)

P: Imagino... então o teu interesse foi despertado por meio dos seus irmãos?

E4: Eu acho que uma influência do contato com esse mundo do surf né... e desse universo de uma pratica esportiva, ao ar livre, em contato com a natureza, em contato com o mar, eu acho o surf muito bonito, ele me remete também um pouco da dança né assim... que é algo que eu fiz quando era criança por muito tempo, que eu acho muito bacana, que eu gosto muito, que hoje ta presente na minha vida por meio da biodança, é... e disso, do equilíbrio, da conexão consigo e com o todo. Então isso, esse mundo, me foi de certa forma mais apresentado por esse meio, pelos irmãos, que foi por onde eu conheci a pratica, a gente pode dizer assim... isso muito moleca, porque eles começaram a surfar muito cedo, eles começaram a surfar acho que o C1 tinha 13 (anos) por ai... eu devia ter uns 12 anos.

P: Então você acha que o que facilitou a sua inserção foi isso?

E4: Sim, ser um universo conhecido. E a praia e o mar sempre foi algo que fez parte da nossa vida, desde a infância assim então é um ambiente comum assim... comum não, familiar.

P: E o que dificultou ou foi um obstáculo no esporte pelo fato de ser mulher?

E4: O fato de ser mulher, querendo ou não é intimidador né... se a gente for pensar na nossa condição mesmo feminina no mundo que é instituído para nós é o mundo realmente do privado né...do contexto privado, da casa, então é estar no mundo é estar fazendo uma prática que instituída, um esporte que é no seu início muito masculino, e você observa ainda hoje um contingente muito maior de homens praticando do que de mulheres né... ai ao mesmo tempo... só esse fato em si, por exemplo, tá dentro do mar e tá só você de mulher e um monte de homem. Só isso em si, já causa um certo estranhamento, que pode ser intimidador ou não, dependendo do... se os homens são conhecidos ou não, também tem isso né... mas se tem uma coisa que me incomoda muito, que eu acho que muitas mulheres compartilham isso... é o fato de que você é uma surfista, você é mulher, todo homem que chega dentro do mar e lhe vê, ele se sente autorizado a lhe dizer o que você deve fazer, como você deve fazer, como você deve surfar, ele já pressupõe que você não sabe e que ele pode lhe ensinar, é impressionante isso (risos). Pode ser com a melhor das boas vontades, como já tem vários que são, mas é interessante observar isso né... assim, isso é algo que eu observo, assim “lá vem ele, já vai, nem me conhece já vai querer me ensinar como eu devo fazer”. Mas assim “ah E4, tu deixa de ir por isso, por alguma intimidação?” Não. Mas eu sei, principalmente porque eu estudo também essa área do gênero, então eu sei que essas relações elas estão em todos os lugares, inclusive ai assim... de que os

homens eles são desde pequenos muito mais impulsionados ou valorizados em função disso né... dessa coragem, de enfrentar os desafios, por outro lado a mulher, ela é a doce, ela é a recatada, ela é a que não deve ousar... mas a gente não concorda com isso, porque a gente vive ousando e desbravando um monte de coisa né...e inclusive derrubando muitos preconceitos, que a gente tem que fazer para poder estar nos lugares né... e ir e vir livremente, então acho que atravessa sim essa questão, do ser mulher ou não dentro do mar. Por outro lado, talvez a gente esteja mais atenta por conta disso né... de socialmente a gente já é educada para valorizar a questão da sensibilidade, do equilíbrio, de certa forma a gente pode desfrutar um pouco mais de outras coisas né do esporte que te permite, como esse contato com a natureza. Tem uma coisa que eu sinto no esporte que eu não gosto, que eu não curto que é uma extrema competitividade entre as pessoas e isso diz desde a hora de pegar uma onda, e de concorrer pela onda né assim e... que me incomoda. Muitas vezes você não vê muito o respeito pelo coletivo, em alguns lugares mais em outros menos. E que as pessoas estão ali para concorrer, que todo mundo tem que ser o melhor e não porque as pessoas foram praticar um esporte que fazem bem a elas e que todo mundo pode usufruir, que todo mundo pode se divertir.

P: E isso independente de ser homem ou mulher?

E4: Entre os homens e as mulheres essa reprodução. A última situação que eu vivi, foi com uma mulher.

P: Você pode relatar?

E4: (risos) É lá em Paracuru. Lá em Paracuru tem um pico que é conhecido, de ser um pico muito feminino porque muitas meninas surfam lá, que é o “currelzinho”, só por aí tu já tira, é um pico onde tem umas ondas menores, onde rola umas marolinhas e tal... então é um pico... e ao mesmo tempo lá não são só mulheres, são homens e mulheres que surfam lá e é um lugar onde meio se instituiu, de certa forma, de que todo mundo pode pegar onda com todo mundo. Só que fica aquela história, todo mundo pode pegar onda com todo mundo, acontece o que? Que uns ou outros, vão pegar todas as ondas (risos). E aí por essa história é comum remar três numa onda. Ai tá bom, pois tá... todo mundo pega todo mundo então tá... vou lá remar... ai lá foi eu e mais duas remando, e são assim colegas, não são pessoas desconhecidas, são pessoas que você convive bem, não vou dizer que são amigas porque a não tenho proximidade, mas é colega, poderia ser amiga. E ai... aconteceu que todo mundo se chocou “PÁ”, terminou que ninguém pegou a onda, todo mundo se bateu, eu levei uma pancada forte na minha cabeça e ai quando eu saí a minha preocupação era saber se tava todo mundo bem, mas eu vi que a reação dela, era muito mais de ficar puta da vida, porque eu atrapalhei a onda dela. E ai eu fiquei puta com a reação. Eu disse “poxa cara, qual é?” A gente vem para se divertir, vem para cá muitas

vezes, porque o surf para mim ele é muito promotor de saúde mesmo, assim é o lugar onde eu me desconecto das minhas milhões de coisas que eu tenho para fazer e eu vou lá me diverti, e eu vou entrar numa outra “piração”, numa outra lógica? Tem uma outra dimensão que é do cuidado mesmo com a gente, uns com os outros, porque se todo mundo rema para a onda, vai acontecer isso de alguém se machucar. Mas é como se não passasse pela cabeça da pessoa nenhuma dessas reflexões e fica puta com a outra, porque a outra... ai não rolou bate boca não porque eu não sou nem de fazer isso, tipo desnecessário no meu entendimento, porque se tivesse o mínimo de ordem, o mínimo de respeito, todo mundo surfava, todo mundo se divertia e não tinha problema né... mas... estamos numa sociedade individualista.

P: Na sua opinião existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E4: Eu acho que existe uma desigualdade já à priori. Antes de chegar no surf, que acaba repercutindo no surf. Primeiro, se eu fosse pensar nisso por exemplo, a primeira questão... nós mulheres somos muito educadas na sociedade, muito de como é instituído esse lugar da mulher como a que cuida, a que se doa ao outro, que o grande objetivo da vida dela é servir ao outro, esse outro muitas vezes é o filho, é a família, é o homem, etc... dificilmente nós praticamos atividades eminentemente nossas. Se você conversar com uma mulher eu acho que de 50 anos e perguntar: “o que você faz por você?” “Que você gosta, para o seu prazer?” Dificilmente ela vai te dizer, então eu acho que essa desigualdade ela começa desde aí, quando a gente vai pensar o que que a gente... como é que a gente valoriza a gente? O é que a gente faz por nós? Por exemplo, dizer que eu pratico uma atividade física por mim, pelo meu prazer... eu não tenho filho, provavelmente quando eu tivesse filho, vai entrar uma outra imposição aí de que na hora de competir quem vai surfar, você ou o marido? A gente tem que conversar muito para que os dois tenham o direito de ir surfar. Então é outra dimensão que eu acho que existe. Dentro do surf propriamente dito né... é... então, ai essa questão acaba repercutindo por exemplo muitas vezes num maior desempenho dos homens em determinadas modalidades esportivas, eu acho que nasce ai já. E que acaba repercutindo nesse se lançar mais e ultrapassar mais os desafios, se lançar mais nas barreiras, ou seja né, a gente tava falando do medo no começo, o meu medo que muitas vezes me limita, impossibilita que eu aprender um monte de outras coisas por um medo que se você for ver racionalmente, ele é infundado, porque não tem muito perigo assim né... Então eu acho que é uma desigualdade que não é muito de uma proibição, mas que acontece nesse nível simbólico mesmo, dessas relações como elas vão se estabelecendo. E eu acho que dentro do esporte me si, na prática em si, acaba que o homem sim, de certa forma toma mais a frente, se posiciona no lugar mais crítico e se permite pegar... o que atrapalha no desempenho

no surf. Por um outro lado, por conta também dessa mesma história de que mulher é mais dócil, frágil... a gente tem umas certas regalias... “ah deixa ela ir”...eu posso pegar uma onda e enrabeirar fulano que eu tenho certeza que ele não vai reclamar, porque eu sou mulher, se eu fosse um homem provavelmente ele ia encrascar comigo. Então tem também os ganhos aí nesse lugar né... que você pode... eu enrabeiro “tudim” tô nem aí, tem problema nenhum... mas obvio com cuidado, obvio observando... eu enrabeiro, mas eu pego ela lá em baixo, eu não pego a onda lá no começo, eu aproveito a onda muito menos, não vou dizer aproveito, porque eu me divirto muito. Mesmo surfando pouco eu me divirto muito, mas eu aproveito diferente

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem da praticante/atleta de surf?

E4: Segue a mesma lógica, a gente vê exemplos clássicos no surf, de grandes surfistas que não se encaixam no padrão da surfistinha bonitinha, loirinha, bem feitinha de corpo né... no padrão do que é dito que é isso... e que acabam sendo... não tendo tanto destaque, não tendo tanto espaço, pela aparência física né... que é outra coisa que é muito forte em nós mulheres, essa exigência por esse padrão estético e de que esse padrão estético é que dita quem serão as escolhidas né... tava lendo sobre isso agora... (risos) e que isso repercute na gente, de como a gente se percebe, então é... deve ser foda para quem é profissional e para mim, mulher, ver que muitas vezes o que aparece no filme do surf é os caras surfando e a bunda da mulher na praia, é revoltante... uma sequência de bunda... e os caras surfando... a mulher de fio dental e os caras surfando né... não que você não possa curtir seu corpo, não que você não possa valorizar seu corpo, mas você ser reduzida a uma bunda a uns peitos, é muito pouco para gente né mulher, e isso localiza uma relação de poder mesmo né... que coloca você naquele lugar e não pelo seu desempenho e até os padrões de exigência se a gente for pensar no próprio campeonato de repente de surf porque eu não sei... o que é avaliado de repente os padrões do que é exigido e instituído como um bom surf, ele é muito ancorado num padrão masculino mesmo, do que é um bom desempenho né... é a potência, a força, é a agilidade... também se a gente for problematizar por aí, cabe uma outra problematização, um surf que preza um pouco pela dimensão da beleza mesmo ou de outros padrões também deve ter essa dimensão, então queira ou não o padrão instituído é o padrão masculino e a mulher fica sempre tentando chegar até ele, chegar até o padrão masculino. Quando eu digo da beleza do surf, o que que é a beleza do surf. é um surf harmonioso, é uma linha bem feita, é uma leveza no movimento. Então para mim eu acho mais bonito o surf antigo, o surf da década de 70, do que o surf de hoje, mas é para mim né. O padrão da qualidade é o padrão masculino e as mulheres ficam tentando a todo custo chegar lá nesse

padrão e que algumas vão se aproximar mais outras não... é interessante isso... o outro, a gente continua sendo o outro sexo mesmo né... como já dizia a Simone de Beauvoir naquela época.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E4: Eu acho que tá crescendo cada vez mais, as mulheres têm descoberto o surf e curtindo né... e achado bacana, e tem possibilitado eu acho tencionar alguns valores dentro do surf, digo pelo universo que eu acabo convivendo, por exemplo, eu reclamei daquela questão da competitividade, mas eu percebo de uma forma geral que as mulheres acabam sendo mais solidárias umas com as outras, não entrando tanto nessa lógica do que os meninos, é como se a gente até se fortalecesse mais por entender que a gente é minoria e por curtir, “opa! Tem outra mulher aqui dentro!” “Opa! Massa! ”, a gente se identifica né... e se encontra aí nessa identificação. E aí eu acho que tá crescendo, eu acho que a gente tá desconstruindo muita coisa né... assim de entender que o esporte pode ser feito por qualquer pessoa, homem, mulher, assim como a dança pode ser uma prática de qualquer pessoa, não tem isso do carimbo do papel social, homem, mulher, não faz isso, não faz aquilo... eu acho que a gente tá desconstruindo e que o espaço é nosso mesmo, é de todo mundo. E que eu acho que... ah quando a gente pensa assim, o espaço da mulher no surf, diz também do espaço da mulher na sociedade de uma forma mais ampla né... ela tem permitido experimentar e estar em vários lugares tidos tradicionalmente ser de homem ou de mulher.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E4: A minha trajetória eu acho que ela passa por um pouco de tudo isso que eu falei, por exemplo, isso de dizer que não se dedica tanto a uma atividade que assim... de entender que é importante o cuidado comigo... são reflexões todas que eu tive estudando e lendo, mas eu tive também sobre a minha vida e a minha prática né assim... do surf inclusive, a minha dedicação ao surf, o meu me lançar ou não em determinados contextos, determinados mares, determinadas situações de eu me perguntar “porque não?”, de eu me perguntar “porque eu tenho medo de uma besteira dessa?” “Olha aí a besteira... olha o tamanho dessa onda...” e eu me questionar sobre isso, mas o surf para mim tem sido um espaço muito importante de cuidado mesmo comigo, é onde eu consigo me desconectar tanto no surf como no kite, entrar em outro mundo e sempre me divertir, de brincar, parece que eu sou criança de novo, é muito bom... e de voltar muito contente, muito tagarela, muito feliz, com as pequenas conquistas que tem, para mim é muito disso.

E5, 34 ANOS. SURFA A 10 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi o seu início no surf

E5: Bom, eu comecei a surfar assim que eu me formei, terminei a minha graduação né, então comprei minha prancha e o *kitesurf*, que eu iniciei as duas atividades ao mesmo tempo, tanto o surf como o *kite*. É... incentivada pelos meus amigos com quem eu morava na época né e são homens. Eles que me levavam nos picos para surfar, que me davam “o gás” que me orientavam, davam algumas dicas, a gente assistia filmes de surf, mas no início eu tinha mais a vontade de velejar mesmo, até porque eu...a evolução é bem mais rápida do que no surf. Ai... também já era época de vento né... então eu tive que dá uma focada no *kite*, para depois é... depois que terminasse a temporada de vento é que eu fui indo mais vezes surfar, vendo a evolução né e me apaixonando pela coisa.

P: Na sua experiência no surf o que facilitou a sua inserção, enquanto mulher no esporte?

E5: No início é... o fato de ser mulher ajudou né... porque os homens se sentem lisonjeados e interessados em ajudar uma mulher, em ensinar uma mulher, mas também com um pouco de “segundas intenções” as vezes, nem todas as vezes, então sempre tinha alguém para me dá um toque, tive duas aulas gratuitas de um professor, então... o começo foi fácil. Os homens também quando a gente tá aprendendo eles incentivam a descer a onda, deixam a gente descer nas ondas né... o que é o contrário como a gente já sabe.

P: E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção pelo fato de ser mulher?

E5: O fato de ser mulher muitas vezes facilita a gente pegar a onda no sentido de que é... os homens que estão lá até recebem a gente muito bem no pico né, mas é... se a gente descer a onda de um homem, ele nem vai fazer tanta questão, quanto faria se fosse um outro homem descendo a onda dele, que as vezes da ate briga. Mas ao mesmo tempo eu sinto uma dificuldade quando eu tô competindo lá... contra um homem mesmo para descer uma onda boa, por exemplo, vem uma onda muito boa e as vezes é a minha vez, e vem um outro homem, vem um homem né... e desce a minha onda, achando que porque eu sou mulher, não vou ser... não vou conseguir ou ser apta o suficiente para descer aquela onda. Por esse motivo na minha experiência eu venho vendo isso mais atualmente que as vezes a gente tem que realmente se impor... as vezes gritar mesmo, “agir como um homem mesmo”, reclamando... e se fazer sentir... se confirmar no pico, a gente tem que além de mostrar o surf, tem que mostrar que a gente também tá ali para pegar onda e concorrer com os homens. E eu noto isso também inclusive nas próprias crianças né, nas crianças que estão surfando que são homens e que veem a mulher, eles não acreditam no potencial de uma mulher na agua, muito difícil, a não ser que a Silvana Lima esteja na agua né... que ela corre aí o circuito nacional.

P: Quando você fala “agir como um homem” como você definiria esse comportamento que seria próprio deles?

E5: Quando eu falo em agir como homens, é... quer dizer que eu tenho que ser um pouco agressiva, gritar e realmente mostrar que eu também faço parte daqui, que eu também tô ali para surfar e tudo, mas não que isso seja próprio de homem ou de mulher, na verdade, não tem que ser próprio de ninguém, mas é o que é mais comum que a gente ver, é os homens agindo desse jeito porque quando eu tô surfando só com as minhas amigas, quando eu surfo só com mulheres eu não tenho que agir assim, cada um respeita a sua vez, pergunta se vai descer agora ou não, entendeu?!

P: Entendi... na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E5: Existe desigualdade... sim entre homens e mulheres no surf, é... porque, principalmente porque nós somos minoria, estamos surfando a menos tempo que os homens e porque fisicamente também nós somos mais fracas né e menos resistentes menos musculosas, menos fortes. Mas por conta disso nós não devemos ser desrespeitadas, o respeito deve ser né... independente de sermos fracas, sexo frágil e tal.

P: Na sua trajetória ocorreu algum caso onde tenha vivido uma experiência difícil por ser mulher?

E5: Já aconteceu de eu entre em picos e não conseguir surfar ou surfar só aquela onda pequena, ruim que ninguém quer, porque os homens não me contavam como... como uma pessoa que estive esperando também para surfar uma onda. E hoje em dia eu evito ir para esse mesmo pico, porque como tem muitos homens, eu sei que eu vou ter dificuldade de surfar lá. A não ser que eu “enrabeire” todo mundo que eu desça na onda de outras pessoas, mas eu não me sinto bem. O pior que eu vejo que as crianças que estão aprendendo a surfar lá, copiado esse mesmo comportamento.

P: Agora falando um pouco a respeito da mídia. O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E5: A mídia é muito boa de propagar a imagem daquelas atletas bem femininas, bonitas, gostosas, mas aquelas que são mais... masculinas ou que são homossexuais elas são realmente deixadas de lado. Além disso já escutei nas próprias competições que são propagadas nas mídias né... na internet ou até na tv é... que o campeonato WSL, ele é conjunto com o feminino, masculino e feminino, normalmente eles deixam o pior mar, o mar menor, as condições piores para correr o feminino, e deixam as melhores condições de surf de mar para o masculino. Eu até ouvir falar... ou na transmissão do último campeonato que foi no Rio, eles falando, questionando se realmente não seria melhor que o campeonato feminino fosse separado do

masculino. Se já... eles sendo disputado em conjunto já não mostram o campeonato feminino, imagine se forem desvincular, o campeonato feminino vai ser esquecido e não vai ter patrocínio nenhum mais. As competidoras que ganham mais patrocínio, que aparecem mais na mídia, que tem programa no Off (Canal Off) são aquelas meninas bonitas, gostosas e tal, agora as competidoras como Silvana Lima, Tita Tavares que são homossexuais tem grande dificuldade, além de ser cearense né lógico... tem grande dificuldade de conseguir patrocínio e até prosseguir na carreira. Os programas de tv sem ser de competição, mas os programas de tv como o Off né... onde participam ou é um programa específico para mulheres do surf, elas sempre estão de biquíni curtos, fio dental, mostrando o corpo para poder atrair audiência. Algumas vezes nem surfam muito bem, mas só porque tem um corpinho bonito, aceitam usar biquíni curto aí estão aparecendo no programa.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E5: O lugar da mulher no surf, é ao lado dos homens, respeito mútuo, iguais possibilidades, para que os gêneros possam se desenvolver igualmente no surf. Independente de ser homem ou mulher, trans, homo o que for, mas para as mulheres, isso ainda é um caminho muito novo que a gente tá começando como todos esses caminhos nós temos que batalhar e “ralar” muito, para conseguir ser considerada e respeitadas pelo sexo oposto.

P: E como você enxerga a sua trajetória no surf?

E5: O surf no início para mim, ele surgiu assim como um desafio e como uma nova possibilidade de eu tentar realizar um sonho esquecido na adolescência que eu acabei deixando de lado por causa dos estudos, mas eu nunca pensei assim que eu ia evoluir e conseguir realmente fazer do surf hoje em dia um modo de viver, um modo de ver o mundo, um modo de interagir com a natureza. Porque para mim, hoje em dia o surf é uma forma de eu meditar reconectar comigo mesmo e com a natureza, por isso eu acho que... eu acho muito ruim quando eu tenho que me impor para conseguir pegar uma onda, quando eu me estressar para poder surfar, porque para mim o surf é para relaxar e não para me estressar.

E6, 35 ANOS. SURFA A 10 ANOS

P: Gostaria que você relate como foi seu início no surf.

E6: Então, relatar o início do surf, é bem interessante, é uma história muito interessante porque desde os quinze anos eu adoraria surfar, mas sempre tive vergonha... vergonha disso, vergonha daquilo... e não ia né... e eu fui surfar na verdade quando eu completei vinte e seis anos, aí fui com muita vergonha, mas com muita firmeza, com muita certeza do que eu queria né... e eu

decidi que eu ia aprender só. Eu tinha muitos amigos que surfavam então, e eu namorava um surfista então eu peguei uma prancha e fui para dentro d'água, com a cara e a coragem, mas com muitas dicas de fazer, como fazer para não se machucar, com orientação dos amigos e do namorado mas com muita determinação. E nessa brincadeira de aprender a surfar só eu levei de quatro a seis meses para pegar uma boa onda, senti realmente que eu tava ali correndo ali a ondinha né... mas depois desses seis meses eu realmente comecei a surfar, correr a onda até agora completei dez anos de surf. Eu ainda não faço muitas manobras não, mas o surf eu desenrolo assim é uma trajetória muito interessante né... Uma década, muito bacana.

P: Você pode me contar o porquê ou do que você tinha vergonha?

E6: Eu tinha vergonha hoje eu não tenho mais (risos)... eu tinha vergonha do meu corpo, eu tinha vergonha do “mico” de não saber surfar, eu acho que basicamente essas duas coisas eram mais fortes: a vergonha do corpo e a vergonha de ir e “pagar mico” porque eu não sabia praticar aquele esporte ainda.

P: Na sua experiência no surf o que facilitou ou estimulou a sua inserção, enquanto mulher?

E6: A companhia de outras mulheres, sem dúvida, estimula muito, os homens não estimulam nada porque eles, a maioria né... assim... tem um ou outro que dá uma força, mas em sua maioria os homens são muito machistas e quando veem a gente dentro d'água parece que eles não gostam ou sei lá... concorrência... mas a mulher ter uma amiga do lado para surfar, não tem nada melhor.

P: E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção pelo fato de ser mulher?

E6: É eu acho que desde o início também, quando eu falei sobre ter vergonha quando eu não surfava, eu acho que a vergonha do homem né... também da aprovação, então assim esse obstáculo desde o início eu acho que o homem como ser humano machista que é infelizmente ele acaba dificultando um pouco essa inserção no esporte pela mulher talvez.

P: Você vê relatos de outras mulheres que ainda tem esse tipo de obstáculo?

E6: Sim com certeza.

P: Algum outro fator dificulta hoje a tua permanência na modalidade?

E6: A rotina de trabalho.

P: Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E6: Na verdade isso não é nem de opinião, isso é de fato né... você vê que existe uma liga mundial a WSL que é o circuito mundial mais famoso do mundo, conhecido e enquanto a premiação masculina gira em torno de cem mil, duzentos mil dólares para o campeão, numa

competição feminina a moça que ganha, coitada, não leva vinte mil dólares para casa, é muito absurdo... então assim... essa desigualdade, ela é notória sim na maior parte do surf e pensando no pequeno aqui, a gente não tem nem como comentar, no campeonato local também é difícil viu.

P: Você pode citar algum caso onde você viveu uma experiência difícil por ser mulher?

E6: Posso sim, uma experiência difícil por exemplo é a gente tá dentro do mar, superando nossos medos né... voltando de repente de uma situação que você teve que parar de surfar por causa de doença ou por se machucou, e aí você tá voltando, devagarzinho, tentando imprimir aquele ritmo que você tinha anteriormente e você escuta um cara dizer assim para você dentro do mar: “cuidado, não vai tacar a cara na pedra” (risos) ... é muito frustrante. Mas eu acho que vem muito da coisa masculina de não saber como abordar, como falar, como se comunicar de dizer: “olha cuidado ali tem pedra vamos ficar mais para cá” ou “fica atenta”... e nesse dia eu fiquei muito “bolada” porque esse cara que falou isso é um “prego” e aí ele falou exatamente assim “não vai tacar a cara na pedra” e ficou rindo. Tem também aquele cara, que quando vê mulher dentro d’água, fica com aquele sorrisinho sarcástico no canto da boca como quem diz “que essa louca tá fazendo aqui?!?”

P: Você acha que eles (os homens) têm o mar como um espaço deles?

E6: Talvez seja isso, mas eu diria que é uma característica masculina de se achar superior, na minha opinião é mais isso. Porque a mulher que vai jogar futebol, no campo de futebol passa por coisas parecidas também, aquele espaço pode ser... é o espaço deles, que eles consideram que é deles, mas eu acho que é intrínseco ao homem mesmo.

P: Quando você está no mar, mais homens ou mulheres veem até você para te dar alguma dica ou fazer algum comentário sobre o que você deve fazer ou sobre como você está surfando?

E6: Interessante porque nesse caso, eu acho que como eu sou uma pessoa que gosta muito de conversar e sorrir e tudo, eu acho que eu que chego mais tanto nos homens como nas mulheres, e por incrível que pareça, vou adicionar um comentário que você ainda não me perguntou... também existem as mulheres dentro d’água, que são mulheres mais estranhas também, não sei o que passa direito, mas que você chega cumprimenta mas mulher que você não conhece né e de repente você cumprimenta e ela não te cumprimenta ou te cumprimenta meio estranho, ela vira a cara, tem umas situações bem estranhas, mas eu acho que eu não espero a pessoa me abordar, eu mesmo já abordo e dou um bom dia, boa tarde, boa noite sei lá... e já troco uma ideia “e aí tem onda?; tá enchendo? Tá secando?” E troco uma ideia aí vem a onda você pega a onda, aí não tem mais como conversar, mas é bem interessante.

P: Agora falando um pouco sobre a mídia, o que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E6: Eita que pergunta einh... vou ser um pouco crítica tá com a mídia porque eu acho que ainda tem muita aquela que surfista mulher tem que ser bem feita, tem que ser loira, tem que ter os olhos claros, tem que ser gostosa e eu acho que a mídia vacila um pouco nesse aspecto onde tem talentos incríveis de mulheres que não são talvez tão bonitas assim, mas que tem um potencial para o esporte absurdo, tanto na parte de surf amador como de surf profissional pensando no Brasil e no mundo mesmo. Mas eu acho que a mulher ela encara isso de uma maneira tão bacana que ela continua surfando mesmo assim né...

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E6: As mulheres surfistas que eu conheço são mulheres muito determinadas, mulheres de muita garra que trabalham muito que surfam... eu acho que dentro da sociedade assim pensando numa coisa grande se a gente tivesse mais mulheres surfando, talvez a gente tivesse mais mulheres determinadas com menos preconceito na cabeça com relação ao seu próprio corpo. É... eu até acho que a mulher até força uma barra para proporcionar o lugar dela no surf assim... porque quando você vê que a mulher tem filho, por exemplo, a tendência é que a mulher fique sempre com o filho e o marido vai surfar. É... quando a namorada tem um namorado que tem filho como era o meu caso, a namorada fica com os filhos enquanto o namorado vai surfar... então eu acho que a mulher ela bate de frente com isso, a mulher que quer surfar mesmo, que quer manter um ritmo de pegar boas ondas e viajar, ela acaba tendo que se impor para garantir esse lugar dela, para garantir que ela vai ter esse espaço dentro do mar.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E6: Uma trajetória de muitas ondas surfadas, graças a Deus. É uma trajetória bem interessante Nathalia porque, de onde eu comecei até hoje né... eu passei por muita coisa que eu tava até contando aqui para pessoa que tá do meu lado, que antes de surfar eu tinha vergonha depois eu superei a vergonha e ai consegui surfar, aprendi a surfar, consegui imprimir um ritmo legal e ai eu fiquei doente, eu tive chikungunya, que tá acabando com a rotina de muita gente né... tira a saúde da gente e ai a chikungunya me trouxe muita coisa ruim, engordei muito fiquei sem fazer exercício com muita dor, passei quatro meses sem surfar e a volta foi com muito medo, muito pânico muita depressão, ansiedade... e ai para você não desistir da coisa, você acaba superando o seu limite né.. eu cheguei a sair do mar chorando... tem muita coisa, mas é uma trajetória eu diria que de muita determinação até com relação a sociedade porque quem surfa na semana é vagabundo mas quem vai pro happy hour e toma uma cervejinha todo dia no fim

do dia é normal, é social, então... agente tem uma sociedade com os valores muito invertidos ainda infelizmente.

E7, 32 ANOS. SURFA A 8 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E7: O meu primeiro início mesmo no surf, uma das primeiras aulas que eu fiz, eu acho que eu tinha aproximadamente uns 16 anos. Eu ganhei umas aulas de presente da mãe da minha melhor amiga, lá na praia do futuro né... e eu fui. Foi eu e ela, ela também tinha ganhado essas aulas, ai a gente foi. E assim... não era numa escolinha muito boa entendeu?!?... a gente já começou meio que sozinha na história, e eu acabei levando um caldo muito forte, que eu passei muito mal, e eu acabei desistindo nessa época, falei que não ia mais fazer, fiquei com medo e tal... ai foi quando o meu irmão começou a surfar, ai isso eu já tinha mais ou menos uns 23, 24 anos, que foi justamente a uns 8 anos atrás, foi quando meu irmão começou a surfar e ai eu me empolguei de novo ai ele perguntou também se eu queria que ele me pagasse umas aulas e eu fui numa escolinha melhor e comecei mais devagarinho né... com um professor, um instrutor do meu lado, ai eu comecei lá na praia do futuro. E fiz acho que mais ou menos uns 6 meses a 7 meses de aula na praia do futuro, dei meus passos sozinha no surf, foi quando pouco tempo depois eu vim morar em Paracuru e ai foi que eu engatei mesmo a história porque ai eu comecei a ir sozinha, pegar umas pranchas menores, e ai eu comecei a ir... conheci várias meninas aqui também que surfam, que deu um estímulo melhor... e ai comecei, engatei e desde quando eu cheguei aqui em 2008, desde então eu tenho surfado quase que todo dia.

P: Como ou o que despertou seu interesse pelo surf?

E7: Pois é... eu não sei exatamente como e o que me despertou essa história do surf sabe... porque assim... desde que eu me lembro que eu gosto de ir para praia. Eu lembro quando eu era “piveta” que a galera combinava “ah vamos para o shopping” eu não curti muito não, eu queria ir mesmo era ir para praia e tal... e eu gostava muito de ver o surf, a galera surfando, gostava muito de ir para praia para ver a galera surfando, então assim... desde pequena eu tive uma amiga que sempre curtiu essa *vibe* comigo de ir para praia e tal... e a gente assistia os filmes de surf... então assim... eu nem consigo me lembrar direito o que foi. Até porque eu nunca tive uma referência próxima de surfista na minha família por exemplo, mas eu lembro que eu sempre curti muito ir para praia e ficar olhando a galera lá por cima do Bonfim, lá da biruta e ficava olhando a galera surfar e tal. Ai a gente foi ficando maior, só que não tinha coragem de entrar... mar da PF (Praia do Futuro) né... tem todo aquele estigma sobre o mar da PF, e é mais perigoso

realmente e a gente nunca teve coragem até que teve a história dessa aula, foi justamente a mãe dessa minha amiga que pagou a minha aula... não consigo te dizer assim... Exatamente o que foi, mas eu sempre tive essa fascinação pela praia e pelo mar.

P: Na sua experiência no surf algo facilitou a sua inserção, enquanto mulher nesse esporte?

E7: Enquanto mulher não, assim... eu sempre tive vontade de surfar, mas minha mãe nunca é... tipo assim, eu era pequena então eu precisava de um apoio familiar já que eu tinha 13, 14 anos vamos supor, então ela nunca quis na verdade, comecei a aprender por conta da mãe de uma amiga minha e só depois que meu irmão foi surfar, começou a surfar, aí foi que ela meio que desencanou dessa história e depois que eu aprendi depois que eu comecei a surfar, porque quando você começa né... quando você tá aprendendo é tudo muito legal, porque o pessoal, todo mundo ali no mar sabe que você tá aprendendo, da os toques, você acha que tá tudo numa vibe massa né... Deixam as ondas pra você e tal... mas depois que você aprende, que você tá lá dentro, tá no pico tá disputando uma onda né... com homem, com mulher com criança com tudo no mundo... dificulta bastante porque eles, na maioria homens né obvio no esporte, partem do pressuposto que você não sabe, então eles não deixam você pegar onda porque você é menina, porque você não sabe, porque você tá aprendendo entendeu?!?... é tudo muito lindo quando você ta aprendendo e você tá lá em baixo pegando a marola que ele não quer pegar lá atrás, mas na hora que você consegue chegar lá dentro aí o negócio pega né... que aí você começa a disputar mesmo, braço a braço com ele, aí o negócio pega, porque aí ele não quer né... não facilitou nada na verdade. É bem dificultoso aí a história da mulher, hoje em dia está bem melhor, mas na época mesmo que eu aprendi na PF era bem chato essa história assim de você querer, ter sua vez, a sua prioridade e isso não existia né... porque eles partem do pressuposto que você é mulher e você não sabe. Mas assim, fora a história lá dentro do mar, eu sempre tive pessoas que sempre me apoiavam, meu irmão, sempre me apoiou nisso aí, meu namorado na época também sempre me apoiou, então... fora as questões dentro do mar mesmo, fora eu sempre tive o apoio do pessoal

P: Qual motivo sua mãe dava para não te deixar surfar?

E7: Ela achava que era muito perigoso.

P: E além dessa preocupação da sua mãe, alguma coisa foi um obstáculo ou dificultou sua inserção pelo fato de ser mulher?

E7: Como eu te falei, essa história do surf, por eu ser mulher na verdade quando eu comecei, talvez já tivesse tão disseminado assim o surf eu não tive muito obstáculo entendeu? ... O começo né, como eu te falei, ficou mais complicado realmente depois que eu aprendi mais um

pouquinho e eu comecei a entrar nos picos, começando a pegar melhor as ondas, mas assim... enquanto mulher, não teve nenhum tipo de obstáculo para mim não, só realmente essa parte de a gente se sentir um pouco acuada dentro do mar e se sentir desvalorizada porque a gente acaba é... o público masculino surfistas na grande maioria, acaba saindo do pressuposto que você não vai conseguir e que você não vai ter remada para pegar a onda você não vai conseguir, e realmente a gente tem que ficar disputando as vezes até no grito, né... porque acaba que gera uma confusão dentro do mar, mas fora isso... não tem nada não

P: Você acha que existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E7: Ah, com certeza! Com certeza existe sim, apesar de que hoje em dia isso deu uma leve melhorada, mas com certeza existe. A gente tira até pelos programas de surf que hoje existe na tv né... quando é programa com homem aparece o cara surfando, fazendo as manobras, quando é com uma mulher, o foco é a bunda é o peito né... são as pernas... então com certeza existe essa desigualdade sim e nos campeonatos também né, aqui no Brasil a gente tem poucos campeonatos femininos de surf eu acho que não verdade não tem nenhum exclusivo feminino, a maioria é masculino e no internacional existe os femininos né... mas, aqui no Brasil só passa quando passa o masculino, o feminino não passa na tv. Mas, com certeza existe sim.

P: E como você vê o lugar da mulher no surf?

E7: Ah eu acho que hoje a mulher na verdade já conseguiu conquistar o seu espaço dentro do surf, quando eu comecei era só eu de mulher na escolinha e entrava no mar eram 10 homens e só eu de mulher e hoje a gente já consegue entrar no mar e ver de 10 pessoas 8 serem mulheres, então eu acho que o espaço já tá conquistado, até porque já foi mostrado né que a gente tá afim de surfar e a gente quer muito, a gente não surfa maravilhosamente bem, mas eles também não surfam maravilhosamente bem, então eu acho que já se conseguiu mostrar que a gente quer surfar, a gente sabe surfar e a gente pode surfar tão bem ou até melhor que os homens né... porque eu acho que antes daí era muito “ah porque mulher não sabe surfar” “mulher só sabe ficar na areia, pegando bronze, batendo foto”, mas a gente já entrou no mar e mostrou que a gente quer, que a gente sabe sim e a gente consegue surfar até melhor do que eles em alguns casos, vamos assim dizer.

P: E como você enxerga a sua trajetória no surf?

E7: Eu acho assim que foi bem tranquilo, até porque eu comecei na escolinha, então não tive muitos problemas como a maioria que começa sozinha diz ter né... apesar de eu não ter começado tão cedo quanto eu queria mas foi bem tranquilo, até hoje... tive, passei por alguns perrengues dentro do mar né... é... mas, até agora foi tranquila. Muito muito gratificante na verdade (risos). Eu costumo dizer que eu...é antes do surf e depois do surf, eu tinha planos para

antes de eu começar a surfar e depois que eu comecei a surfar na verdade eu mudei completamente minha vida né... meus objetivos, meus planos e viagens e tudo é focado muito nessa parte do surf mesmo.

E8, 22 ANOS. SURFA A 8 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E8: Eu comecei a surfar por influência... na minha família já tinha muito surfista, mas eu nunca tive vontade assim na verdade, nem sei se é vontade eu diria, mas, enfim, nunca fui atrás de aprender a surfar. É... só que a minha tia tava grávida nesse ano, e a gente ficou caminhando na praia e eu vi um aglomerado muito grande no mar com um monte de prancha, só que diferente do que eu já tinha visto antes. Aí ela me contou que foi B1 que tinha uma escolinha e ali era a turma dele. O B1 é um amigo de família, desde pequenininha que eu conheço ele, e aí eu fui lá na escolinha XY atrás dele e fui fazer a minha primeira aula de surf. Eu lembro que foi 6hr da manhã, eu não acordava esse horário assim... o mar lá e tal... eu fiquei com um pouco de medo por entrar assim no mar, apesar da aula ser meio que na beira, mas, foi maravilhoso assim... foi mágico. E não parei mais, de jeito nenhum e se tornou algo assim essencial para mim. Eu me matriculei, fiquei fazendo aula na escolinha pelo período de um ano, porque você começa numa prancha bem grande né, a 9 pés, que é para você adaptar a sua base, conseguir o equilíbrio, e aí conforme você vai evoluindo, você vai diminuindo o tamanho da prancha. E é isso.

P: E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção no esporte pelo fato de ser mulher?

E8: No início foi bem tranquilo, não teve nenhuma dificuldade pelo fato de eu ser mulher, não teve muita limitação física porque eu já nadava antes, eu fazia natação. Mas no decorrer conforme eu fui aprendendo e comecei a surfar sozinha, o que eu percebo é ainda tem um olhar diferente, apesar de ter muita mulher no mar hoje em dia né, que virou meio que modinha o surf agora. E tem muita mulher agora também, é teve um incentivo no surf feminino, eu percebo que muitos homens, remam nas ondas que são nossas, porque existe uma preferência né, existe umas regras de preferência e eles remam porque assim eles muitas vezes “ah! É mulher, não vai conseguir pegar a onda não, eu remo mais que ela, eu surfô mais que ela...” aí as vezes eles embarreiram um pouco, eles dificultam de certa forma, não tem esse respeito sabe, mas também acontece de eles ajudarem isso é bem relativo, mas eu ainda vejo muito, muito esse digamos preconceito com a qualidade do surf feminino. E assim, as vezes algumas meninas ficam acanhadas acabam não pegando muita onda, no meu caso é ao contrário, eu fico... isso me

instiga a surfar melhor e competir no mesmo nível deles sabe... é... mas, assim, melhorou bastante hoje em dia, melhorou bastante do que era antes, eu já surfo a oito anos né então, é... comparado a época que eu comecei a surfar sozinha, quando eu sai da escolinha, tem muito mais mulher no mar e tem muito mais respeito. Eu acho que o surf feminino tá conquistando seu espaço no esporte, tá conseguindo mais respeito, as meninas estão surfando melhor porque você não via muito as meninas no mar, manobrando essas coisas assim.... Você via mais elas descendo na onda e tal “ah! Divertido ...” hoje em dia não. Até no próprio campeonato mundial você vê que o surf tá mais agressivo, você vê que as meninas estão com uma manobra mais forte... não tá o que eu chamaria de “surf de menininha”... a gente tá mostrando para que veio, entendeu?...

P: Você acha que a maneira como as meninas estão surfando atualmente é mais próxima do surf masculino?

E8: Acho que sim porque, um surf mais agressivo como a gente chama, era uma característica muito forte do surf masculino, então eu acho que sim, é uma aproximação do surf masculino, mas não no sentido de “ah, as meninas querem surfar igual os meninos...” não. É que as meninas passaram a se arriscar mais mesmo. A desenvolver as manobras do jeito delas, digamos assim... mas com mais agressividade, que é uma característica do surf masculino. Mas que assim, não que as meninas queiram ficar igual aos meninos, não nesse sentido entendeu?... Mas no sentido de fazer um surf mais radical mesmo.

P: Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E8: Em relação a capacidade física, eu acho que os homens têm realmente mais facilidade do que as mulheres, tipo... biológico mesmo. Em quesito de campeonato, o campeonato masculino tem uma procura maior que o feminino e as premiações são infinitamente superiores. Eu já participei de um campeonato na categoria feminino onde a premiação foi uma blusa e uma bermuda masculino tamanho 46 ou era 48, tipo gigante... uma coisa assim só para dizer que deu. Então são poucos campeonatos que você pode dizer assim que tenha uma premiação feminina que atenda ao público feminino mesmo entendeu? Parte disso é porque, pelo menos em alguns campeonatos que eu conheço, a categoria feminina nunca lota as vagas e são poucas vagas, já são poucas vagas e não lota, pelo menos aqui, não lota não. Lota assim quando é campeonato de alguma barraca mais arrumadinha ou quando é campeonato de escolinha que aí não é necessário a menina surfar tipo... a nível de “ah! Vou virar surfista profissional” entendeu?... que é uma coisa mais amistosa, digamos assim... E patrocínio é muito difícil, muito difícil também. Para as meninas eu acho que não seja tão difícil porque tem a questão da beleza de virar modelo e não sei o que... então tem que ser bonita né... Mas é meio difícil você arranjar

patrocínio no surf, apesar de ser um esporte que tá na moda, teve a questão da crise ai, eu vi muita gente que surfa muito muito e no títanzinho... minha nossa senhora! Todo mundo surfa bem naquele lugar! Mas não tem patrocínio. Não tem. Você vê que tem criança lá que surfa muito melhor que as criancinhas que a gente vê nos vídeos dos instagran's da vida... hoje a WSL postou um vídeo de uma criancinha lá pegando uma onda tem uma menina lá no titã, que é da idade daquela menina, e surfa MUITO melhor que aquela menina, mais do que eu. E não tem patrocínio, não tem dinheiro para poder bancar a vida de surfista profissional.

P: Você imagina o porquê de as mulheres não serem tão atuantes nas competições?

E8: Eu acho que é porque as que são interessadas em realmente participar de competições elas não tem dinheiro para pagar as inscrições que são caras. Assim... eu acho caro, você pagar 80, 100 reais para participar de um campeonato que não vai te dar uma premiação que preste entendeu?... Que vai te dar uma blusa e uma bermuda masculina por exemplo. E as pessoas que tem dinheiro as vezes, ou não interessa a elas participar de campeonato ou então é... não... por ser tão amistoso, por ser mais para carreira surfista mesmo é... acho que ai talvez elas não tenham interesse em participar. Mas houve uma procura maior, com certeza aumento um pouquinho, isso aí é verdade. Esse ano pelos que eu fiquei sabendo que rolou e que eu vi pessoal, teve mais gente.

P: Falando um pouco sobre a mídia... O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E8: Eu acho que assim... melhorou, mas não tá o suficiente sabe... você hoje em dia tem transmissão por exemplo dos campeonatos, tu não vê categoria feminina sendo transmitida, nem aqui no Brasil foi transmitida, só é transmitida geralmente, a semifinal e a final. Eles nunca explicam, muita gente pergunta nas mídias sociais, mas eles não explicam. Eu acho que tem a questão de “ah mostrar que tem o surf feminino, blz! Existe o surf feminino” mas existe o surf feminino na mídia, da menina magrinha, loirinha, lindinha, toda sarada, entendeu? Tipo... não tem... ainda tem o estereótipo muito forte, tem que ter aquela menina surfista bonitinha para conseguir tá na mídia lá “truando”.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E8: A mulher hoje no surf, ela tem muito mais espaço do que tinha antes, mas assim é uma coisa que tá sendo conquistada não é uma coisa que foi conquistada, está sendo conquistada. E eu acho que a tendência é que ela se torne tão importante quanto o homem, como o papel do homem no surf.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E8: Acho que a palavra seria evolução mesmo né... eu fiz um ano de escolinha é mais tempo do que o pessoal faz normalmente hoje. Passei um ano para ter a minha primeira prancha, minha mesmo e tal... então eu passei... quando eu saí da escolinha, eu realmente saí muito madura. Madura assim, já surfava sozinha, já pegava onda sozinha, já conseguia me virar. Mas mesmo assim, existem períodos, de altos e baixos. Às vezes você tá surfando super bem, as vezes você tá caindo em toda onda, mas eu acho que consegui evoluir bastante, eu mudei bastante, questão comportamental mesmo de vida assim... tô sempre procurando evoluir, não estou satisfeita ainda quero evoluir sempre mais.

E9, 39 ANOS. SURFA A 29 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E9: Eu sou atleta de surf, participo da pratica esportiva aquática *bodyboard* e prancha desde os meus 8 anos de idade. O meu início se deu na praia do Iguape, mais precisamente, na praia do barro preto, onde a minha família tem casa de praia, né até hoje, mas, embora seja muito perto da praia e eu ser muito apaixonada pelo esporte eu não tive facilidade, porque era um esporte na época que tinha... era marginalizado, só quem surfava, as pessoas diziam a minha família dizia e era vagabundo, maconheiro e era esporte de homem, então eu tinha que dá o meu jeito para poder iniciar. O meu jeito para iniciar foi com uma tampa de isopor do meu tio e da minha tia, que eles casados eles tinham uma peixaria e quando eles chegaram no Iguape, só tinha o isopor, sem a tampa aí eles presumiram que voou no meio da estrada. Eu partia em vários pedaços e a minha brincadeira a princípio foi caça ao tesouro que eu escondi os pedaços da prancha em vários locais caso eu fosse descoberta, tinha outros pedaços espalhados. Mas assim era complicado porque além da sociedade achar que era um esporte machista, ter a família né que é de fundamental importância para incentivar a criança a iniciar no esporte, é... os meus próprios amigos do surf é... me enxotavam, porque era um esporte só de homem, “sai daqui o que é que tu tá fazendo aqui?” “aqui só tem homem” “vai brincar de boneca em casa”... então a hora que eu surfava era sempre na hora mais quente, porque geralmente o mar não tinha ninguém e geralmente essa hora mais quente, era a hora do almoço, o pessoal saia para almoçar, e dentro da minha casa, a minha família começava a focar na preparação do alimento, então era a hora que eu fugia né... e ai tipo... tive a problemática de preconceito né de gênero e a problemática também do esporte, pelo fato de você tá dentro d’agua, você assim que entra, você acha que dura 15 minutos, mas os 15 minutos passou a tarde inteira e você esquece de comer, você esquece de beber agua, a agua salgada irrita os olhos, então eu voltava com muita fome e

com os olhos, uma tocha, vermelho né... então por vários anos na minha pré-adolescência eu fui acusada que tava usando droga. Foi complicado, mas o esporte surf, é um esporte que vicia. É um vício maravilhoso, é uma coisa que trabalha de dentro para fora, então eu tô a 29 anos surfando.

P: Como começou ou despertou o seu interesse pelo surf?

E9: Quando eu era criança com 8 a 10 anos por ai... minha tia tinha um namorado e ele surfava, e ai isso me atinou né... porque até então eu brincava sozinha, porque eu fui a primeira das netas, fui a primeira filha da minha mãe, então... eu era um criança, no meio... no mundo adulto, então assim... adulto não tem muita paciência para brincar com criança. e o esporte foi muito bacana, o surf, porque depois que a minha família se permitiu comprou uma pranchinha para mim, entendeu que o esporte era bacana, teve todo um processo né... foi um processo muito doloroso para mim, de perseguição, de castigo, de luta, de persistência né... e... foi ótimo porque depois que a minha família descobriu o valor do surf, eles permitiram porque eu deixei de perturbar né... “oh vamos ali tomar um banho de mar...” “oh por favor, vamos brincar comigo”... então meu melhor brinquedo era uma prancha.

P: Com quem você ia surfar?

E9: Eu ia com a minha família que ia para praia, depois que eu conheci o caminho das pedras, ai eu fui sozinha mesmo criança, porque no Barro Preto é um local muito tranquilo, pacato e a casa da gente é perto da praia, então eu ia só, escondida e sempre tinha um cachorro amigo que me ajudava

P: Em sua experiência no surf o que facilitou ou estimulou sua inserção, enquanto mulher nesse esporte?

E9: Na minha época, porque veja só... foi nos anos 80 né... que foi o começo do surf, a explosão do surf no Brasil e no Ceará, então assim o que facilitou na verdade foi o namorado da minha tia, que era educador físico já... então ele teve toda uma didática que me encantou né... é como se ele tivesse me dado o pirulito, eu experimentei e pronto, nunca mais larguei. E ele hoje me dia tem a escola de surf, sendo que lá em Búzios, no Rio, né... e hoje eu tenho uma escola de surf também.

P: E o que dificultou ou foi um obstáculo para sua inserção no esporte pelo fato de ser mulher?

E9: Ah! A época né... a cultura, porque na época as pessoas diziam que todo maconheiro não era surfista, mas todo surfista era maconheiro né... então assim... eu tive muito que lutar contra um conceito cultural da época e foi muito complicado para mim, eu não esqueço nunca né... eu sofri perseguição dos meus amigos, do surf né... da minha família e é isso.

P: Mas você acha que isso era mais intenso, porque era uma menina surfando?

E9: Na época sim, hoje em dia não. Nós temos dois campeões mundiais né... Adriano Mineirinho e Gabriel Medina e hoje em dia aumentou os professores de surf, mas nem todos são gabaritados.

P: Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E9: Assim... hoje em dia, o preconceito que eu vivi na minha época, não existe hoje mais, não existe. Até porque a nossa sociedade, ela tá muito aberta na questão assim de ser relativo, “ah isso aqui é de homem” “isso aqui é de mulher” porque hoje em dia, os homens brincam de boneca, as mulheres brincam de esportes radicais e não quer dizer nada, porque muitas vezes aquele garoto que tá brincando de boneca, não quer dizer que ele é um homossexual e assim vice versa e aquele que só gosta, só brinca de carrinho e as vezes é né... não tem nada haver né... é mais complicado para gente assim que é uma escola de surf e *stand up*, como a gente tá trabalhando a 10 anos dentro de um hotel a gente já recebeu várias assim... homens grandes, fortes, e tal... e dizem assim: “eu quero ter aula de surf, me explica como é a metodologia de vocês”... agente explica, ele aceita, desperta o interesse e vem a vontade de fazer, contrata o serviço e agora pronto... “quem é o professor?” E a gente: “sou eu. ” Ai ele: “como assim?” Então assim... a gente se qualifica bastante, justamente para poder esse impacto ser realmente no início da aula. E depois da aula vem assim um agradecimento. Geralmente as pessoas vêm sérias e voltam felizes e satisfeitas porque realmente a qualidade do serviço não depende do gênero

P: Hoje em dia alguma das suas alunas ou colegas que surfam, ainda relatam algum tipo de preconceito por ser mulher, quando estão dentro d’água?

E9: Então... porque geralmente as meninas, elas surfam de biquíni né, então é até um negócio engraçado, porque não tem esse negócio de preconceito dentro d’água, até pelo contrário, o que tem, assim... em todo lugar que a gente vá... tem lei. Tem regra. No mar, dentro do mar também não é diferente, também tem regra, também tem lei. Então, tem uma ordem de prioridade do qual refere o dono da onda ele tem o privilégio de surfar a onda sem ser atrapalhado. E esse regra consiste em: o surfista que tá mais próximo da espuma com a parede, parede que a gente chama é a parte verde da onda e a espuma é a parte branca né... aquele surfista que fica entre a espuma e a parede, mais perto da espuma, tem o direito de percorre-la em toda a extensão sem ninguém prejudicar né... e muitas vezes... as meninas que tão aprendendo e tal... está numa ordem contraria, atrapalhando o surfista que tem direito a prioridade da onda e os meninos

deixam, dão passagem para as meninas né... e ai é isso... malandramente né... por causa de um biquíni fio dental, a gente tem uma vantagem.

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E9: Então, a gente vive numa sociedade, que o corpo é o objeto né... você vai ver uma propaganda, sempre tem uma menina de biquíni né... você vê um programa de calouros, sempre tem bailarinas seminuas atrás do apresentador, e assim... no mundo do surf, ele vende uma imagem né... saudável e sempre tem menina de biquíni, coisa diferente que os homens estão sempre vestidos de short, não tem ninguém de sunga, então não é diferente. É... a atleta... em relação a atleta, infelizmente as competições de surf, as premiações dos homens são mais altas do que das mulheres e as competições... tem mais competição para homem do que para mulher.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E9: Então... eu fico feliz porque aqui no Ceará, é o berço das melhores atletas do surf aqui no cenário brasileiro. A princípio a gente teve a Joinedile do Vale, que foi a primeira a desbravar os mares pelo mundo, hoje ela é residente na Austrália. Tem duas filhas lindas que pegam onda. Depois veio a Tita Tavares, depois veio Silvana Lima. e modéstia à parte eu também tenho os meus títulos ao redor do mundo, no caso, bicampeã do desafio internacional de surf universitário, Brasil X Portugal, e Brasil X Peru, do qual eu fui duas vezes campeã. Campeã da pororoca, campeã várias vezes brasileira, nordestina e cearense. Então assim o meu auge de atleta é... eu representei muito bem. Graças a Deus e hoje em dia eu me encontro como proprietária de uma escola de surf dentro de um hotel e a gente tem uma sede também, uma outra sede aí na Sabiaguaba que trabalha com *stand up* e caiaque. É muito interessante porque assim... todo mundo, por onde quer que eu vá, conhece o fenômeno Tita Tavares e Silvana Lima né... foram as meninas que participaram das competições mais acirradas do mundo, que é a primeira divisão, o antigo WCT e o WT, atualmente o WT, que é o world tour, né...um campeonato mundial de primeira divisão, do qual elas, a Tita Tavares, cearense, ela foi a primeira mulher a conquistar uma nota 10 num campeonato no Hawaii e a Silvana Lima, ela tá a bastante tempo é... na primeira divisão do campeonato mundial de surf e todo os gringos conhecem a Tita Tavares e Silvana Lima.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf ?

E9: Eu acho muito interessante porque como eu falei, começou com uma brincadeira de criança do qual na minha época não existia nenhuma escola de surf. E assim, eu tive que aprender muitas coisas na marra mesmo e depois eu fui prestar o serviço voluntario no titanzinho e foi lá

que eu aprendi a surfar de prancha e foi lá que na época não existia coach né... que hoje me dia tá uma febre e foi ali que eu aprendi e fui cobaia de um professor de surf, que foi o primeiro professor a criar uma escola de surf no estado do Ceará. E já tratava do coach sem saber que existia o coach. E eu fico muito feliz, porque dentro de uma comunidade carente, no Ceará, tem joias raras preciosas como é o caso do J. C que eu tenho muita gratidão a ele, por ter me ensinado a arte do surf, e ensinado a trabalhar com as crianças do projeto social e desenvolver os trabalhos sociais. E assim... foi ele que também a gente trilhou junto com a Silvana Lima, a gente trabalhou o coach, sem saber que era coach, como eu falei, e ele me perguntou o que era que eu queria, se eu queria ser uma campeã e de que campeonato... e ai eu disse que eu queria ganhar alguns campeonatos, mas eu não queria focar no campeonato, eu queria fazer algo pela minha comunidade, pelo meu povo e através do nosso trabalho, a gente conquistou as nossas metas que foram vários títulos como eu já havia falado e um dos meus títulos mais importantes não é do surf, vem da minha pós graduação em turismo e hotelaria e falta pouquinho para termina a faculdade de educação física e em breve quando eu terminar a faculdade de educação física, eu quero tá engajada na veterinária, porque na beira da praia a gente além de trabalhar com o surf, a gente se depara assim com a nossa disparata social, enquanto uns tem muito, outros tem pouco e na verdade são muitos que tem pouco né e também os animais marinhos, os animais abandonado das beira da praia, que são cachorros, jumentos, gato, tem ave marinha que vem da patagônia e ai a gente faz esse trabalho junto com a Aquasis, junto com o Labomar e a gente já salvou vários animais, já conseguiu várias adoções e a gente também conseguiu várias eutanásias, para poder aquele animal parar de tá sofrendo, vagando na beira da praia com fome e é isso... deixa só eu finalizar uma coisa muito importante, é... depois do meu auge do surf como atleta, eu entrei um pouco numa depressão porque eu não sabia o que fazer né... então assim... eu também devo muito a D. B., que trabalhou comigo na psicologia do esporte e me direcionou a fazer diversas outras atividades, que fizessem com que eu tivesse minha autoestima baixa e tivesse no foco do surf trabalhando assim com alto rendimento de outros atletas levando a minha experiência. Então eu fico muito feliz porque eu saí do mundo das competições ao qual eu fui programada, para acordar cedo, treinar, correr, musculação, yoga, skate, 15 minutos dentro da agua, sai, né... toda aquela programação de atleta e eu continuo sendo útil de outra forma para sociedade e também pro mundo do surf.

E10, 37 ANOS. SURFA A 9 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf

E10: Tive vários inícios, porém somente com um namorado que surfava de *bodyboard* que o ponta pé foi contínuo, e em um momento estressante pois estava a desenvolver meu último trabalho importante na faculdade de educação física, a monografia! Como meu quintal era a praia do futuro aprender nela não era bem divertido, mas minha satisfação e vontade era maior do que as dificuldades que enfrentei naquele mar. Demorei muito a desenvolver meu surf, pois só praticava nos finais de semana. Nesses já quase 9 anos, conseguir ir durante a semana, mas enfim, trabalho, doença... acho que no surf frequento a segunda série do ensino fundamental!

P: Como você despertou o interesse pelo surf?

E10: Acho que interesse pelo surf, ele vem muito da pessoa também, não só de ter espírito aventureiro, mas de gostar da natureza. Então além de eu, eu acho, já ter nascido com essa... essas características, eu tinha também a minha família que gostava muito de ir para praia, eu tinha meu irmão mais velho que já se aventurava em surfar, então... ele já surfava, e eu... não tive... até digo para ele ainda hoje, se ele tivesse me incentivado mais cedo no surf né... nos meus 5 anos 10 anos de idade teria sido muito bom, mas... a vida, a família, não deu certo e... mas é isso, eu sempre me interessei pelo surf desde a adolescência, eu já gostava dos meus fios loiros que eu notava que quando eu ia à praia meu cabelo clareava, eu vivia na praia todo final de semana ... praia... gostava de paquerar com os surfistas, eu achava eles mais bonitos, eu achava eles mais leves, mais auto astral... então o surf sempre me acompanhou. E a pratica de verdade também, só que foi como eu te disse foi em algumas tentativas porque o surf exige muito de você né, do seu físico, da sua coragem, do seu tempo... da sua disposição... mas eu sempre tive esse interesse sempre. Os namorados me davam umas aulinhas mas não dava continuidade, mas sempre tive o interesse pelo surf.

P: Na sua experiência no surf o que facilitou a sua inserção, enquanto mulher no esporte?

E10: Não entendi muito bem essa pergunta... mas vê se é isso... A comunicação é importante para todo aprendizado, então você precisa estar atento. Como todo esporte tem sua alegria e precisamos interagir... tanto faz tem homens e mulheres uns mais abertos outros mais fechados e por aí vai... diferente de alguns esportes ele exige sua auto confiança. Nada te facilita a não ser você e você mesmo no surf... é muito individual, o resto não é prática, é modinha.

P: E algo dificultou ou foi um obstáculo pelo fato de ser mulher?

E10: O mar que eu me joguei, encarei para aprender não foi o dos melhores (praia do futuro)... devido a correnteza vento que é constante quase que o ano inteiro... não é à toa que Ceará é famoso por esportes de vela... então surfistas sofre um pouco... Meu único obstáculo foi somente esse, eu e o mar!

P: Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E10: Sim. Porém como tem em todo esporte, e nas inúmeras relações... mas falando o esporte, performance homens e mulheres são diferentes não somos iguais. O que deveria ser igual compete aos patrocinadores organizadores enfim, volta a questão machista e cultural de um mundo.

P: Você vivenciou alguma experiência difícil no meio do surf, por ser mulher? Algum tipo de preconceito?

E10: Sim, o mais relevante... uma amiga próxima, ela surfava de *bodyboard*, veio me recriminar dizendo que era esporte masculino... fiquei chocada, e acho que inconsciente me impulsionou mais ainda. Diante das dificuldades, tipo pegar ônibus ouvi isso de quem você considera, vejo que fiz o certo... sou muito mais feliz por ter o surf em minha vida. O porte físico também... mas isso você adquire com a prática... como muita tantas outras coisas.

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E10: Na real, acho pouca propaganda, assim repito como em outros esportes... a falta de investimento no próprio esporte já considero a raiz dos problemas.. Moramos em um país com déficit na educação que engloba outros investimentos e daí o atraso gerando um olhar somente preconceituoso com as meninas, sejam elas femininas ou não.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E10: Lugar comum... (risos) Lugar para todos.

P: Para gente finalizar, como você enxerga a sua trajetória no surf?

E10: De caldos pesados, medo, traumas físicos e psicológicos a alegrias, superação e satisfação pela existência da natureza em nossa vida. Do meio e respeito do desconhecido que é o mar, a entrega e confiança de ambos. O mar e eu fazemos parte de um mistério da vida. Só me fez aumentar meu amor e cuidado com a natureza.

E11, 30 ANOS. SURFA A 14 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi o seu início no surf.

E11: O meu início no surf foi até meio cômico, porque a gente não tinha prancha né... então é... uma amiga da gente, que éramos três, a A1, eu e a A2, que é minha cunhada. A Lidiane conseguiu uma prancha, então era uma prancha para três pessoas, aí tipo... cada uma pegava uma onda, tinha que ir até o final que era para onda valer, se fosse só até o meio, a onda não valia, então a gente voltava para dentro d'água porque tinha que a onda do pico até a beira, só

assim valia, ai pegava a prancha e passava para outra e assim, sucessivamente e a gente passava a manha ou a tarde surfando seja lá como fosse. Ai depois eu compre uma de segunda mão, “velhinha” e depois a Iracema comprou a dela, aí eu vendi a minha velhinha e consegui fazer uma nova para mim. Mas, era muito engraçado porque a Lidiane ficava lá fora “é minha vez! É minha vez!” E a gente nunca deixava ela surfar, hoje é a que mais “se garante” de nós tudim (risos).

P: O que despertou seu interesse pelo surf?

E11: Assim... é... eu sempre gostei do surf. Mas como eu morava um pouco numa cidade, num distrito, como a gente chama aqui, meus pais não deixavam eu vim para praia com muita frequência então quando eu comecei a namorar com o Neto, que é o meu esposo, ele me apresentou ao surf de verdade, porque ele sempre surfou, desde criança. Então... praticamente, ele me levou, entendeu? Ai agente tentava, ele tentou diversas vezes, mas era uma pranchinha pequena e eu me estressava e fica frustrada, porque eu não conseguia ficar em pé. Ai se eu não me engano foi em 2010, teve um campeonato aqui WQS. Ai os surfistas e tal... surfavam para caramba, so gente famoso, ai despertou, aquele “plim!” ai eu comecei com as meninas como sempre o trio: Lidiane, Iracema e Rose, era sempre nós três. Ai pronto, foi mesmo através do meu esposo, entendeu?... Porque... se ele não tivesse me mostrado o interesse de ensinar a surfar, porque ele sempre teve, “vamos surfar?” “Vamos!” “Agora é de verdade?” “é”. Ai pronto... ele sempre incentivou a sair da espuma, ir pro pico. Não é à toa que agora o pico do curralzinho como a gente chama, é o pico das *surf girls*, que somos nós, e ele foi um dos incentivadores que nos fez reivindicar o pico do curralzinho como nosso. Não é à toa que o curralzinho hoje é o pico das mulheres praticamente né... a gente chega, vai logo lá pro pico e “já era...” “é nós!”. Mas no começo mesmo, foi ele.

P: E algo dificultou ou foi um obstáculo para você pelo fato de ser mulher?

E11: Dificuldade... dificuldade mesmo... eu acho que não, o que tem mesmo é um obstáculo, porque tipo... eu pego uma onda e o cara me enrabeira pelo fato de eu ser mulher, então eu tô no pico esperando a mais tempo, vem a boa, e tá eu e um cara e ele simplesmente rema na minha onda, me dá um balão, como já aconteceu várias vezes, de eles darem balão na gente, ou fica abaixo mesmo para atrapalhar né... e... quando a gente não consegue pegar a onda também que er ada gente, eles meio que esnobam “Ah! Que é isso?!? Não pegou a onda” “a onda era tua” “a onda era massa” “se fosse eu não tinha perdido” entendeu? Mas ai eu digo que não interessa, a onda era minha e tanto faz eu perder ou não, que a onda era minha e que ele fique quieto na dele (risos). A gente tem que botar uma moralzinha, botar cara feia, gritar mesmo como já

aconteceu vários estresses. Que a gente vai para se desestressar né... mas, o cara tipo vem e quer levar a onda da gente, quer descer a todo custo, mas... é isso aí, dificuldade não, obstáculo mesmo, que é o que a gente tenta constantemente derrubar, esse paradigma de que eu sou mulher eu não posso praticar ou fazer o esporte que eu quero.

P: Na sua opinião existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E11: Caraca... demais, demais mesmo! Eles respeitam, mas, tipo... a mulher é... “a manobra é fraca” entendeu?... Canso de ouvir que a manobra é fraca, quando a gente chega no pico, que tem algum desconhecido eles ficam olhando para gente assim né... ficam se entreolhando e meio que desconfiado né não sabe surfar e tal e existe muito. Aconteceu até um fato com uma das nossas amigas que um dos surfistas daqui ele simplesmente deu uma rasgada na cara dela né... jogou água na cara dela, porque quando a gente chega lá para surfar, a gente vai de turma, vai umas 5 ou 6, e isso muitas vezes incomoda né... e eles ficam dizendo que as mulheres se acham e tal, mas existe uma desigualdade muito grande, muito grande mesmo, infelizmente. Já ouvi dizer: “ah já chegaram...” “entraram só para atrapalhar” essas coisas, entendeu? Mas a gente tá aí para fazer a diferença seja lá o que for, mas existe bastante.

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/ atletas de surf?

E11: Muito muito muito fraco, mesmo assim. Eles não valorizam de modo algum a meu ver. Teve um episódio do WSL, só não me lembro quando foi. Que eu tava assistindo né o masculino, tava passando o masculino na tv a cabo e logo em seguida que encerrasse ia começar a bateria do feminino e simplesmente foi cortado né e eu louca para assistir. Só assisti porque eu tenho internet e acabei assistindo online, porque baixei o programa, o aplicativo, o aplicativo do WSL e assisti pelo aplicativo, porque se não fosse isso eu não tinha assistido, até mesmo porque tem a Silvana Lima conterrânea nossa aqui né, ela é filha de Paracuru mesmo, a família dela conheço mãe, conheço os irmãos e tudo e a gente não vê isso entendeu?... as meninas surfam para caramba e quando vai passar, passa pouco, não passa todas as bateras, igual passa do masculino. Do masculino passa o dia, de madrugada seja lá qual for a hora eles estão transmitindo, as vezes até reprise, entendeu? Se forem horários diferente se ocorrer e tal, mas o feminino não, não tem. E tipo... teve o campeonato, né agora, aí passa o campeão do masculino, tem toda aquela estrutura, aquela coisa do masculino, “ciclano”, “beltrano” e tal... ganhou e tal, foi campeão de *bells beach*, campeão não sei aonde. Quando é o feminino: “fulana de tal” foi campeã dessa etapa... pronto. Isso quando bem passa né... porque as vezes nem isso passa. E olha que eu gosto de acompanhar bem de perto essa parte do surf. Mas é uma triste realidade né, somos o sexo frágil para essas coisas, (risos) mas, para eles né, para muitos, porque eu quero

ver quem é que aguenta ser... trabalhar fora de casa, ser mãe, dona de casa, esposa e ainda procurar tempo para praticar uma atividade física, como é o nosso caso... ou a gente vai para praia ou no meu caso e de alguma das meninas a gente quando não tem onda a gente vai correr, a gente corre né... é... seja lá na praia, sobe e desce morro, corre na avenida, disputando espaço com os carros mas é isso ai mesmo.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E11: Como eu vejo o lugar da mulher no surf né, infelizmente poderia estar melhor, mas é muito inferior né, porque a mídia, muitas pessoas acham que lugar de mulher, é tomando conta de casa, do filho, no máximo trabalhar. Tiro pela minha mãe, que ela pergunta se eu não tenho vergonha na cara (risos) de passar o dia todo dentro do mar né... quando tá rolando onda mesmo, mas, pois é... era para tá melhor, eu acho que pela falta de união também, falta de interesse que algumas tem de não ver valor e não ir atrás né... vê o surf como... porque o surf é visto muito como um esporte de marginal, só quem surfa que usa drogas, né... que usa maconha, fuma maconha... essas coisas. Tem todos esses estigmas do surf infelizmente. Aí quando vai a mulher cara, ai pega pesado né... acho que é por isso também, que muitas mulheres não vão atrás e isso torna o surf para mulher inferior, sei lá... acho que é mais ou menos isso. Eu já fui estigmatizada porque eu surfava, ai eu me machuquei cortei a testa, fui pro hospital, cheguei lá a irmã de uma amiga minha veio dizer que eu tinha chegado, por incrível que pareça eu peguei carona na moto do policial que tava fazendo ronda na praia (risos), foi muito cômico também, só tenho história cômica de surf, e eu cheguei no hospital toda molhada, só de biquíni, parte de cima, parte de baixo eu tava de short, toda molhada, na garupa do policial com a testa sangrando, ela foi dizer que eu tinha chegado muito doída no hospital e tal muito engraçado, ai minha amiga me defendeu né e tal... pois é... mas, poderia tá melhor. Mas, a mulher como eu te falei, a mulher tem que pela sociedade que ser a recatada, de que não pode praticar, fazer essas coisas, porque isso é coisa de homem e tal, pois é, é isso.

P: Como você enxerga a sua trajetória?

E11: Minha trajetória no surf é... fantástica! Porque fiz novas amizades, quando eu vou surfar eu me desprendo de tudo. Desprendo do trabalho, dos problemas que o trabalho dá, problemas familiares, e... a gente medita bastante e é isso, o surf para mim foi e é uma realização de um sonho porque, é muito bom quando as vezes você tá descendo numa onda e tem pessoas que admira né... que acha bacana e tal vem alguém e diz: “poxa a onda foi massa!” “ A ondinha foi legal” “Foi show!” é muito gratificante e as vezes as gente sai tão atribulada do trabalho que desce direto para praia e surfa. Você sai com um sorriso no rosto e deixa tudo lá, deixa tudo para trás, fica tudo lá, é muito bom. É perfeito. É isso.

E12, 28 ANOS. SURFA A 14 ANOS

P: Gostaria que você relatasse como foi seu início no surf.

E12: É... meu início no surf, eu comecei a surfar eu tinha 14 anos quando um grupo de amigas, duas amigas na verdade me chamaram para ir na praia, e aí o mar tava muito agitado, tinha umas ondas muito boas tinha muitas umas pessoas surfando, e uma dessas minhas amigas surfava muito e ela disse: “vamos começar a surfar Lia, você vai gostar, você gosta de esporte, você sabe nadar né... tem casa na praia, vamos surfar ?” Aí eu aluguei uma prancha, na época eu tava de férias no Paracuru em julho, aluguei uma prancha e fui surfar e gostei realmente né do contato com a água, a adrenalina de ter que ficar em pé numa prancha, então aquilo foi assim... amor a primeira vista. E desde os 14 anos, aí em seguida mandei fazer uma pranchinha, minha primeira prancha, e daí até hoje eu com 28 anos, vivo essa cultura do surf, estou um pouco fora da água agora, por conta que tive neném, mas todo momento que eu tenho oportunidade eu tô surfando.

P: Você continuou indo surfar com essas amigas ou sozinha?

E12: Essas minhas amigas que eu dei início ao surf hoje elas não moram mais aqui no Brasil, elas moram em outro país, eu continuei a surfar com outras amigas, com outro grupo de amigas.

P: Na sua experiência no surf o que facilitou a sua inserção enquanto mulher nesse esporte?

E12: É... a facilidade no início pra eu entrar no esporte né no surf em si foi boa a questão motivacional das pessoas, mas ainda hoje não acho tão fácil, porque com o tempo você começa a aprender, você começa a ficar em pé em cima de uma prancha você começa a dropar, você vai tendo mais experiência aí vem aquela questão do machismo né... de achar que é um esporte masculino que só os homens tem que pegar as melhores ondas, então facilitou em partes, mais no começo, mas hoje em dia a gente acaba tendo que disputar onda com os homens dentro do mar, não são todos mas uma parte sim.

P: Você falou sobre o machismo, isso dificultou ou foi um obstáculo para você pelo fato de ser mulher?

E12: No começo quando estava aprendendo não. Com o passar dos anos eu aprendi a surfar e hoje a disputa pela onda em parte dos homens acontece. Tem que disputar a onda. Só isso. Quando você tá começando a surfar todo mundo quer lhe ajudar entendeu? Até os homens dentro do mar lhe incentivam, deixam você pegar todas as ondas aí depois quando você sabe surfar que você consegue entrar no mar sozinha, remar para as ondas, dropar as ondas grandes,

que você aguenta levar um caldo... quando você tá bem no surf ai eles já começam a botar dificuldade entendeu?!?... Eles “não, não a onda é minha” ai aquela gentileza que tinha no começo quando tu tava aprendendo, ela não existe mais por isso que eu digo que é por parte dos homens ne... os homens mais machistas, porque tem uns que diz: “não, vai, pode descer... boa!”, mas parte deles não querem deixar você descer a onda ele diz: “a onda é minha, sai do meio, sai do meio”.

P: Na sua opinião existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E12: Acho que sim. Alguns sim.

P: Em que aspecto?

E12: Na disputa de uma onda como já tinha te falado... da prioridade em ter que pegar a onda no surf amador... e quanto ao surf profissional o incentivo ele é bem maior né porque são pessoas que competem né são atletas de alta performance, aí tem toda questão da maior valorização do profissional, porque eles também recebem patrocínio né... aí rola dinheiro, representa a marca, ganha roupas, ganha prancha, ganha as viagens pra competir, é diferenciado.

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E12: Propaga a imagem de maneira profissional. Algumas vivem do surf.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E12: Bem amplo... as mulheres estão mais interessadas em aprender a surfar. Nosso litoral é bem favorável a prática, a busca aumentou a cada dia, o contato com o mar é super agradável, o círculo de amizade que se adquire através do esporte e eu acho também pelo fato de ser um esporte radical.

P: E como você enxerga a sua trajetória no surf?

E12: O surf muda a vida de muitas pessoas. Minha trajetória fez com que eu conhecesse pessoas agradáveis, aprendi a ter mais tolerância, refletir melhor sobre minha vida, ter uma boa qualidade de vida, respeitar pessoas e o mar.

E13, 17 ANOS. SURFA A UM 1 ANO E 6 MESES

P: Gostaria que você relatasse como foi o seu início no surf.

E13: Assim meu pai surfa e meu irmão também, e desde pequena eu tinha vontade... Aí nas férias de 2015 para 2016 minha mãe perguntou se eu não queria começar a fazer aula. Aí eu fiquei meio assim, porque eu tava achando que eu já tava meio velha. Mas aí quando eu comecei

me obriguei a ter calma comigo mesmo, e ter paciência que aos poucos eu ia aprende e ia chegar lá e tal.

P: Algo facilitou sua inserção pelo fato de ser mulher?

E13: Acho que não. Cheguei a namorar meu professor, mas já fazia mais ou menos um ano que eu tinha começado a surfar. O que facilitou para mim foram as amizades e tal, mas não o fato de eu ser mulher

P: E algo dificultou ou foi um obstáculo por ser mulher nessa modalidade?

E13: Assim, quando eu comecei a ganhar uma certa independência dentro do mar, percebi que o número de meninas nem se comparavam ao número de meninos. No começo eu ficava meio desconfortável por causa do meu corpo etc As vezes eu ficava meio assustada em tá sozinha com um monte de homem, ainda fico, mas acabo que tô me acostumando, já que nunca fizeram nada comigo. E normalmente as pessoas que eu encontro dentro do mar estão lá mais para ajudar do que "atrapalhar".

P: Na sua opinião existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E13: Acho que sim. Eu acho que o número de meninas tá aumentando bastante. Sempre vejo várias meninas se empolgando para aprender a surfar, mas não tenho muitas amigas que surfam por exemplo, e também em campeonatos por exemplo, a gente vê muito mais mídia em cima do campeonato masculino... Eu mesma conheço poucas surfistas profissionais. A mulher ainda não tem o destaque que o homem tem, mas acho que aos poucos nós temos conseguido se inserir bem, e acho também que estamos sendo bem recebidas (risos).

P: O que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem das praticantes/atletas de surf?

E13: Era o que eu tava dizendo: acho que as mulheres ainda não ganharam o destaque devido sobre isso. Mas já melhorou muito. Por exemplo, o canal off tem um programa só com surfistas mulheres. Mas como eu já disse, em campeonatos por exemplo, não vejo tanta mídia em cima do surf feminino. Mas assim, acho que no final essa pouca mídia sobre as surfistas, acaba mostrando também que pelo menos o mar é um espaço da mulher também, e acho que isso tem sido bem aceito.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E13: Fico lembrando da mãe falando que na época dela, os meninos surfavam e as namoradas ficavam na areia vendo eles surfarem. E eu acho que agora as mulheres perceberam que elas podem sair da areia e pegar uma prancha. Acho também que o surf não é um esporte que as pessoas treinam para ganhar ou perder de alguém. Eu acho que o surf é um esporte em que as pessoas se esforçam para no final ter a sensação de ir surfar. E eu acho que as mulheres têm se

empenhado bastante para se inserir no surf, de uma forma diferente da que o homem se empenha. Eu acho que as mulheres que resolveram correr atrás tiveram que passar um pouco por alguns tipos de barreiras para se colocar no mar, e isso é muito importante.

P: O que você acha que difere na maneira como os homens e as mulheres se colocam no mar?

E13: As mulheres que eu conheço que começaram a surfar, e foram atrás e de fazer aulas etc... são bem destemidas, mas uma coisa que eu vejo em comum é que ainda existe um certo receio, medo, mas não são suficientes para empacar o surf. Mas assim como os homens vejo uma relação muito boa entre as meninas do surf, não percebo muita competição entre nós. E acho também que uma das coisas que eu mais percebo é o fato de nos aceitarmos muito bem umas às outras.

P: Você sente essa aceitação dos homens em relação as mulheres quando as veem dentro do mar, disputando as ondas com eles?

E13: Eu acho que ainda tem aquela coisa de tipo olhar e tal, mas n como tipo uma forma de assédio ou algo do tipo. Mas, acho que na hora de disputar onda é de igual para igual, é mais uma questão de educação mesmo, de deixar a pessoa que foi primeiro pegar a onda e tal

P: E como você enxerga a sua trajetória no surf?

E13: Assim, eu acho que eu tenho me esforçado muito por uma coisa que eu quero a MUITO tempo. No começo eu tive problemas com meu medo, com a rotina, com meu corpo, depois tive problemas quando terminei o namoro, porque não tava mais conseguindo enxergar o surf da mesma forma, mas ai tudo isso foi uma questão de conseguir confiança, até poder me enxergar como surfista. Hoje eu consigo ver meu progresso durante esse ano e meio de surf.

E14, 25 ANOS. SURFA A 1 ANO E 10 MESES.

P: Gostaria que você relatasse como foi o seu início no surf.

E14: a minha mãe sempre teve muito medo do mar e tentou me passar esse medo, para ver se eu não entrava sozinha e não me colocasse em perigo no mar. Então eu tenho muito medo mar, não do tamanho dela, eu não tenho pavor, mas eu tenho medo do mar. E eu acho que a minha vontade de surfar, foi uma forma de encarar esse medo, de ir de encontro a esse medo e fazer do mar uma coisa divertida. E eu sempre achei uma coisa muito bonita, sempre achei uma coisa assim mais radical, dentro de um limite de segurança, eu sempre achei muito legal, e a minha mãe sempre falou que não bancava nada. E aí quando eu comecei a ganhar dinheiro, foi quando eu entrei no surf que eu pude me bancar assim... pude bancara as minhas aulas, a minha prancha

e tal. Em relação a experienciar mesmo, eu quis ir atrás de um professor, para começar a surfar e aí me indicaram um professor que dava aula na beira mar. E aí na beira mar não tem onda, mas tem umas marolinhas. Aí eu comecei a surfar numa prancha de esponja uma 7,4. E a sensação de ficar em pé numa marolinha, bestinha já era sensacional, fica em pé ali era bem legal, só que não tinha onda, então não tinha como desenvolver muito o surf. E o que dificultava mais era a remada e entrar numa onda bem pequenininha era mais difícil. E a minha remada sempre foi muito ruim e eu comecei a querer largar. “Não, não vou surfar!” E aí o professor: “ não que é isso, compra tua prancha, vai surfar em um mar como o Iguape, Taíba, alguma coisa assim... que não seja a praia do futuro, que é tão tumultuada, que tu consegue”. So que eu não acreditava em mim de jeito nenhum, porque eu não tinha remada, mas eu conseguia subir direitinho na prancha e aí eu fiquei nessa: largo ou não largo, compro minha prancha, como é que eu faço... tava meio desestimulada. Aí me indicaram a XY e eu fui fazer uma aula experimental lá, e me apaixonei pela escolinha pela *vibe*, e eu vi que tinha muito mais coisa para fazer no surf com as ondas um pouco maiores. E aí eu me matriculei na XY e comecei a surfar lá. Bem aí depois que eu comecei a surfar na PF (praia do futuro), eu acho que eu não tive mais esses períodos desestimulantes assim, porque a PF é sempre uma aventura, o pessoal é sempre animado e é bem divertido. E a minha maior dificuldade sempre foi a remada assim para subir na prancha, ficar em pé sempre foi mais fácil. Até hoje eu ainda to com aula, porque eu não confio em mim, para entrar sozinha no mar da PF, se eu fosse pra Taíba, para o Iguape eu teria coragem de surfar sozinha, mas até hoje eu não tenho coragem de entrar sozinha no mar da PF, por causa da minha remada que não é boa então uma coisa que marcou muito o início foi esse remada difícil e lenta, mas os professores da XY sempre deram uma ajudinha, dão uma estimulada, deram uma forcinha, então eu consegui ficar estimulada por pegar onda que já era bem divertido. E assim, o que marcou o meu início no surf, foi isso, uma relação de medo, no sentido de desafio, não um medo que me apavora, mas um medo que me estimula a surfar e as dificuldades, que era a minha dificuldade com a remada. Mas ao mesmo tempo era muito divertida a sensação de ficar em pé em cima de uma prancha, tá deslizando, flutuando em cima do mar, era muito legal. A *vibe* do pessoal, a animação, começar o dia com a cabeça mais relaxada, mais tranquila, é uma coisa que marcou o surf no início.

P: Na sua experiencia no surf, algo facilitou a sua inserção enquanto mulher no esporte?

E14: é difícil eu te responder essa pergunta, porque enquanto mulher eu acho que eu nunca senti alguma dificuldade ou facilidade por ser mulher no surf não. Uma dificuldade que eu sinto que eu posso atrelar ao fato de eu ser mulher é a minha remada, que é uma dificuldade que eu tenho sempre, que é falta de força no braço, que pode influir eu ser mulher e geralmente mulher tem

menos força no braço. Mas assim, também não teve nada que me ajudou em relação a esse aspecto. Talvez... assim, eu sei que o surf é um mundo muito masculino, tem mais homem no mar, você vê assim claramente, tem bem menos mulheres no mar do que homens, mas isso nunca me afetou, então não teve nada que me facilitou enquanto mulher não sei se eu vivo dentro de uma bolha, porque na escolinha, as mulheres são maioria, não como professoras, mas como mulher, elas são maioria. E talvez eu não sinta essa diferença por conta disso.

P: Na sua opinião, existe desigualdade entre homens e mulheres no surf?

E14: Tá aí uma coisa que eu sinto muito a desigualdade, é em relação a vestuário. É muito difícil achar roupas confortáveis e bonitas para surfar, para mulher. Já para homem, tem loja em todo buraco. Acho que como o surf começou com os homens existe uma demanda mais tempo, um mercado maior voltado para isso, e as lojas suprem esse mercado de bermudas confortável pra surfar, bermudas com bolso, para colocar a parafina, colocar a chave e... malhas com corte pensando no conforto na hora de surfar e tal. E existem poucas lojas que vendem roupa de surf para mulher, quando existe, a variedade de malhas, vamos supor, com o corte feminino é menor do que a do masculino, isso tudo é mais difícil para gente. E pensando em peças de roupa que só a gente usa, como biquíni, maiô... eu gosto de surfar de maiô, manga longa que tenha proteção UV e que sejam bem vestidinhos em baixo, quase um shortinho, para não ficar incomodando na hora que eu tô remando, que eu to subindo na prancha mesmo e existem poucas lojas que vendem pensando no conforto do surf. As que vendem ainda pensam muito na moda simplesmente pelo que você tá vendo “ah! Que maiô lindo” e você vai usar para surfar, e ele incomoda para caramba, assim eu acho que o mercado valha muito com a moda feminina, existe o mercado, já tem muita mulher surfando, muita mulher querendo isso e não tem um mercado que supra. Bem, fora isso da roupa que é uma coisa que realmente me incomoda, de não ter mais mercado para mulher, não tem muita diferença entre homem e mulher no surf não. Eles começaram primeiro, por isso eles ainda estão em maior quantidade, mas a gente ta vencendo isso, eu nunca senti um desrespeito dentro do mar, ou com alguém assim na praia, fazendo alguma coisa, ou falando alguma coisa comigo, por eu ser mulher. Pelo contrário, os homens que surfam, que eu tive contato, sempre me incentivaram “ah que legal” “ah ta faltando força no braço, é só um jeitinho”... assim sempre foi muito bom eu nunca tive problema em relação a desigualdade entre homem e mulher no surf não.

P: o que você pensa a respeito de como a mídia propaga a imagem da praticante/atleta de surf?

E14: Em relação a mídia propagando a imagem da praticante do surf, eu assumo que eu não assisto muito canais que passam surf, então eu vejo pouca propaganda, assisto pouco o canal off e o que eu acho é que tem pouca mídia, pouca propaganda do surf em qualquer outro local que não seja o canal off, então se você não for atrás de ver coisas de surf você não vai ver nenhuma propaganda disso. Eu acho que tem uma coisa que mexeu muito com a minha cabeça, mas eu parando para pensar como a mídia mostra isso, eu acho que a mídia mostra o praticante do surf, seja mulher ou homem como uma coisa muito sensual, é sexy ser surfista. Eu conheço muita gente que começou a surfar ou foi para praia com uma prancha, para fazer sucesso com as meninas, entendeu?... E... eu acho que isso não é legal, porque se a gente quer levar uma coisa a sério como um esporte como algo que vai entrar para as olimpíadas, algo que a gente quer lutar para ter uma performance melhor, não é legal a gente sensualizar o esporte. Obviamente a mulher é muito sensualizada, a mulher entra de biquíni, com uma prancha de surf e tal, mas eu não acho que seja uma coisa específica das mulheres, acho que o esporte de um modo geral é visto assim.

P: Como você vê o lugar da mulher no surf?

E14: eu acho que a mulher ocupa um local de descoberta, eu vejo cada vez mais mulheres descobrindo o surf, desde novinhas. A gente acompanha pais estimulando crianças, meninas, a entrarem no surf novinhas, você vê mulheres que não tiveram essa oportunidade, meninas já da minha idade, descobrindo o surf, se divertindo com isso, e as vezes competindo pela diversão. Eu acho que as mulheres ocupam um local de descoberta. De início. Os homens ainda dominam o espaço do surf, mas eu não vejo dominando como uma coisa definitiva. Eu acho que os homens descobriram o surf antes, a gente ta descobrindo o surf agora, e eu acho que em algum tempo a gente se iguala. Infelizmente os homens ainda predominam, ainda tem mais homens surfando, ainda tem mais homens competindo, mas eu acho que a mulher já tem um certo espaço, já tem grandes campeonatos de surf, com participação de muita mulher, tem muita mulher boa surfando eu acho que é uma questão de tempo para a gente igualar isso aí.

P: Como você enxerga a sua trajetória no surf?

E14: Eu tava pensando nisso hoje. Eu tava surfando hoje no mar e eu tenho uma prancha, uma 6.0, um pranchinha de bico e tal, só que ela é uma prancha muito volumosa, ela é bem estável, bem gostosa de surfar, mas para furar com ela, é uma coisa bem difícil, e ai eu comecei a pensar assim: como o surf tem sido uma cadeia de realizações, eu vejo a minha história, como algo que eu nunca imaginei. Eu não sou uma grande surfista, longe disso. Eu sou surfista de marolinha, mas como isso parecia distante quando eu comecei a surfar sabe... a gente na escolinha vai

evoluindo com passinhos pequenos, a gente pega uma prancha bem grandona de esponja e aí vai diminuindo a prancha, vai mudando o material e passa para as pranchas de fibra, mas ainda bem grandona e depois passa para a pranchinha de bico e depois eu comprei a minha prancha que é a que eu tô surfando até hoje. E hoje eu falei: caramba essa prancha tem muito volume para mim, eu tava conversando com o dono da escolinha falando assim: caramba eu queria uma prancha para eu conseguir furar, porque furar na minha prancha com o meu peso é muito difícil. Eu tenho muita área muito volume para pouco peso. E aí eu já queria mudar de novo, já queria trocar a minha prancha, e eu só tenho 6 meses de prancha. E dá para ver uma evolução enorme. Eu comecei numa prancha grande, querendo ficar em pé, depois querendo ficar em pé e pegar uma onda reto. E depois a gente começa a prestar atenção em outras coisas na onda, ver se a onda vem de direita ou de esquerda, qual o melhor local da onda para você remar para esse local antes de entrar na onda mesmo e subir. Se preocupar de pegar a paredinha, de ficar no local certo da onda. São preocupações que eu nunca imaginei te quando eu comecei a surfar, eu só queria ficar em pé. E é interessante ver essas preocupações assim... caramba, eu não surfo bem, porque eu não tô conseguindo fazer isso e isso... e quando eu comecei a surfar, eu achava que uma pessoa surfava muito bem só porque surfava numa prancha menor. Mas hoje eu ainda entrei com o professor me direcionando na voz “aquela onda é boa!” “Aquela onda é ruim!”. A minha meta é entender a onda e entrar nela sozinha sem ninguém me avisar o que eu tenho que fazer na onda. Mas eu vejo uma trajetória muito divertida. A minha meta no surf é me divertir, é espairecer, e eu consegui isso independente do estágio que eu estivesse do surf, uma trajetória de alguém que não quer competir, que não é uma meta entrar para esse lado, mas só pela diversão já é muito legal você superar suas próprias metas. Um dia minha meta foi passar para uma prancha de fibra, depois foi pegar uma pranchinha de bico, depois comprar a minha. E hoje a minha meta é entender as ondas, saber o que que eu tô fazendo sabe...mas é uma trajetória muito divertida. Foi muito bom, tem sido muito bom.

ANEXOS

ANEXO A:**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Sou aluna do curso de Educação Física, realizado pela Universidade Federal do Ceará e estou desenvolvendo a pesquisa intitulada “**Mulheres gênero e surf: narrativas sobre inserção e permanência na prática.**”, sob a orientação do Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno. O objetivo geral da presente pesquisa é analisar percepções sobre o lugar da mulher no surf, a partir das narrativas de praticantes e/ou atletas da modalidade, sobre ser mulher nesse esporte. Para o alcance do objetivo acima descrito serão utilizadas entrevistas individuais. Dessa forma convido você a participar dessa pesquisa. Gostaria de acrescentar que você não terá nenhum prejuízo profissional nem pessoal, visto que as informações coletadas serão utilizadas apenas para a realização da pesquisa. Seu nome será preservado caso haja publicação ou apresentação do estudo. Você tem a liberdade de retirar sua autorização ou consentimento a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum. Caso precise entrar em contato com o pesquisador responsável, utilize o telefone: (85) 33669533.

ATENÇÃO! Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante sua participação no estudo, dirija-se ao:
Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da UFC
 Endereço: Av. Mister Hull, s/n - Parque Esportivo - Bloco 320 - Campus do Pici - CEP 60455-760 - Fortaleza - CE
 Fone: (85) 3366 9217
 Fax: (85) 3366 9533

Fortaleza, ____ de _____ de _____

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Consentimento Pós-Esclarecimento

Tendo sido informado (a) sobre a pesquisa “**Mulheres gênero e surf: narrativas sobre inserção e permanência na prática.**”, e depois de compreendido suas etapas, bem como objetivos, esclarecidas minhas dúvidas, e estando ciente de meus direitos, DOU O MEU CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR, SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza, _____ de _____ de _____	
Assinatura do voluntário(a) da pesquisa	(Responsável pela pesquisa)

(1ª via pesquisador; 2ª via participante)